

DANIANI SCHONS DA SILVA

CADA PONTO CONTA: MEMÓRIA E IDENTIDADE DE MULHERES NA APAE DE  
GARUVA/SC, EM SUAS ARTESANIAS E NARRATIVAS.

EVERY STITCH COUNTS: MEMORY AND IDENTITY OF WOMEN AT APAE IN  
GARUVA/SC, IN THEIR HANDICRAFTS AND NARRATIVES.

CADA PUNTADA CUENTA: MEMORIA E IDENTIDAD DE LAS MUJERES DE APAE,  
EN GARUVA/SC, EN SUS ARTESANÍAS Y RELATOS.

JOINVILLE – SC

2024

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE PRÓ-REITORIA DE  
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM  
PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE - PPGPCS  
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

CADA PONTO CONTA: MEMÓRIA E IDENTIDADE DE MULHERES NA APAE DE  
GARUVA/SC, EM SUAS ARTESANIAS E NARRATIVAS.

DANIANI SCHONS DA SILVA

ORIENTADORA: RAQUEL ALVARENGA SENA VENERA

COORIENTADOR: VINÍCIUS ARMILIATO

JOINVILLE - SC

2024

DANIANI SCHONS DA SILVA  
CADA PONTO CONTA: MEMÓRIA E IDENTIDADE DE MULHERES NA APAE DE  
GARUVA/SC, EM SUAS ARTESANIAS E NARRATIVAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Linha de pesquisa Patrimônio, Memória e Linguagens, da Universidade da Região de Joinville (Univille), como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade sob orientação da professora Raquel Alvarenga Sena Venera e coorientação do professor Vinícius Armiliato.

JOINVILLE - SC

2024

## FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

S586c	<p data-bbox="606 1579 1412 1702">Silva, Daniani Schons da Cada ponto conta: memória e identidade de mulheres na APAE de Garuva/SC, em suas artesanias e narrativas / Daniani Schons da Silva; orientação Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera; coorientação Vinicius Armiliato. – Joinville: UNIVILLE, 2024.</p> <p data-bbox="606 1724 1412 1758">136 f.: il.</p> <p data-bbox="606 1780 1412 1825">Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural – Universidade da Região de Joinville)</p> <p data-bbox="606 1848 1412 1904">1. Arteterapia. 2. Memória na arte. 3. Patrimônio cultural. I. Venera, Raquel Alvarenga Sena (orient.). II. Armiliato, Vinicius. III. Título.</p> <p data-bbox="1244 1915 1412 1948">CDD 701.15</p>
-------	--

Elaborada por Ana Paula Blaskovski Kuchnir – CRB-14/1401

# FOLHA DE APROVAÇÃO

## Termo de Aprovação

“Cada ponto conta: memória e identidade de mulheres na APAE de Garuva/SC”

por

Daniani Schons da Silva

### Banca Examinadora:

Profª. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera  
Orientadora (UNIVILLE)

Prof. Dr. Vinícius Armiliato  
Coorientador (UNIVILLE)

Profª. Dra. Rosvita Kolb Bernardes  
(UFMG)

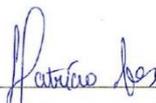
Profª. Dra. Mariluci Neis Carelli  
(UNIVILLE)

Profª. Dra. Roberta Barros Meira  
(UNIVILLE)

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.



Profª. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera  
Orientadora (UNIVILLE)



Profª. Dra. Patricia de Oliveira Areas  
Vice- Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

Joinville, 28 de agosto de 2024.

Dedico esta dissertação a todas as mulheres, cuja força, amor e resiliência são verdadeira inspiração. A vocês, que equilibram os papéis de cuidadoras, educadoras, protetoras e muitas vezes de líderes, sem perderem a ternura e a esperança. Cada página deste trabalho reflete a admiração e o respeito que tenho por sua incansável dedicação e pelo amor incondicional que permeia cada aspecto de sua jornada. Que esta pesquisa possa, de alguma forma, honrar suas histórias, lutas e conquistas, e inspirar gerações futuras a valorizar e reconhecer a importância fundamental que cada uma de vocês tem na construção de uma sociedade mais compreensiva, inclusiva e amorosa.

## AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha mais sincera gratidão a todos que tiveram um papel essencial na realização deste trabalho. Primeiramente, minha profunda gratidão se dirige à minha família, e em particular ao meu parceiro, Robson Miguel, cujo apoio, motivação e incentivo contínuos foram fundamentais. Sou também imensamente grata aos meus filhos, Maria Schons da Silva e Gabriel Schons da Silva, pela paciência e compreensão demonstradas, especialmente nos momentos em que estive mais absorta em meus estudos, e a minha nora Amanda Carolina Schmauch, e leituras realizadas por ela.

Meus agradecimentos se estendem a todos os professores do mestrado em Patrimônio Cultural, cujos ensinamentos foram valiosos para o meu desenvolvimento acadêmico. Sou igualmente grata aos colegas da turma XV do mestrado, cuja troca de experiências enriqueceu minha jornada. Agradeço de coração às mães e mulheres que participaram da minha pesquisa, compartilhando suas histórias e memórias de forma tão generosa.

Um agradecimento especial é reservado aos meus orientadores: à Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera, que desde o início do mestrado acolheu minhas ideias e acreditou em minha proposta de pesquisa, e ao Dr. Vinícius Armiliato, cujas contribuições foram decisivas para o enriquecimento do meu trabalho. Sou igualmente grata às Dras. Mariluci Neis Carelli e Roberta Barros Meira, que, como membros da minha banca, ofereceram insights e recomendações fundamentais para aprimorar minha pesquisa.

Um agradecimento caloroso aos meus colegas de classe, em especial a Jonathan Gomes dos Santos, Elivelton Train e Evelyn de Jesus Jeronimo, pelo apoio e pelas ideias compartilhadas ao longo desta jornada. Minha gratidão também à APAE de Garuva por abrir suas portas para a realização da minha pesquisa e ao clube de mães pela receptividade e contribuição vital para o sucesso do projeto.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a Deus, que sempre guia meu caminho com pessoas inspiradoras e oportunidades de aprendizado. Cada pessoa que cruzou meu caminho durante esta jornada deixou uma marca indelével, e por isso, minha gratidão é imensa.

## RESUMO

Esta dissertação, desenvolvida no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, está vinculada à linha de pesquisa Patrimônio, Memória e Linguagens. O objetivo desta dissertação é explorar a potencialidade da arteterapia como uma metodologia aplicável ao campo do Patrimônio Cultural. Acredita-se que a arteterapia pode contribuir para uma compreensão mais ampla e sensível das experiências individuais e coletivas em relação a memória e ao patrimônio cultural. Serão investigadas memórias e as identidades de mulheres, algumas delas mães de crianças com deficiência, utilizando a metodologia da arteterapia; observando os processos identitários envolvidos nas diversas experiências e papéis que essas mulheres desempenham em suas vidas.

A metodologia da arteterapia será estudada percebendo o uso das lembranças do passado, acionadas em narrativas de memória, com intenções de afirmação de identidades e perspectivas de futuros. Para o alcance dos objetivos propostos neste estudo, optou-se por estruturar a pesquisa em três etapas: (i) pesquisas bibliográficas; (ii) construção de um acervo empírico; (iii) compreensão desse acervo destacando as potencialidades da metodologia da arteterapia no campo do patrimônio. A pesquisa bibliográfica visa recolher informações apanhando como referência o conhecimento acumulado sobre os assuntos pertinentes a essa pesquisa em livros, teses, dissertações, artigos científicos, técnicos e profissionais, abrangendo os estudos da temática; A pesquisa empírica foi desenvolvida em oficinas de Arteterapia com mulheres, com as categorias de referência sendo a Memória e a Identidade. Esta pesquisa aposta na observação de realidades de mulheres, algumas delas mães de estudantes com deficiências atendidas na APAE do município de Garuva, SC. Trata-se da observação das narrativas dessas mulheres a respeito das dimensões de suas identidades, incluindo aquelas formadas a partir da dedicação, da maternidade e da função de cuidadoras. Investiga os processos identitários dessas mulheres e busca a criação de memórias revisitadas e provocadas pela arteterapia, utilizando a linguagem dos contos. O patrimônio (em) comum da humanidade, como a linguagem e suas formas de expressão, é um campo ainda em investigação, e essa hipótese interdisciplinar com a Arteterapia pode contribuir com os argumentos deste tipo de patrimônio.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural; Histórias de apagamento; Arteterapia; metodologia.

## ABSTRACT

This dissertation, developed in the Master's Degree in Cultural Heritage and Society, is linked to the line of research Heritage, memory and languages. The aim of this dissertation is to explore the potential of art therapy as an applicable methodology in the field of cultural heritage. It is believed that art therapy can contribute to a broader and more sensitive understanding of individual and collective experiences in relation to memory and cultural heritage. Memories and identities of women will be investigated, some of them mothers of children with disabilities, using art therapy methodology; observing the identity processes involved in the diverse experiences and in the roles that these women play in their lives. The art therapy methodology will be studied by understanding the use of memories from the past, activated in memory narratives, with intentions of affirming identities and future perspectives. To achieve the objectives proposed in this study, it was decided to structure the research in three stages: (i) bibliographical research; (ii) construction of an empirical collection; (iii) understanding this collection, highlighting the potential of the art therapy methodology in the field of heritage. Bibliographic research aims to collect information by taking as a reference the accumulated knowledge on the subjects relevant to this research in books, theses, dissertations, scientific, technical and professional articles, covering studies on the subject; The empirical research was developed in Art Therapy workshops with women, with the reference categories being Memory and Identity. This research focuses on observing the realities of women, some of them mothers of students with disabilities attended at APAE in the municipality of Garuva, SC. It involves observing the narratives of these women regarding the dimensions of their identities, including those formed from dedication, motherhood and the role of caregivers. It investigates the identity processes of these women and seeks to create memories revisited and provoked by art therapy, using the language of short stories. The common heritage of humanity, such as language and its forms of expression, is a field still under investigation, and this interdisciplinary hypothesis with Art Therapy can contribute to the arguments of this type of heritage.

**Keywords:** Cultural Heritage; Stories of erasure; Art therapy; methodology.

## RESUMEN

Esta tesina, desarrollada en el marco del Máster en Patrimonio Cultural y Sociedad, está vinculada a la línea de investigación Patrimonio, Memoria y Lenguajes. El objetivo de esta tesina es explorar el potencial de la arteterapia como metodología aplicable al campo del patrimonio cultural. Se considera que la arteterapia puede contribuir a una comprensión más amplia y sensible de las experiencias individuales y colectivas en relación con la memoria y el patrimonio cultural. Se investigarán memorias e identidades de mujeres, algunas de ellas madres de niños con discapacidad, utilizando la metodología de la arteterapia; observando los procesos identitarios implicados en las diversas experiencias y roles que estas mujeres desempeñan en sus vidas. Se estudiará la metodología de arteterapia analizando el uso de recuerdos del pasado, desencadenados en narrativas de memoria, con la intención de afirmar identidades y perspectivas para el futuro. Para alcanzar los objetivos propuestos en este estudio, se decidió estructurar la investigación en tres etapas: (i) investigación bibliográfica; (ii) construcción de una colección empírica; (iii) comprensión de esta colección destacando el potencial de la metodología arteterapéutica en el campo del patrimonio. La investigación bibliográfica tiene como objetivo reunir información tomando como referencia el conocimiento acumulado sobre los temas pertinentes a esta investigación en libros, tesis, disertaciones, artículos científicos, técnicos y profesionales, abarcando los estudios del tema; La investigación empírica se desarrolló en talleres de arteterapia con mujeres, siendo las categorías de referencia Memoria e Identidad. Esta investigación se basa en la observación de las realidades de las mujeres, algunas de ellas madres de alumnos con discapacidad que son atendidos en APAE en la ciudad de Garuva, SC. Se trata de observar las narrativas de estas mujeres sobre las dimensiones de sus identidades, incluyendo las formadas a partir de la dedicación, la maternidad y el papel de cuidadoras. Investiga los procesos identitarios de estas mujeres y busca crear memorias que sean revisitadas y provocadas por la arteterapia, utilizando el lenguaje de los relatos. El patrimonio (in)común de la humanidad, como el lenguaje y sus formas de expresión, es un campo aún en investigación, y esta hipótesis interdisciplinaria con arteterapia puede contribuir a los argumentos sobre este tipo de patrimonio.

**Palabras clave:** Patrimonio cultural; Historias de borrado; Arteterapia; metodología.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Clube de mães da APAE Garuva.....	28
<b>Figura 2</b> - Foto da mandala no chão .....	57
<b>Figura 3</b> - Início da oficina com conto Mãe D'água. ....	60
<b>Figura 4</b> - Início da oficina com conto Mãe D'água .....	61
<b>Figura 5</b> - Mg, na construção da sua narrativa. Conto da Mãe D'água.....	63
<b>Figura 6</b> - Angel na construção da sua narrativa. Conto da Mãe D'água.....	64
<b>Figura 7</b> - Trudes na produção da história mãe D'água. ....	66
<b>Figura 8</b> - Rose na sua produção do Conto mãe D'Água. ....	67
<b>Figura 9</b> - Noe na produção do conto mãe D'Água.....	68
<b>Figura 10</b> - Mg sua produção final do conto Mãe D'Água .....	71
<b>Figura 11</b> - Trudes história da Mãe D'Água .....	76
<b>Figura 12</b> - Angel história da Mãe D'Água.....	78
<b>Figura 13</b> - Noe sobre o conto Mãe D'água. ....	82
<b>Figura 14</b> - Mg e Trudes na segunda história .....	85
<b>Figura 15</b> - Quarta oficina roda de conversa. ....	87
<b>Figura 16</b> - Mg na sua segunda produção.....	88
<b>Figura 17</b> - Segundo trabalho de Angel.....	91
<b>Figura 18</b> - Segundo trabalho de Trudes .....	95
<b>Figura 19</b> - Trabalho de Noe sobre o conto Conto da Mãe D'água. ....	97
<b>Figura 20</b> - Narrativa de Rose .....	98
<b>Figura 21</b> - Trudes e Angel costurando. ....	99
<b>Figura 22</b> - Noe, Trudes e Angel na montagem da colcha .....	99
<b>Figura 23</b> - Montagem da colcha pelas participantes. ....	100
<b>Figura 24</b> - Mg costurando o artesanato para colcha.....	100
<b>Figura 25</b> - Colcha finalizada. ....	1022
<b>Figura 26</b> - Trudes na construção do seu castelo.....	118

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 01 - A ARTETERAPIA NA VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL: REFLETINDO SOBRE O PAPEL DAS MULHERES.....</b>	<b>24</b>
1.1 IDENTIDADE E MEMÓRIA: REFLEXÕES SOBRE AS NARRATIVAS .....	37
1.2 ARTETERAPIA E ARTE: CONEXÕES ENTRE CRIATIVIDADE, SUBJETIVIDADE .....	42
1.3 A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL.....	48
<b>CAPÍTULO 2 - “NARRATIVAS DE VIDA COMO RECURSO METODOLÓGICO NA TEORIA DA FORMAÇÃO”.....</b>	<b>55</b>
2.1 ARTE E IDENTIDADE: TEIAS DE MEMÓRIAS E SENTIMENTOS .....	56
2.2 EMOÇÕES E IDENTIDADES ENTRELACADAS .....	69
2.3 DESVENDANDO OS FIOS EMOCIONAIS: O CONTO E O REVISITAMENTO DAS MEMÓRIAS.....	83
<b>CAPÍTULO 3 - REFLETINDO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA ARTETERAPIA NA PESQUISA DO PATRIMÔNIO CULTURAL.....</b>	<b>103</b>
3.1 SUPERANDO O SILENCIO: A IMPORTANCIA DA EXPRESSÃO ARTISITICA NO ENFRENAMENTO DE MEMÓRIAS DIFICEIS. ....	104
3.2 PROMOVENDO A ESCUTA EMPÁTICA: A IMPORTÂNCIA DE EXPERIÊNCIAS DE MEMÓRIAS.....	110
3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO MEMÓRIAS E IDENTIDADES SILENCIADAS. ....	114
<b>REFLEXÕES FINAIS .....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>126</b>
<b>ANEXO A – PARECER CONSUBISTANCIADO N. 5.979.872 .....</b>	<b>129</b>
<b>ANEXO B - MAPA DE GARUVA.....</b>	<b>132</b>
<b>ANEXO C - CONTOS 01 .....</b>	<b>133</b>
<b>ANEXO D - CONTO 02 .....</b>	<b>135</b>
<b>ANEXO E - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES .....</b>	<b>137</b>



## INTRODUÇÃO

O apagamento histórico das contribuições e experiências das mulheres tem sido uma constante ao longo da história, resultando em uma representação distorcida e incompleta de nossas narrativas culturais e sociais. Este fenômeno de apagamento não apenas silencia vozes femininas, mas também priva a sociedade de uma compreensão mais rica e diversificada do passado e do presente. A invisibilização das mulheres em registros históricos, literários e culturais reforça estereótipos e perpetua desigualdades, subtraindo do patrimônio cultural as inúmeras e variadas formas de saberes e vivências femininas.

A importância desta pesquisa reside na necessidade urgente de reconhecer e valorizar as histórias das mulheres, não apenas como um ato de justiça histórica, mas também como um meio de enriquecer nosso entendimento sobre a formação de identidades e culturas. Ao trazer à tona as narrativas femininas, confrontamos o apagamento e promovemos a inclusão, permitindo que as vozes silenciadas contribuam para uma narrativa mais completa e equitativa.

Esta pesquisa se propõe a explorar as múltiplas identidades e experiências das mulheres através das práticas narrativas, destacando como suas histórias pessoais podem servir como um recurso metodológico vital para a teoria da formação. Através do fazer artístico, de testemunhos e memórias, utilizando a metodologia da arteterapia atrelada aos contos, buscamos compreender como as mulheres têm navegado pelas complexidades de suas vidas e como suas experiências moldam e são moldadas pelas estruturas sociais e culturais.

Reconhecer e documentar a história das mulheres não é apenas um ato de recuperação, mas também de empoderamento. Ao legitimarmos suas experiências e contribuições, criamos espaço para novas formas de conhecimento e entendimento, desafiando as narrativas dominantes e promovendo uma sociedade mais inclusiva e justa.

Durante minha trajetória, pude vivenciar de perto a presença marcante das mulheres em minha vida. Ao participar do Ateliê Biográfico<sup>1</sup> conduzido pela minha orientadora Raquel Alvarenga Sena Venera, experimentei uma mudança significativa na forma como enxergava minhas memórias e histórias. Sempre tive um grande interesse pelas vidas de mães e mulheres, mas ao me fazer presente nesse ateliê, pude perceber como as histórias daquelas mulheres e mães estavam diretamente relacionadas à minha própria história.

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma metodologia de pesquisa-formação, desenvolvida no campo da Pesquisa (auto)biográfica que tanto pode ser explorada em contextos de pesquisa, mas também no âmbito da formação. Neste último formato o Ateliê Biográfico é oferecido anualmente nos Ciclos de oficinas do PPGPCS.

Desde muito jovem, assumi responsabilidades que não deveriam ser minhas, mas sim da minha mãe, que por motivos pessoais não pôde assumi-las. Desde cedo, eu me vi cuidando dos meus irmãos mais novos, uma tarefa que não era apropriada para alguém da minha idade. Eu não sabia ao certo como lidar com tamanha responsabilidade, mas acabei assumindo o papel de cuidadora, mesmo que de forma inconsciente. De certa forma, acabei cuidando de todos ao meu redor, sempre desempenhando esse papel de forma instintiva.

Essa experiência despertou em mim uma profunda conexão com a temática das narrativas de vida, especialmente no contexto das mães. Ao refletir sobre minhas próprias vivências, compreendi que havia uma ligação direta entre minhas experiências pessoais e as histórias das mulheres que eu tanto me interessava em conhecer. Essa revelação trouxe à tona uma nova compreensão sobre mim mesma e despertou o desejo de explorar ainda mais esse tema.

Ao recontextualizar minha trajetória através do ateliê biográfico, pude perceber a importância de compartilhar e refletir sobre nossas histórias, especialmente aquelas que carregam elementos de cuidado, responsabilidade e superação. Essa experiência foi transformadora, abrindo caminhos para uma maior compreensão das vivências femininas e maternas, além de fortalecer minha conexão com outras mulheres que também trilharam caminhos similares.

Dessa forma, o ateliê biográfico proporcionou uma oportunidade de mergulhar profundamente em minha própria jornada, ressignificando meu papel como cuidadora e pesquisadora, estabelecendo conexões valiosas entre minhas experiências e as histórias das mulheres que tanto me fascinam. Essa reflexão contínua impulsionado meu interesse em explorar e compartilhar as narrativas de vida, especialmente no contexto das mulheres, em busca de um maior entendimento e empatia com essas trajetórias tão significativas.

Sou uma mulher que desempenha diversos papéis: mãe, filha, esposa, professora de artes, aluna, sócia, amiga entre outros. Estou casada há 24 anos e minha história começa em Palmas, uma pequena cidade no interior do Paraná. Cresci em uma família simples e trabalhadora. Desde os 12 anos, comecei a trabalhar como cuidadora de crianças, e ao longo dos anos, passei por diferentes trabalhos. Casei-me aos 20 anos e aos 22 já era mãe de um menino, que hoje tem 20 anos. Dez anos após seu nascimento, tive uma menina, que agora tem 11 anos.

Minha primeira formação foi em Artes Visuais, área pela qual sou apaixonada, especialmente pela forma como a arte toca nossos mais íntimos sentidos. Após essa formação, me especializei em Arteterapia, onde pude conhecer essa metodologia de maneira mais

profunda. Fiquei fascinada com a capacidade da Arteterapia de adentrar nos sentimentos, trazendo à tona memórias e emoções escondidas dentro de mim. Foi amor à primeira vista. No início, foi desafiador, pois trabalhar com as próprias emoções não é tarefa fácil. Eu acredito profundamente na potência dessa metodologia.

Durante meu engajamento profissional na APAE no município de Garuva-SC, tive meu primeiro contato com o campo da educação especial. Durante esse período, pude dedicar momentos à observação atenta de mulheres que aguardavam seus filhos, posicionadas nos bancos ao longo do corredor da escola. Nesses momentos, testemunhei a troca de diálogos entre elas, permeados por reflexões acerca das dificuldades e desafios cotidianos que enfrentavam em relação ao cuidado de seus filhos com necessidades especiais.

Ao adentrar a sala de aula com uma atitude reflexiva e uma postura de observação minuciosa, deparei-me com uma constatação reveladora: a presença não apenas de crianças matriculadas na APAE, mas também de indivíduos de diferentes faixas etárias. Essa descoberta desencadeou em mim uma série de questionamentos inquietantes, que refletiam minha curiosidade em compreender a experiência de ser mãe de uma criança com deficiência.

Indaguei-me acerca das emoções que permeavam a vida diária dessas mulheres, em como elas se sentiam ao enfrentar os desafios dessa condição. Surgiram, então, indagações cruciais: a angústia de pensar no futuro de seu filho na eventualidade de seu próprio falecimento, a inquietação acerca do suporte social e a complexidade das interações com a sociedade em geral.

Ao contemplar a presença dessas mulheres, uma série de inquietações permeava meu pensamento, especialmente em relação ao futuro de seus filhos, que demandavam cuidados integrais. Indagava-me se essas mães tinham a oportunidade de desfrutar de uma vida social plena, uma vez que, em um ambiente como a APAE, que contava com cerca de 70 alunos matriculados, raramente as via em espaços públicos. Surgia, então, a indagação persistente: onde estavam essas mulheres para além dos espaços dos seus filhos? Por que pareciam estar ausentes da sociedade?

Foi nesse contexto de questionamentos que surgiu a ideia de propor a Arteterapia como uma abordagem para essas mulheres. Considerando minha formação nessa área, percebi que poderia investigar e compreender mais profundamente a identidade e memória dessas mulheres. Surgiu, assim, o impulso de desenvolver uma pesquisa que explorasse as vivências e necessidades dessas mulheres, por meio da utilização da Arteterapia como metodologia, no campo do Patrimônio Cultural.

A proposta de investigar as mulheres algumas mães, de filhos com deficiência através da Arteterapia ganhou força, impulsionada pelo meu desejo de compreender suas experiências, desafios e anseios. Como aluna do mestrado, encontrei na pesquisa uma oportunidade de contribuir para a produção de conhecimento e para o desenvolvimento de intervenções que pudessem impactar positivamente a vida dessas mulheres.

Ao trilhar esse caminho de pesquisa, almejo não apenas trazer à luz as realidades dessas mulheres, mas também oferecer subsídios para a criação de espaços acolhedores, nos quais elas possam se expressar, compartilhar suas vivências e encontrar apoio mútuo. A Arteterapia, por sua natureza expressiva e criativa, revela-se como uma via promissora para acessar as memórias e histórias, possibilitando o fortalecimento emocional, a ressignificação de narrativas e a construção de novos significados.

As pessoas estão em constantes transformações no que diz respeito a seus aspectos existenciais, de modo que uma das funções da arteterapia pode ser entendida como orientar o outro a se perceber nessas transformações. Ela demanda que o indivíduo se perceba em relação à experiência vivida; conhecer, compreender-se dentro do meio em que está inserido. Na arteterapia utiliza-se diversos tipos de materiais, não se resume a um trabalho expressivo somente, ela requer, também, diálogo e relação com as imagens que surgem nas manualidades produzidas, seja na pintura, no desenho, na dança, nos contos, ou e em outras atividades expressivas.

O objetivo, em arteterapia, é sustentar simbolicamente cada intenção, sem perder de vista a principal, que é a de curar-se. Mas a cura considera, no plano ético, a mesma questão que a estética: está bom porque quero, ou quero porque está bom? Eis aqui o propósito terapêutico, o que indica, ao menos conscientemente, a transformação do sujeito como finalidade desejável (Paín, 2009, p.17).

Especificamente nesta pesquisa a arteterapia se desloca do seu propósito de terapia ou cura, aqui ela se exercita enquanto metodologia interdisciplinar e dialoga com os campos da memória, identidade e do patrimônio cultural. Tem como propósito acessar expressões através das produções plásticas; de externar sentimentos e emoções da memória com reflexividade. Ou seja, não se trata de uma “terapia” porque este não é e nem deve ser o objetivo de uma pesquisa, nem apenas de uma “coleta de memórias” que podem dizer algo sobre um bem, mas de uma metodologia que em movimento possa trazer reflexões sobre identidades, representações, vida em sociedade. O estudo parte da hipótese de que a arteterapia pode ser uma metodologia viável para a pesquisa.

Esta dissertação investiga a viabilidade da arteterapia como metodologia de pesquisa, com um foco específico no uso de contos como uma das linguagens terapêuticas. Esta abordagem é empregada para acessar as memórias e histórias das mulheres associadas à APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais). A hipótese central do estudo é que a arteterapia, particularmente através de contos, pode ser um meio eficaz para explorar e compreender as experiências vividas por essas mulheres. Ao utilizar a narrativa de contos dentro do contexto dessas mulheres, busca-se uma compreensão das suas memórias, pensamentos e histórias de vida, oferecendo insights valiosos para o campo da pesquisa.

Os contos oferecem uma janela para o entendimento individual, espelhando experiências que muitas vezes se assemelham às nossas próprias vivências através de elementos simbólicos. As narrativas oferecem estruturas com as quais podemos interagir e dialogar. A trajetória dos personagens nos contos serve como um espelho para refletir sobre a maneira como gerenciamos nossas próprias vidas. Assim, os contos influenciam tanto no âmbito emocional quanto no imaginário, auxiliando no processo de tomada de decisões para alcançar a independência e na gestão e compreensão dos próprios sentimentos.

Segundo Franz (1990, p. 24), a riqueza e a profundidade da interpretação dos contos estão diretamente relacionadas com a diversidade e o desenvolvimento das funções do consciente. Quanto mais desenvolvidas são estas funções, mais abrangente e enriquecedora será a interpretação da história. Esta perspectiva realça a importância dos contos no desenvolvimento humano, pois eles se destacam não apenas pela narrativa emocional, mas também pela maneira como engajam o ouvinte ou leitor em diversos níveis.

Franz ressalta ainda que,

Os contos de fadas são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Consequentemente, o valor deles para a investigação científica do inconsciente é sobejamente superior a qualquer outro material. Eles representam os arquétipos na sua forma mais simples, plena e concisa (1990, p.9).

Os contos nos possibilitam o conhecimento de cada indivíduo, apresentando situações semelhantes às que vivenciamos, através de materiais simbólicos.

Os contos, em particular, oferecem uma rica tapeçaria de símbolos e narrativas que ressoam profundamente com a psique humana. Eles proporcionam uma maneira de explorar e compreender os desafios e as experiências da vida de uma maneira segura e estruturada. Quando utilizados na arteterapia, esses contos podem ajudar as mulheres a acessar e processar emoções e memórias que de outra forma poderiam permanecer ocultas ou suprimidas.

A arteterapia, ao integrar contos, possibilita a criação de um espaço simbólico onde as mulheres podem projetar suas próprias histórias e desafios, encontrando novas maneiras de enfrentá-los. Essa prática não apenas facilita a expressão emocional, mas também promove a auto-reflexão, permitindo que as mulheres construam novas narrativas sobre si mesmas e suas vidas.

Em resumo, a combinação de arteterapia e contos oferece uma abordagem para explorar e compreender as experiências individuais. Ao trabalhar com materiais simbólicos e narrativas, as participantes puderam desenvolver novas perspectivas e estratégias para lidar com suas memórias difíceis de narrar, promovendo o crescimento pessoal.

O recorte da pesquisa privilegia um caso exemplar de identidades socialmente esperadas ou até mesmo, em muitos aspectos naturalizadas. E esse fato justifica o recorte, ou seja, estudar a identidade de mulheres, a qual é significativamente marcada socialmente por sentidos naturalizados, sobretudo a respeito de exigências de entregas pessoais.

Nesse âmbito, percebe-se um potencial significativo para aplicar a metodologia da arteterapia em pesquisas sobre memórias e identidades. A partir dessas investigações, foi possível abordar desafios no campo do patrimônio cultural, especialmente quando se considera a imaterialidade das memórias como parâmetro ou necessidade.

As histórias de vida, os relatos pessoais e o cotidiano das pessoas constituem um patrimônio cultural imaterial de grande valor. As experiências individuais e coletivas, narradas e revisitadas, formam um tecido rico e diversificado que reflete a diversidade cultural e social de uma comunidade. A arteterapia, ao trabalhar com essas histórias e memórias, oferece uma abordagem sensível para explorar e preservar essas narrativas. Através da arteterapia, é possível acessar e ressignificar as memórias pessoais, trazendo à tona aspectos das identidades individuais que muitas vezes são negligenciados ou esquecidos. Este processo não só enriquece a compreensão da própria história de vida das pessoas, mas também contribui para a valorização e preservação do patrimônio cultural imaterial. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e recebeu o Parecer Substanciado n. 5.979.872 (ANEXO A).

A ida a campo para a realização da pesquisa empírica foi fundamentada pelo método qualitativo, utilizando o conto como uma das técnicas da arteterapia. Através da linguagem dos contos, foi possível acessar memórias histórias, permitindo às participantes uma exploração significativa de suas identidades.

Com base nas perguntas de identificação e nas produções plásticas realizadas nas oficinas, o acervo empírico da pesquisa foi criado a partir da gravação e escrita das vivências, além de registros fotográficos. As participantes assinaram o termo de uso de direito de imagem

(ANEXO B), autorizando a utilização desses materiais. Foram levantadas questões pertinentes às vivências, práticas, saberes e suas histórias e memórias.

A pesquisa contou com cinco oficinas de arteterapia com esse grupo de cinco mulheres, que utiliza de contos, da autora o livro "O que conta um conto? (II) - Variações do Tema Mulher" de Jatte Bonaventure representa um esforço singular para explorar e entender a essência do universo feminino através dos contos. Nesta obra, a autora faz uma escolha consciente de focar exclusivamente em narrativas que retratam experiências e perspectivas femininas. A decisão de evitar detalhes excessivos nos contos é estratégica, pois incentiva os leitores a se conectarem com as histórias em um nível mais pessoal e íntimo. As narrativas se tornam espelhos através dos quais os leitores podem refletir sobre suas próprias experiências e percepções. Em um mundo onde a especificidade muitas vezes leva à exclusão, a abordagem de Bonaventure é inclusiva, convidando uma ampla gama de leitores a encontrar ressonância e significado nas histórias.

O ponto de partida é uma frase inicial genérica, como "Era uma vez, num reino muito distante..." Essa frase aberta permite que cada mulher utilize suas próprias experiências e referências pessoais para imaginar e adicionar os elementos que consideram relevantes.

As oficinas serão estruturadas em três fases distintas: primeiramente, ocorreu a escuta atenta do conto escolhido, seguida duas sessões de expressão artística, e por fim, um momento dedicado ao compartilhamento das reflexões pessoais e de como o conto ecoou nas experiências de vida das participantes.

Nas oficinas que enfocam a linguagem dos contos, a metodologia aplicada visa fomentar a criatividade e o pensamento criativo através do enriquecimento de histórias com detalhes imaginativos. Posteriormente, as mulheres tiveram à disposição uma gama de fios coloridos e tecidos para desenhar e bordar suas próprias narrativas. Ao trabalhar com o tecido e os fios, elas tiveram a oportunidade de criar representações visuais de suas memórias, vivências e histórias pessoais. Esta atividade artística proporcionou um espaço para explorar diferentes formas, padrões e cores, permitindo que as participantes expressassem suas emoções e significados internos de maneira tangível e sensorial.

Durante a criação de suas obras, as mulheres puderam refletir sobre suas experiências de vida, conectando-se com suas memórias e expressando suas histórias de forma não verbal. A arte têxtil não só serve como um meio de expressão, mas também como uma forma de processamento e elaboração de experiências pessoais. Além disso, o ambiente colaborativo das oficinas encorajou o compartilhamento das criações artísticas entre as participantes,

promovendo um intercâmbio de experiências e a construção conjunta de significados. Este espaço de troca e apoio mútuo valoriza e respeita cada história individual.

Ao final das oficinas, as participantes concluíram com uma obra única que simboliza visualmente suas memórias e histórias. Esta peça de arte têxtil se torna um registro tangível e poderoso de suas jornadas individuais e coletivas. Além do trabalho manual, as narrativas e experiências compartilhadas são também registradas em áudio e fotografias, culminando na criação de uma colcha simbólica que encapsula a riqueza das histórias compartilhadas nas oficinas.

Além de abordarmos questões cruciais sobre as memórias e histórias das mulheres e os processos identitários, é importante destacar uma escolha metodológica específica adotada nesta pesquisa. Optamos por preservar a autenticidade das falas em sua forma oral ao transcrevê-las. Assim, o leitor encontrará erros de grafia nos diálogos apresentados, mais isso foi uma decisão deliberada para capturar a riqueza e a genuinidade da expressão oral. Acreditamos que essa abordagem oferece uma visão mais fiel e profunda das experiências e identidades das mulheres retratadas.

Essa abordagem permitiu que as participantes expressassem sua criatividade de maneira livre e individual, criando narrativas pessoais. Ao preencher os detalhes da história, elas puderam explorar emoções, memórias e desafios pessoais, estimulando a reflexão e a resolução de problemas de forma vivida. Além disso, ao compartilharem suas histórias com o grupo, elas tiveram a oportunidade de se conectar com outras perspectivas e experiências, criando um ambiente de apoio e troca.

Dessa maneira as oficinas de linguagem dos contos proporcionaram um espaço seguro e estimulante para as mulheres explorarem sua criatividade, expressarem-se pelo meio da arte e encontrarem novas perspectivas e soluções para os desafios que enfrentam.

Essa abordagem promoveu a subjetividade e possibilitou que as memórias e experiências pessoais sejam acessadas durante o processo de criação da história. Essas atividades têm como objetivo criar um espaço de reflexão sobre a identidade e a alteridade, ou seja, o "eu" e os outros. Por meio dos jogos de espelho, como sugere a autora Kathryn Woodward (2012, p. 08), diz que "A identidade é marcada pela diferença", aponta para a compreensão de que a identidade de um indivíduo não é algo estático ou homogêneo, mas sim construído a partir de múltiplas influências e interações com o mundo ao seu redor.

De acordo com essa perspectiva, a identidade não é uma entidade fixa e imutável, mas sim um processo em constante evolução, moldado por fatores como a cultura, o contexto social, as experiências individuais e as relações interpessoais. Nesse sentido, a identidade é

influenciada pela diversidade e pela diferença, pois são justamente esses elementos que contribuem para a formação de uma identidade única e singular para cada indivíduo.

Woodward (2012) também destaca a importância da diferença na construção da identidade. Dessa forma, compreender que a identidade é marcada pela diferença implica em reconhecer e valorizar a complexidade e a variedade das identidades humanas. Cada indivíduo carrega consigo uma identidade única, construída a partir de uma rede de relações e interações com o mundo ao seu redor. A diversidade de experiências e perspectivas enriquece nossa compreensão da complexidade humana e nos convida a respeitar e celebrar a diversidade de identidades que existem em nosso contexto social.

Presentes nas histórias, as mulheres puderam explorar e processar suas próprias identidades, ao mesmo tempo em que se conectam com as experiências e perspectivas dos demais participantes. Ao envolver-se nesse processo criativo, as participantes são incentivadas a desenvolver seu potencial criativo e encontrar soluções para desafios apresentados em suas vidas.

Os contos oferecem um ambiente acolhedor e estimulante, onde as mulheres puderam compartilhar e explorar suas histórias pessoais de maneira criativa e significativa, fortalecendo a conexão consigo mesmas e com os outros participantes.

Na dissertação, a análise dos contos transcende a mera avaliação de seu conteúdo narrativo, estendendo-se à sua estrutura, estilo e impacto cultural. Esta abordagem multifacetada não apenas enriquece a compreensão literária, mas também promoveu habilidades de pensamento crítico e interpretação. A pesquisa se aprofunda na maneira como os contos refletem e pagam tributo às histórias e experiências das mulheres, destacando a relevância destas narrativas no contexto do patrimônio cultural.

Além disso, a dissertação examina criticamente a relação entre as histórias, memórias e o patrimônio cultural, que muitas vezes pode ser percebido como conservador. Ao fazer isso, busca-se entender como as narrativas tradicionais e contemporâneas influenciam a percepção e a preservação das histórias femininas no âmbito cultural. A análise foca em como o patrimônio cultural pode ser tanto um guardião dessas histórias quanto um obstáculo à sua evolução e reconhecimento, levando a uma reflexão sobre as práticas de preservação e a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e representativa no campo do patrimônio cultural.

Sobre os patrimônios culturais, entendemos que são vetores de memórias, identidades e representações dos grupos podem ser identificados e questionados quando essas identidades são traduzidas em memórias e representações nos jogos temporais. Ou seja, os patrimônios não são imutáveis de sentidos, mas podem emanar possibilidades de reflexões sociais. Portanto

arteterapia no campo patrimonial pode ser uma metodologia que evidencia essa possibilidade e essa pesquisa quer mostrar como ela pode funcionar na compreensão identitária.

A presente proposta de pesquisa se utilizou de conceitos como memória e identidades, pensados disciplinarmente nos campos, da Sociologia, História, Psicologia Social e, em diálogos interdisciplinares com a Arte, e nessa perspectiva interdisciplinas, a pesquisa se fundamenta em Christine Delory-Momberger (2014) que constrói momentos em torno de uma prática da história de vida inserida num protocolo auto formativo; Dialoga com Stuart Hall (2008) quando reflete acerca da identidade e sua construção social e argumenta que a identidade não é algo que se nasce com ela, mas sim algo que é constantemente formado e reformado através de nossas experiências e satisfeito com o mundo ao nosso redor.

Sobre os contos, a pesquisa acolhe as reflexões de Bruno Bettelheim (1980) que escreve sobre interpretações simbólicas dos contos, bem como sua relação com o inconsciente, tornaram-se um campo de especulação, e desenvolve interpretações de contos. Os contos utilizados em oficinas de Arteterapia disparam as narrativas das participantes e sobre essas narrativas de vida. Venera e Szymczak (2019), afirma que as histórias de vida podem ser consideradas como patrimônio, uma vez que essas narrativas têm potência e valor enquanto tal.

Todavia, destaca-se que se tem clareza da diferença epistemológica entre Histórias de Vidas, produzidas com metodologias do campo da História e Narrativas de Vida, produzidas com metodologias do campo da Sociologia (Bertaux, 2016), no entanto, nesta pesquisa se escolheu usar ora “narrativas de vidas” ora “histórias de vidas”, mas não se aplica a metodologias correlatas. A arteterapia permite a aproximação das duas categorias, desvencilhadas de um sentido disciplinar, mas pela ausência de outros termos para designar um conto sobre a vida das mulheres pesquisadas. Mesmo assim, se acolheu os apontamentos de Venera e Szymczak (2019) entendendo que as narrativas de uma história de vida expressam a face de uma humanidade compartilhada, portanto, um bem patrimonial. Josso (2002) afirma que ao explorar e refletir sobre suas próprias narrativas, o sujeito aprende, tem a oportunidade de compreender sua identidade, valores, crenças e trajetórias de vida, assim como as influências que moldaram quem ele é hoje. Suely Rolnik (2018) fala da importância da capacidade pessoal de experiência sensorial, sentimental e cognitiva na construção da subjetividade.

A dissertação é apresentada em três capítulos e uma reflexão provisória: No primeiro capítulo foi discutido a Arteterapia na Valorização da Memória e Identidade Cultural: reflete como a arteterapia pode ser utilizada para valorizar a memória e a identidade cultural das mulheres, algumas são mães que têm seus filhos atendidos na APAE de Garuva.

O foco está em discutir as emoções presentes nas memórias dessas mulheres e como elas compreendem suas memórias e histórias. Através da metodologia da arteterapia como linguagem do conto, buscou-se explorar como as experiências dessas mulheres contribuem para a construção de uma identidade cultural rica e diversificada.

Explorando os Processos de Identidade na Diversidade de Experiências dessas mulheres, aprofunda-se nos processos de formação da identidade, destacando a diversidade de suas experiências. O estudo examina como essas mulheres constroem e entendem suas identidades dentro de um contexto marcado por desafios e superações, tanto no âmbito pessoal quanto na maternidade.

Ainda nesse capítulo, será estudado como as identidades narrativas são formadas e influenciadas por aspectos de memória, identidade e histórias de vida. A investigação se concentrará na análise de como as experiências pessoais e coletivas, narradas e revisitadas, moldam a percepção que as pessoas têm de si mesmas e de seu lugar no mundo.

O foco estará em compreender como as histórias de vida e as narrativas individuais são construídas e reconstruídas ao longo do tempo, influenciadas por memórias e experiências passadas. Esses elementos são fundamentais para a formação da identidade, pois permitem que os indivíduos se situem em um contexto mais amplo, reconhecendo suas próprias trajetórias e as dos outros ao seu redor.

Serão explorados os conceitos de identidade narrativa, que considera a identidade como algo fluido e em constante construção, e de memória, que se apresenta como um processo ativo de reinterpretação e ressignificação do passado. Além disso, será analisado como essas histórias de vida, quando narradas e compartilhadas, podem revelar aspectos identitários, individuais e coletivos.

A metodologia da arteterapia será destacada como uma abordagem eficaz para acessar essas memórias e narrativas, permitindo uma exploração sensível e profunda das experiências humanas. Ao trabalhar com elementos simbólicos e materiais artísticos, a arteterapia oferece um meio de expressão que pode facilitar a ressignificação de histórias de vida e a construção de novas identidades.

Este capítulo estabelecerá as bases teóricas para compreender como as narrativas pessoais e coletivas, moldadas pela memória e pela identidade, contribuem para a formação do patrimônio cultural imaterial.

O segundo capítulo investiga como as narrativas de vida podem ser utilizadas como uma para explorar as memórias e compreensões de identidade das mulheres. A partir da metodologia da arteterapia, o estudo examina os processos de identidade associados às múltiplas facetas da

experiência feminina, com um foco especial no apagamento de suas histórias. Este capítulo busca entender como a arteterapia atrelada aos contos, pode ajudar a resgatar e valorizar as memórias e identidades das mulheres, enfrentando as narrativas dominantes que frequentemente marginalizam suas contribuições e vivências.

Utilizando a arteterapia e a linguagem do conto, buscou-se acessar as histórias de vida dessas mulheres, permitindo que elas expressem e articulem suas experiências de maneira profunda e significativa. O estudo destaca como as participantes constroem e entendem suas histórias, dentro de um contexto marcado por desafios e superações, tanto no âmbito pessoal quanto na maternidade. A abordagem metodológica valoriza e reconhece as vozes dessas mulheres, frequentemente marginalizadas nas narrativas tradicionais, promovendo um entendimento mais empático de suas trajetórias.

No terceiro capítulo da dissertação, investigamos a arteterapia como uma metodologia inovadora no contexto do patrimônio cultural, com foco na interação com memórias e as narrativas que são fundamentais para a cultura de comunidades e grupos. Este estudo destaca como a metodologia acessa, e vocaliza memórias complexas e desafiadoras frequentemente silenciadas ou marginalizadas que não são prontamente narradas pelas abordagens tradicionais.

Ao facilitar a expressão de experiências e histórias pessoais por meio de práticas artísticas, a metodologia permitiu não apenas enfrentar e ressignificar memórias dolorosas, mas também reforçou o senso de pertencimento e identidade cultural. Adicionalmente, este capítulo enfatiza a necessidade crítica de incluir e reconhecer todas as narrativas dentro do patrimônio cultural, especialmente aquelas que divergem das visões dominantes. Esta abordagem promove uma discussão mais inclusiva e diversificada sobre as práticas e estratégias no campo do patrimônio cultural, enfatizando a arteterapia como uma metodologia aplicável para explorar e preservar o patrimônio cultural através de memórias pessoais e coletivas.

Neste segmento da dissertação, discute-se a contribuição da arteterapia na pesquisa do patrimônio cultural a partir das concepções de patrimônio cultural e dos resultados obtidos. A reflexão considera como a arteterapia, ao promover a expressão de memórias e identidades, pode oferecer novas perspectivas e entendimentos sobre o patrimônio cultural.

Enfatiza-se a importância de reconhecer e valorizar todas as narrativas, especialmente aquelas tradicionalmente marginalizadas, destacando como essa inclusão enriquece a compreensão e preservação do patrimônio cultural. A discussão finaliza destacando a arteterapia como uma metodologia aplicável nos estudos da memória e identidade, oferecendo insights sobre suas aplicações futuras e seu potencial para transformar práticas e estratégias no campo do patrimônio cultural.



## **CAPÍTULO 01 - A ARTETERAPIA NA VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL: REFLETINDO SOBRE O PAPEL DAS MULHERES**

história de vida e os contextos nos quais ele é utilizado (fazer a história de sua vida, reapropriar-se de sua história) levam a crer que as coisas estão 'por trás de si', que os acontecimentos passados da vida têm uma forma e um sentido neles próprios, dito de outra forma, que eles fazem história e que seria suficiente reconstituir essa história para ter acesso à realidade e à verdade de um vivido cujo sentido permaneceu escondido, alienado, recalcado.

Christine Delory-Momberger (2006, p.363).

Neste capítulo, abordaremos duas questões fundamentais desta pesquisa de dissertação, inicialmente, dedicaremos atenção a como acessar as memórias difíceis e histórias de mulheres, que se revelam complexas e desafiadoras para narrar, com especial foco em como essas experiências configuram suas identidades. Posteriormente, voltaremos para os processos identitários que emergem nas diversas maneiras pelas quais as mulheres são percebidas e tratadas na sociedade contemporânea, examinando as implicações dessas percepções nas práticas de maternidade.

Para alcançar esses objetivos, foi desenvolvida cinco oficinas, com o grupo de cinco mulheres algumas mães, de filhos matriculados na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) as oficinas aconteceram na casa azul em Garuva, esse espaço foi generosamente cedido pelo Clube de Mães da APAE, uma vez que na própria APAE não dispúnhamos de uma sala adequada para a aplicação das atividades propostas. A estrutura do local, primorosamente organizada pelas voluntárias do clube, representa uma casa acolhedora onde os encontros são realizados regularmente. Destaca-se que todas as participantes são membros ativas do Clube de Mães, dedicando suas terças-feiras para reunirem-se e compartilharem suas habilidades em costura, bordado, artesanato, além de trocarem experiências pessoais.

A escolha por esse grupo se deu pelo fato de que essas mulheres vivenciaram de forma singular a experiência da maternidade de crianças com deficiência, enfrentando desafios e situações particulares que podem impactar suas identidades e memórias.

A descrição detalhada das etapas e o embasamento teórico-metodológico da pesquisa fornecerão um panorama abrangente sobre como a metodologia da arteterapia, que foi aplicada no contexto do estudo, bem como os resultados esperados e as contribuições esperadas para a compreensão das memórias e identidades das mulheres.

Optou-se por preservar a sigla nomes das participantes, uma escolha feita por elas durante as oficinas. São elas; Angel, uma mulher de 68 anos, viúva e mãe de cinco filhos,

enfrenta desafios significativos em sua vida. Uma de suas filhas, de 48 anos, é aluna da APAE e lida com problemas mentais, necessitando de cuidados integrais devido à sua condição. Angel, por sua vez, não trabalha fora e enfrenta o diagnóstico de leucemia no sangue. Apesar de seus esforços, suas tentativas de aposentadoria pelo (LOAS) é o benéfico para pessoas com deficiência, não foram bem-sucedidas<sup>2</sup>.

A dedicação de Angel à participação nas oficinas é notável, mesmo diante das dificuldades. Sua presença no clube de mães da APAE, é intermitente, muitas vezes devido à falta de apoio para cuidar de sua filha. Apresenta-se como uma mulher afetuosa, cujas palavras transmitem calma e tranquilidade. No entanto, há uma expressão de profunda tristeza em seu semblante, possivelmente relacionada às complexidades de sua situação familiar e de saúde. Essa narrativa destaca a resiliência de Angel, ao mesmo tempo em que evidencia os desafios que ela enfrenta em sua jornada.

Mg, uma mulher de 66 anos casada a quarenta e oito anos, duas filhas viva e uma falecida, resiliente, mãe e esposa, carrega consigo uma trajetória repleta de diversas experiências profissionais. Ao longo de muitos anos, exerceu a função de professora de arte na rede municipal de ensino, tendo anteriormente trabalhado como empregada doméstica em sua juventude. Sua habilidade em trabalhos manuais emerge como uma manifestação de destreza e criatividade.

Apesar de enfrentar o diagnóstico de mal de Alzheimer, essa mulher recusa-se a aceitar passivamente tal situação. Empenha-se incansavelmente em preservar sua saúde mental, e os trabalhos manuais desempenham um papel crucial nesse processo. A arte manual torna-se uma forma terapêutica, uma maneira pela qual ela busca manter-se ativa e saudável mentalmente, desafiando os limites impostos pela condição médica que enfrenta. Essa resiliência diante do desafio de saúde destaca a força interior e a determinação que permeiam a sua jornada.

Essa mulher compartilha uma parte de sua história, revelando ter crescido em uma família numerosa, com dez irmãos. O ambiente familiar era conduzido com rigidez por sua mãe, enquanto seu pai desempenhava um papel ativo no sustento da família, trabalhando fora. Aos 18 anos, Mg tomou a decisão de se casar com seu primeiro namorado, iniciando assim um novo capítulo em sua vida.

---

<sup>2</sup> O Benefício de Prestação Continuada – BPC, previsto na Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, é a garantia de um salário-mínimo por mês ao idoso com idade igual ou superior a 65 anos ou à pessoa com deficiência de qualquer idade.

Ela recorda que quando sua filha era pequena, um médico previu que ela seria "uma vela apagada". Contudo, em vez de se deixar abalar por tal prognóstico, ela afirmou: "Vou mostrar a ele que minha filha não será uma vela apagada". Determinada, ela persistiu na batalha em prol de sua filha. Hoje, com grande satisfação, compartilha que sua filha, já casada, tornou-se professora na rede municipal. Além disso, revela que é avó de um neto diagnosticado com autismo moderado. Essa história destaca não apenas a resiliência dessa mulher diante das adversidades, mas também o sucesso e as realizações da filha, desafiando as expectativas iniciais do médico.

A narrativa de Mg destaca não apenas sua capacidade de superação diante de desafios, mas também a resiliência que a caracteriza como uma mulher forte e determinada ao longo de sua jornada. Esses elementos, somados à sua experiência como educadora e suas habilidades manuais, contribuem para a complexidade e riqueza de sua história de vida.

Noe, uma mulher sessenta e oito anos mãe de três filhos homens e uma mulher de quarenta e seis anos com deficiência aluna da APAE, viúva, contraiu matrimônio por volta dos 20 anos e deu à luz sua primeira filha aos 22 anos. Rememora que, na infância da filha, não era perceptível qualquer indício de deficiência. Atualmente, dedica-se integralmente ao cuidado da filha, exibindo uma faceta ansiosa em relação a esse compromisso.

Em nosso encontro semanal no clube de mães, Noe leva sua sempre sua filha, pois não tem com quem deixar, ao comunicar a Noe que sua filha não poderia participar, visto que aquele momento seria exclusivamente dedicado a ela, percebi certo desconforto em sua reação. No entanto, com o auxílio da assistente social, conseguimos encontrar uma solução ao integrar a filha às atividades com outras mães, possibilitando que Noe continuasse sua participação nas atividades propostas. A preocupação constante da mãe com o bem-estar da filha é evidente, refletindo-se em suas atitudes e expressões.

Hoje, Noe e sua filha compartilham a casa, formando uma unidade familiar que, além de desafios, também demonstra uma ligação profunda entre ambas. O relato dessa dinâmica familiar oferece insights significativos para compreender a interação entre mães e filhas em situações de cuidado e dedicação constante.

Trudes, aos 78 anos, mãe de três filhos, enfrentou desafios significativos ao longo de sua vida, tendo se casado aos dezenove anos. Relata que seu marido faleceu aos sessenta e cinco anos devido a problemas cardíacos. Viúva e aposentada, destaca-se por sua trajetória como fundadora da APAE de Garuva e criadora do Clube de Mães da APAE. Sua é evidente em seu zelo pelos que a rodeiam, manifestando uma em suas ações e atitudes.

A história de Trudes ganha relevância ao considerar sua dedicação à filha de 56 anos, frequentadora da APAE de Garuva. A fundação de uma APAE em Campina da Lagoa reflete sua determinação em proporcionar uma educação adequada para sua filha Eliza, cujas dificuldades tornaram necessário um ambiente mais adaptado. Ao longo de uma década, Trudes desempenhou um papel fundamental nesse empreendimento, mesmo durante um período desafiador em que seu marido enfrentava problemas com álcool.

A necessidade de ensinar Eliza a realizar as tarefas cotidianas surgiu da dificuldade em deixá-la sozinha.

O comprometimento de Trudes em orientar sua filha no aprendizado das atividades domésticas demonstra uma abordagem prática e cuidadosa diante das circunstâncias. O envolvimento do marido após uma década ilustra não só a resiliência da família, mas também a importância do apoio mútuo no enfrentamento de desafios. A história de Trudes proporciona uma perspectiva sobre as complexidades e triunfos associados à criação de filhos com necessidades especiais e a influência transformadora que essa experiência teve em sua vida.

Rose, uma mulher de cinquenta e cinco anos, mãe de três filhos e solteira, assume uma responsabilidade em sua vida. Além de criar seus próprios filhos, detém a guarda de seu irmão deficiente, que é aluno da APAE. Essa incumbência decorre da condição de saúde de seus pais, tornando-se a principal cuidadora de seu irmão. Atualmente, Rose desempenha um papel crucial ao cuidar de sua mãe doente e de seu pai, além de zelar pelo bem-estar de seu irmão adotivo, que necessita de cuidados integrais.

Como proprietária de um restaurante, Rose enfrenta as demandas diárias do trabalho, ao mesmo tempo em que providencia o suporte necessário a seus familiares. Sua expressão, embora denuncie a força que caracteriza essa mulher, também reflete um cansaço evidente. A sobrecarga de suas responsabilidades manifesta-se em seu semblante, limitando sua disposição para diálogos extensos durante as oficinas. Ainda assim, Rose, mesmo chegando atrasada devido às exigências de seu trabalho, evidencia uma tenacidade notável diante das adversidades que enfrenta em seu papel multifacetado como mãe, cuidadora e profissional.

Ao dar início à pesquisa, contei com o apoio da Assistente Social da APAE, que colaborou no convite às mulheres para participarem, e na organização do grupo no WhatsApp, facilitando a comunicação entre nós.

Inicialmente, dez mulheres expressaram interesse em participar da pesquisa. Contudo, devido a desafios relacionados ao deslocamento e aos horários, a maioria não pôde comparecer. No final, apenas cinco conseguiram participar das oficinas. Uma mulher convidada se inscreveu

e em seguida acabou desistindo de participar, pois não tinha com quem deixar o filho, e nem como se deslocar até o local onde seria realizado as oficinas.

O ambiente, gentilmente cedido a elas para sediar o clube, tornou-se um ponto de encontro onde a criatividade se entrelaça com a solidariedade. Enquanto as oficinas transcorrem em uma sala, ao lado, outras mulheres dedicam-se individualmente à confecção de seus trabalhos. Ao término dos encontros, todas as participantes desfrutam de um agradável momento de confraternização, compartilhando não apenas a alegria do aprendizado, mas também um café delicioso.

Estes encontros não se limitam apenas às atividades práticas, mas representam uma oportunidade valiosa para uma profunda troca de histórias de vida, memórias e experiências. A interação entre as mulheres envolvidas cria uma atmosfera enriquecedora, onde os laços de amizade e compreensão mútua se fortalecem. Este espaço não é apenas um local para a prática de habilidades manuais, mas sim um ambiente propício para o cultivo de relações significativas e o compartilhamento de vivências, tornando-se, assim, uma expressão tangível da força e da união proporcionadas pelo Clube de Mães da APAE, a figura 01 mostra as participantes do clube de mães.

**Figura 1** - Clube de mães da APAE Garuva.



Crédito: Daniani Schons da Silva  
Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

A metodologia adotada neste estudo foi a arteterapia em combinação com a utilização de contos. Nesse contexto, as mulheres foram convidadas a participar de atividades artísticas envolvendo fios e tecidos, ao quais foram utilizados nas montagens da colcha, que narraram suas memórias e suas histórias.

Nas sessões, as participantes utilizaram como base os contos "A mãe D'Água", um conto brasileiro, e "Como a mulher do Pescador salvou a criança da rainha dos Elfos" do livro "O que conta um conto? II; Variações sobre o tema mulher" de Jette Bonaventure, publicado em 2000.

Após a leitura dos contos, foi fornecido fios coloridos e tecidos para criarem suas próprias narrativas. Manipulando o tecido e os fios, elas puderam representar suas memórias, experiências e histórias pessoais através de imagens e testemunho. Essa abordagem permitiu que as participantes explorassem sua criatividade, expressassem suas emoções e significados mais profundos através de formas, padrões e núcleos que elas escolheram livremente.

A proposta das atividades com tecido e fios era estimular a criatividade das mulheres através de histórias abertas, onde cada participante tinha a oportunidade de preencher os detalhes e criar sua própria narrativa. Essa abordagem permitiu que as participantes se apropriassem das histórias, relacionando-as com suas vivências e utilizando a expressão artística como meio de comunicação e reflexão.

Dessa forma, a combinação dos contos como ponto de partida e a utilização de tecido e fios como elementos artísticos possibilitaram que elas explorassem sua criatividade, expressassem suas emoções e construíssem narrativas que refletissem suas memórias e experiências de forma única e significativa.

Para explorar essas temáticas, foi utilizada a metodologia da arteterapia combinada com a técnicas dos contos, que proporcionou um recurso rico em simbolismo se revelando como uma abordagem promissora para compreender e trabalhar com esses aspectos, essa abordagem permitiu compreender como as experiências identitárias das mulheres, estão imbricadas na construção das identidades individuais e ao mesmo tempo articuladas às questões sociais e, portanto, coletivas.

A arteterapia considera a subjetividade como uma construção em constante evolução, aberta a múltiplas possibilidades de experiência e expressão, possui uma abordagem ampla, proporciona um espaço para o desenvolvimento da percepção e da imaginação, permitindo que o indivíduo se conecte com suas memórias. Por meio da prática artística, o sujeito pode explorar e expressar suas emoções, pensamentos e experiências de forma criativa e simbólica.

Ao se engajar em atividades artísticas, como desenho, pintura, escultura ou colagem, bordados, o indivíduo é convidado a mergulhar em um processo de autoexpressão e auto exploração. A arte tomada um canal de comunicação não verbal, permite que aspectos inconscientes venham à tona e sejam reconhecidos. A expressão artística possibilita uma ampliação da consciência sobre si mesmo e sobre as mudanças que ocorrem ao longo do tempo.

A percepção é aguçada à medida que o indivíduo se envolve com as diferentes formas de arte e se torna mais sensível às suas próprias experiências internas e externas. Através da observação e da reflexão sobre suas produções artísticas, o sujeito pode perceber padrões, e significados, e percepções significativas, que surgem durante o processo artístico. São momentos de clareza ou compreensões que podem ocorrer quando o sujeito observa e reflete sobre suas produções artísticas, que podem ajudá-lo a compreender melhor seus processos de transformação e crescimento pessoal.

Da mesma forma, a imaginação seja estimulada na arteterapia, pois a prática artística convida o sujeito a explorar novas possibilidades, criar metáforas visuais e experimentar diferentes perspectivas. Através da imaginação, o indivíduo pode visualizar e experimentar novas maneiras de ser, ampliando sua visão de si mesmo e do mundo ao seu redor.

Em resumo, a arteterapia usando as linguagens dos contos, ofereceu um ambiente criativo para o desenvolvimento da percepção e da imaginação. Ao explorar as transformações pessoais por meio da expressão artística, o sujeito pode ganhar uma maior consciência de si mesmo, ampliar sua visão de mundo e encontrar novas possibilidades de crescimento e transformação.

Em um caminho diferente, Delory-Momberger (2014) diz no campo autobiográfico, “que a construção das narrativas procede a partir de uma leitura de indícios significativos para o conhecimento dos fenômenos e dos mecanismos sociais” (Delory-Momberger, 2014, p, 282). As pessoas vivem eventos e experiências, e na apresentação de si mesmos, elas apresentam sua própria interpretação desses acontecimentos. Isso significa que ao compartilhar suas histórias, as mulheres estarão explicando os elementos e as áreas temáticas que moldaram a construção de sua biografia.

E qual importância da narrativa pessoal como uma forma de entender e explicar a jornada de vida de uma pessoa? As narrativas são uma forma de apresentar a percepção e a interpretação de um indivíduo sobre suas próprias experiências e acontecimentos. Portanto, as narrativas e as produções plásticas, são uma forma importante de compreender a construção biográfica de uma pessoa e fornecer uma visão única e pessoal sobre sua jornada de vida, porque ambas são formas de expressão que comunicam coletivamente uma experiência.

Segundo a autora Delory-Momberger (2014) “Os homens vivem os acontecimentos e as experiências. Na apresentação de si mesmo, o indivíduo e a sua própria hermenêutica: ele explica as etapas e a áreas temáticas de sua própria construção biográfica”. (Delory-Momberger, 2014, p, 257) As narrativas e as produções, são importantes para nossa

compreensão do nosso lugar no mundo, pois desafiam e reconstróem nossa compreensão do espaço histórico e social a partir do qual elaboramos nossa "história de vida".

Nesse sentido, pesquisa de dissertação reconhece como as mulheres desse grupo específico, compreendem suas identidades. Perceber nessas compreensões, como o ambiente em que estão inseridas, ir ao encontro com sua realidade, como ele constrói e como elas o percebem em suas relações e significados.

Os contos, as manualidades e as reflexões compartilhadas possibilitaram que as preocupações das participantes aflorassem, permitindo uma imersão nas suas questões pessoais e sociais, e assumindo o papel de porta-vozes de suas identidades.

A autora citada escreve que as narrativas cumprem e tornam visível uma dupla operação complementar de desestruturação/reestruturação do espaço histórico e social a partir do qual se elabora "a história de vida" da situação de interação a partir da qual a narrativa é produzida como atividade discursiva pragmática (Delory-Momberger, 2014, p. 249). A desestruturação se refere ao modo como as narrativas questionam e desafiam as narrativas dominantes e as estruturas sociais invadidas, como a reinterpretação de eventos históricos, a desconstrução de estereótipos e a extensão de perspectivas marginalizadas.

Ao abordar o conceito de estruturas sociais invadidas, Delory-Momberger se refere aos sistemas de valores, normas, crenças e relações de poder que moldam a sociedade e influenciam a forma como as narrativas são construídas e transmitidas. Essas estruturas sociais muitas vezes tendem a ser dominantes e perpetuam determinadas visões de mundo, estabelecendo um padrão de interpretação e significado.

No entanto, a desestruturação das narrativas busca desafiar e subverter essas estruturas sociais, permitindo a emergência de novas perspectivas e vozes que foram historicamente marginalizadas ou silenciadas. Isso pode envolver a reinterpretação de eventos históricos sob uma ótica diferente, questionando narrativas estabelecidas e abrindo espaço para diferentes interpretações.

Além disso, a desconstrução de estereótipos também é um elemento importante nesse processo. Por meio da análise crítica, as narrativas podem desafiar representações simplistas e preconceituosas, desconstruindo estereótipos que perpetuam desigualdades e marginalizações.

A extensão de perspectivas marginalizadas refere-se ao esforço de ampliar a diversidade de vozes e experiências presentes nas narrativas. Isso envolve dar visibilidade a grupos sociais historicamente negligenciados, permitindo que suas histórias sejam contadas e suas perspectivas sejam consideradas. Essa ampliação de perspectivas contribui para uma compreensão mais abrangente e inclusiva das experiências humanas.

Por outro lado, a segurança se refere à maneira como a arteterapia nos permite refazer a compreensão do mundo que nos cerca, reconstruindo a nossa percepção do nosso lugar no mundo. No campo biográfico Delory-Momberger acredita que as narrativas são produzidas em uma situação de interação, ou seja, são moldadas pelas dinâmicas sociais e interpessoais envolvidas na sua produção e escuta.

Em síntese, as narrativas criadas através da produção plástica, é um meio para entendermos nós mesmos e o mundo que nos cerca, pois desafiam e reformulam nossa compreensão do espaço histórico e social e nos permitem uma percepção mais significativa. O trabalho sobre as transformações torna-se prioridade sobre as suas subjetividades e suas histórias de vida em particular.

O trabalho de pesquisa a partir das produções criadas nas oficinas, promoveu o acesso a perspectiva de evidenciar e questionar, esta ruptura, dos projetos de vida dessas mulheres, esse trabalho de reflexão a partir das suas narrativas e da formação de si, pensando, sensibilizando-se, apreciando-se e questionando-se. Permitindo a evolução dos seus contextos de vida. Suas questões, inquietações, explicitadas no trabalho individual, sobre as suas produções, permite que as participantes comecem a refletir, em recursos para se reinventar.

Acredita-se que com o aprofundamento das questões relacionadas à Memória e à Identidades dessa pesquisa, poderá abrir reflexões, problematizações no campo do patrimônio cultural. A metodologia irá se delinear de forma mais substancial e dentro dos parâmetros do campo, conjugando a contribuição da arteterapia como forma de acessar as subjetividades expressas nas narrativas.

A imaginação é importante pois através dela, transmitem-se valores que ajudam a superar medos e enfrentar situações vivenciadas no seu cotidiano. A expressão das subjetividades, cuja manifestação pode ocorrer tanto no âmbito individual quanto no coletivo, fazendo com que esse sujeito tome conhecimento dos objetos externos a partir de referenciais próprios.

As linguagens relacionam-se ao fato de que é por meio delas que os indivíduos se expressam, se posicionam socialmente, estabelecem trocas, fazendo da subjetividade um processo dinâmico e relacionado ao imbricamento entre o individual e o social. O estudo das identidades humanas leva em primazia as expressões das linguagens, exatamente porque é por elas que os sujeitos se mostram e se relacionam em trocas identitárias/alteridade. Para Stuart Hall conceito de identidade tem sido submetido, ao mesmo tempo, a uma reserva crítica sobre o tema, ressalta ainda:

Está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade disciplinares, todas as quase, de uma forma ou outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada. Na filosofia tem-se feito, por exemplo, a crítica do sujeito autossustentável que está no centro da metafísica ocidental pós-cartesiana (Hall, 2008, p, 103).

A citação mencionada refere-se à desconstrução das perspectivas identitárias que tem sido amplamente explorada em várias áreas disciplinares. Essa desconstrução envolve questionar e criticar a noção de uma identidade interna, originária e unificada, que tradicionalmente tem sido concebida como um núcleo estável e imutável do ser. Trata-se de perceber as construções culturais na cultura e na linguagem. Essa desconstrução das perspectivas identitárias enfatiza a natureza fluida, e contingente da identidade. Ela reconhece que a identidade é construída através de uma multiplicidade de influências sociais, culturais e históricas, e está em constante transformação e negociação.

Trata-se de uma crítica das identidades fixas e essencialistas é impulsionada por uma compreensão mais complexa da subjetividade humana, que reconhece a interconexão entre indivíduos, a influência do contexto social e cultural e a capacidade de construção de significado por parte dos sujeitos.

Essa perspectiva desconstrucionista desafia as narrativas dominantes e normativas que restringem a diversidade de experiências e a multiplicidade de identidades. Ela promove a abertura para a complexidade, a fluidez e a hibridez das identidades, e reconhece a importância de considerar as relações de poder, as diferenças e as desigualdades sociais na formação e na expressão da identidade.

Portanto, a desconstrução das perspectivas identitárias busca desafiar as noções fixas e essencialistas de identidade, abrindo espaço para uma compreensão mais fluida, relacional e contextualizada do eu e do outro. Essa abordagem crítica é fundamental para a promoção da diversidade, da inclusão e do respeito pelas múltiplas formas de ser e de se identificar na sociedade contemporânea. “A perspectiva desconstrutiva coloca certos conceitos-chave “sob rasura”. O sinal de “rasura” indica que eles não servem mais – não são mais “bons para pensar” – em sua forma original, não-reconstruída” (Hall, 2008, p. 104.) A citação de Stuart Hall aborda a ideia de colocar certos conceitos-chave "sob rasura", indicando que esses conceitos já não são mais válidos ou adequados em sua forma original e não reconstruída. A expressão "sob rasura" refere-se a uma prática de questionar, problematizar e desestabilizar conceitos que foram considerados como absolutos e fixos.

Hall (2008) argumenta que a perspectiva desconstrutiva desafia a noção de que certos conceitos são universais e imutáveis, reconhecendo que eles são construções sociais e históricas

sujeitas a transformação e reinterpretação. Ao colocar esses conceitos "sob rasura", sugere-se que eles precisam ser reconsiderados e reconstruídos à luz de novos entendimentos e perspectivas.

A "rasura" dos conceitos-chave permite uma abertura para o questionamento e a crítica, abrindo espaço para a reconstrução de significados e para a emergência de perspectivas mais inclusivas e dinâmicas. Isso implica em reconhecer que o conhecimento e as identidades são construídos socialmente, e que eles estão sujeitos a múltiplas interpretações e transformações ao longo do tempo.

Portanto, a situação descrita na citação de Hall (2008) reflete a necessidade de revisitar e reavaliar conceitos-chave, reconhecendo que eles não são fixos ou definitivos, mas sim sujeitos a reavaliação e recontextualização. A perspectiva desconstrutiva busca desafiar as estruturas de poder e as suposições dominantes, permitindo uma abertura para a construção de novos significados e interpretações que sejam mais sensíveis às complexidades e diversidades das experiências humanas.

“É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e aquilo que somos” (Woodward, 2012, p.18). Nesse sentido, importante considerar as relações entre patrimônio e identidade, de modo a verificar a pertinência e os desafios dessas relações, nos processos de ativação patrimonial, é importante para uma série de componentes da vida cotidiana, como patrimônio cultural, associadas com a identidade. “A identidade, envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável” (Woodward, 2012, p.13). Esta reflexão sobre a identidade essencialistas enfatiza um passado comum, congelado. A autora caracteriza assim duas versões do essencialismo identitário:

A primeira fundamenta a identidade na “verdade” da tradição e nas raízes da história, fazendo um apelo à “realidade” de um passado possivelmente reprimido e obscurecido, no qual a identidade proclamada no presente é revelada como um produto da história. A segunda está relacionada a uma categoria “natural”, fixa, na qual a “verdade” está enraizada na biologia. Cada uma dessas versões envolve uma crença na existência e na busca de uma identidade verdadeira. O essencialismo pode, assim, ser biológico e natural, ou histórico e cultural (Woodward, 2012, p. 37).

Por esta razão o essencialismo identitário, e a ideia de uma “verdadeira” identidade, estão visceralmente vinculados, diante das múltiplas identidades dos indivíduos. A noção de essencialismo, que é a crença na existência de uma identidade fixa e imutável que define uma

pessoa ou grupo. O essencialismo pode ser entendido em duas formas: biológico e natural, ou histórico e cultural.

A primeira forma se baseia na ideia de que as diferenças entre os indivíduos estão enraizadas na biologia, na genética ou em traços naturais, como gênero ou raça. A segunda forma se baseia na ideia de que uma identidade é formada por influências culturais e históricas, como tradições, costumes e valores.

Ao acreditar na existência de uma identidade verdadeira, fixa e imutável, o essencialismo ignora a diversidade e a complexidade das experiências e das subjetividades humanas.

Isso pode levar a estereótipos, preconceitos e discriminações, já que as pessoas são julgadas e rotuladas com base em características que supostamente definem sua identidade, as mulheres podem enfrentar efeitos sociais negativos, como exclusão, exploração, privação, intolerância, preconceito e discriminação.

Nesse contexto, é importante reconhecer que o racismo é uma manifestação do essencialismo identitário, que reduz indivíduos a categorias fixas e estereotipadas com base em características raciais.

O essencialismo identitário pressupõe que certos grupos raciais possuem características inerentes e imutáveis, o que leva à criação de hierarquias e estigmatização de determinados grupos. Essa visão reducionista ignora a diversidade e a individualidade das pessoas, perpetuando estereótipos e promovendo a discriminação com base na raça.

Ao refletir sobre essas questões, é fundamental desconstruir o essencialismo identitário e promover uma compreensão mais complexa e inclusiva da identidade. Isso envolve reconhecer a fluidez e a multiplicidade das identidades, valorizar a diversidade e combater o racismo estrutural que perpetua desigualdades sociais e injustiças. Kathryn Woodward caracteriza que:

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O Que poderia ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (Woodward 2012, p. 18).

O essencialismo histórico-cultural procura fundamentar a identidade a partir da busca por uma suposta “verdade” na tradição e nas raízes históricas de um povo ou comunidade. A ideia é que a identidade proclamada no presente seja resultado de uma história que foi reprimida

e obscurecida, e que precisa ser recuperada. Já o essencialismo biológico fundamenta a identidade a partir de características biológicas, como a cor da pele, orientação sexual a capacidade de gerar um filho, entre outras.

No contexto da arteterapia é importante considerar essas ideias ao trabalhar com as mulheres, pois cada uma delas tem sua própria história e identidade, que não podem ser reduzidas a estereótipos ou generalizações. A arteterapia pode ajudar a explorar e valorizar essa diversidade, estimulando a expressão livre e promovendo o diálogo e a troca de experiências entre elas.

A ideia essencializadora de cultura e identidade, que tende a restringir e categorizar as pessoas em grupos fixos e homogêneos, ignorando a complexidade e a diversidade das experiências humanas, e tem sido criticada por muitos pesquisadores e pensadores ao longo das últimas décadas. Essa concepção tende a reduzir as pessoas a grupos fixos e homogêneos, com base em características culturais e/ou étnicas, ignorando a complexidade e diversidade das experiências humanas.

Essa visão muitas vezes é resultado de uma perspectiva eurocêntrica, que desconsidera as múltiplas formas de conhecimento e expressão cultural existentes em diferentes partes do mundo. Além disso, ela pode fortalecer estereótipos e preconceitos, criando uma dicotomia entre "nós" e "eles", e dificultando o diálogo e a compreensão entre diferentes grupos sociais.

Por outro lado, uma abordagem que valoriza a diversidade cultural e as múltiplas identidades que as pessoas podem assumir ao longo de suas vidas, promove uma compreensão mais rica e complexa da humanidade. Essa perspectiva reconhece a importância da história, das experiências individuais e coletivas, e das relações de poder que afetam a forma como as pessoas se percebem e são percebidas pelos outros.

Nesse sentido, a valorização da diversidade cultural e o reconhecimento da multiplicidade de identidades humanas são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática. A arte, incluindo a arteterapia, pode exercer um papel importante nesse processo, promovendo a expressão, a reflexão e o diálogo entre diferentes perspectivas e experiências.

Assim a construção da identidade é tanto simbólica quanto social, é marcada pelas diferenças, o conceito de identidade é importante para observar como a identidade se insere no “círculo da cultura” bem como a forma como a identidade e a diferença se relacionam com o discurso sobre a representação. “As identidades baseadas na “raça”, no gênero, na sexualidade e na incapacidade física, por exemplo, atravessam o pertencimento de classe” (Woodward 2012, p. 37).

Portanto a diferença é marcada em relação à identidade, através de sistemas classificatórios, são sistemas simbólicos por meio de exclusão. “A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença” (Woodward 2012, p. 40). Por isso, tanto as diferenças quanto as identidades, são construídas e não acabadas.

A citação de Woodward (2012) destaca que a construção da identidade é influenciada tanto por elementos simbólicos quanto sociais, e que a diversidade e as diferenças são importantes para entender como a identidade é moldada. O conceito de identidade é crucial para entender como ela se insere no contexto cultural, bem como a identidade e a diferença se relacionam com o discurso sobre a representação.

As identidades toleradas em características como raça, gênero, sexualidade e deficiência física atravessam a pertença de classe, o que significa que as identidades são moldadas por diversos fatores e podem ser compreendidas. A interseccionalidade é uma abordagem que reconhece a interconexão de diferentes dimensões da identidade, e destaca que as experiências de uma pessoa não podem ser compreendidas apenas com base em uma característica individual, mas devem ser consideradas em conjunto.

Assim, a compreensão da identidade e da diversidade é fundamental para a prática da arteterapia, especialmente no contexto das mães de filhos com deficiência e do patrimônio cultural imaterial. Através da arte, é possível explorar as complexidades da identidade e da diferença, criando um espaço seguro para expressão e compreensão das experiências únicas de cada indivíduo.

Mas apesar deste fator, a identidade nos ajuda, a termos uma compreensão sobre o nosso eu, a nossa subjetividade que envolve a psique humana. Sendo assim, a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade.

## 1.1 IDENTIDADE E MEMÓRIA: REFLEXÕES SOBRE AS NARRATIVAS

Como falar de identidade sem pensar na memória? “à memória parte de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é apropriação do que não nos pertence mais” (Bosi, 2003, p. 20). A memória não é história, legitimação no presente das opções de uma sociedade, e dos seus diferentes grupos culturais ou sociais. Bosi (2003) destaca a importância da memória na construção da identidade, pois ela é uma forma de apropriação do passado e uma maneira de entender e interpretar o presente.

A memória é um processo subjetivo, que envolve a seleção, organização e interpretação das informações que recebemos, baseadas em nossas experiências pessoais e coletivas. Ela é

influenciada por nossas emoções, expectativas, valores e ideologias, e pode ser moldada pelas relações de poder presentes na sociedade.

A memória não é a mesma coisa que História, que é uma construção objetiva e sistemática do passado, com base em fontes documentais e metodologias científicas. Enquanto a História se preocupa em estabelecer fatos e verdades, a memória é mais flexível e subjetiva, podendo ser moldada por fatores externos e internos. A memória é uma forma de legitimação do presente, pois ajuda a definir o que é relevante ou não em nossa história, e que deve ser lembrado ou esquecido.

Dessa forma, pensar em identidade sem considerar a memória é impossível, pois é por meio dela que construímos nossas narrativas pessoais e coletivas, e compreendemos quem somos e de onde viemos. A memória pode ser uma forma de resistência e de afirmação de identidades minoritárias, que muitas vezes são marginalizadas ou apagadas da história oficial.

A memória é um instrumento estruturador de identidades, sendo um mecanismo ideológico de compensação as perdas ou fragilidades, de um determinado grupo ou sociedade, divididas em memória individual e memória coletiva. Para Bosi (2003, p.22) “Há, portanto, uma memória coletiva, produzida no interior de uma classe, mas com o poder de difusão, onde se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores”. Portanto ela é coletiva, mais afetada e é engendrada pelos sujeitos individualmente. Entendemos que ressignificar, as memórias dessas mulheres, estamos fazendo conscientes de que tentamos capturar o fato, sabendo-o e reconstruindo-o por uma memória seletiva, intencional ou não.

No contexto da arteterapia e da possibilidade de ressignificação da memória das participantes, implica em reconhecer e proteger suas narrativas individuais e coletivas, promovendo uma reflexão crítica sobre o papel da memória na construção da identidade e da história.

É uma crítica corrente que busca desconstruir as hierarquias, desigualdades e opressões produzidas histórico social e culturalmente. Ela parte da compreensão de que a história deixou marcas profundas na construção das identidades, das relações sociais, das instituições e das formas de conhecimento, impondo padrões de poder, dominação e exploração que se reproduzem até hoje.

Essa abordagem coloca em xeque a ideia de que a cultura e a identidade são essencializadas, ou seja, que são inatas, fixas e imutáveis, e que se resumem a uma série de traços culturais ou biológicos. Ao contrário, ela defende que as culturas e as identidades são construções sociais e históricas, que se transformam ao longo do tempo e em diferentes contextos.

Assim, propomos uma crítica radical às formas de conhecimento hegemônicas, que muitas vezes são enraizadas e busca promover outras formas de conhecimento, produzidas por grupos subalternizados e marginalizados. Além disso, enxergar as identidades dos grupos valorizando suas memórias é um compromisso com a promoção da justiça social e a equidade, combatendo as formas de opressão que ainda existem na sociedade, como o racismo, o sexismo, a homofobia, a transfobia e outras formas de identificação.

Candau (2011, p. 60) faz uma reflexão sobre as relações de si, para si, o trabalho de si, sobre si mesmo, a preocupação, a formação e expressão de si, supõem um trabalho da memória que realiza em três direções diferentes: uma memória do passado, das recordações; memória da ação absorvida num presente sempre evanescente; e a memória de espera, aquela dos projetos, das resoluções, das promessas, das esperanças. Sob este ponto de vista, as memórias que essas mulheres têm de si mesmas frequentemente caem no esquecimento, absorvidas pelas exigências da vida cotidiana. Aos poucos, essas memórias vão se esvaindo e se perdendo na rotina, enquanto as mulheres permanecem imersas na memória de espera, na esperança de resoluções para suas aflições e conflitos.

Candau (2011), em sua reflexão, destaca a importância do trabalho da memória nas relações que estabelecemos com nós mesmos. Esse trabalho da memória se dá em três divisões: a memória do passado, das gravações; a memória da ação isolada num presente sempre evanescente; e a memória de espera, que se refere aos projetos, vivenciamos, promessas e esperanças que temos para o futuro.

A memória é fundamental para a construção da nossa identidade, pois é por meio dela que nós reconhecemos como seres históricos e sociais, que temos uma história e um passado que nos constituímos. Além disso, a memória também nos permite estabelecer relações com o presente e o futuro, ao absorvermos nossas ações no presente e projetarmos nossas esperanças e desejos para o futuro.

Assim, a reflexão de Candau (2011) nos leva a compreender a importância da memória como um elemento fundamental para a construção da nossa subjetividade e para a relação que estabelecemos conosco mesmo. É pelo meio do trabalho da memória que podemos nos reconhecer como pessoas históricas, sociais e culturais, e construir uma identidade que leve em consideração nossa história, presente e futuro.

Candau (2011, p. 131) entende o papel dos esquecimentos na construção da memória de diferentes modos. O que ele chama de “esquecimentos tradicionais” seriam aqueles capazes de vincular os indivíduos ao presente e funcionarem como fator fundamental na criação de

identidades culturais. Já os esquecimentos contemporâneos, provocados pela desmemória, provoca “uma desconexão social” e consequente perda identitária.

Jacques Le Goff (2003, p.419) fala que “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”

A partir da citação de Jacques Le Goff (2003), podemos compreender que a memória é uma propriedade que permite a conservação de informações passadas, e que essa capacidade é realizada por meio de funções psíquicas. Dessa forma, as memórias são atualizadas e descritas como passadas, permitindo que possam ser evocadas e revividas.

No contexto da arteterapia, essa capacidade de evocação e atualização das memórias pode ser utilizada como um recurso para que as mulheres possam acessar e ressignificar suas experiências, tanto históricas quanto sociais. A metodologia da arteterapia, utilizando as linguagens dos contos, pode fornecer um espaço acolhedor para que as mulheres possam explorar e expressar suas memórias, além de possibilitar uma reflexão sobre como essas experiências influenciam suas vidas e suas relações. Dessa forma, a arteterapia pode ser um meio eficaz para que as mulheres lidem com suas emoções, traumas e desafios. Nesse sentido, elas poderão evocar suas memórias históricas e sociais através do fazer artístico.

O conceito proposto por Halbwachs (2006, p. 54) na sua obra *Memória Coletiva*, o “quando uma lembrança reaparece, não é consequência de um conjunto de reflexões, mas de uma apropriação de percepções determinada pela ordem em que se apresentam determinados dados e objetos”. Ainda sobre as relações de memória individual e coletiva, o autor cita: “Reaparecimento de lembranças. Pressupomos então que não tenha sido reconstruída, mas evocada, a lembrança teria sido guardada assim mesmo no nosso espírito. No entanto, o certo é que o único meio de preencher esta lacuna da nossa memória seria retornar a este local, abrir os olhos.”, ao evocar as memórias das mulheres com os contos, adentraremos no campo de um conjunto de lembranças, onde vão voltar para si, e sobre o reaparecimento de lembranças e como elas podem ser evocadas.

A ideia é que as lembranças estão presentes nas vidas, mas não necessariamente acessíveis a todo momento. Ao evocá-las, podemos trazê-las de volta, ou criá-las à nossa consciência. O autor sugere que, em alguns casos, uma lembrança pode ser incompleta e, para preencher essa lacuna, seria necessário voltar ao local em que a memória foi formada.

No caso das participantes, ao evocarmos suas memórias por meio da arteterapia, podemos ajudá-las a recriar lembranças importantes que talvez estejam adormecidas ou

esquecidas. Os contos, nesse sentido, podem ser um recurso valioso para acessar essas lembranças e trazê-las de volta à consciência. Ao trabalhar com as histórias, as mulheres poderão encontrar conexões com suas próprias vivências e experiências, ajudando-as a compreender melhor a si mesmas e a sua relação com o mundo.

Halbwachs (2006, p.55) cita que “Reconhecer por imagens, ao contrário, é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontra as ligações desse objeto com outros que podem sem também pensamentos ou sentimentos”.

Entendemos que ressignificar, as memórias dessas mulheres, estamos fazendo conscientes de que tentamos capturar o fato, sabendo-o e reconstruindo-o por uma memória seletiva, intencional ou não. Conforme os apontamentos de Halbwachs (2006, p.58) “enquanto sofremos docilmente a influência de um meio social, não sentimos. Parte-se do pressuposto da indispensabilidade de repensar o patrimônio, a identidade e a memória, o que se justifica tendo em vista que a cultura nacional é a principal fonte da identidade cultural, é um campo de conflito entre identidades”.

A relação entre identidade e memória ganha destaque nas reflexões sobre as narrativas contemporâneas. No presente contexto, exploramos como as narrativas moldam e influenciam a construção da identidade individual e coletiva.

As narrativas desempenham um papel fundamental na expressão e preservação da identidade. Elas nos permitem contar histórias pessoais e compartilhar experiências que moldam quem somos. Por meio das narrativas, estabelecemos conexões com o passado, dando significado às nossas vivências e compreendendo nossa trajetória.

No entanto, é importante reconhecer que as narrativas não são fixas ou imutáveis. Elas evoluem e se transformam ao longo do tempo, à medida que novas experiências são vivenciadas e novos significados são atribuídos. As narrativas estão em constante processo de construção, refletindo nossa compreensão em constante mudança do mundo e de nós mesmos.

Ao explorar as narrativas, também nos confrontamos com a complexidade da memória. A memória é seletiva e subjetiva, influenciada por nossas emoções, perspectivas e contextos sociais. Ela molda nossas lembranças e, por sua vez, contribui para a formação de nossa identidade. Quando lembramos de um evento ou experiência, não estamos simplesmente recuperando uma reprodução fiel dos acontecimentos. Em vez disso, nossa memória é influenciada por uma série de fatores, como nossas emoções, perspectivas, crenças e contexto social.

Nesse sentido, as narrativas atuam como veículos de preservação e reconstrução da memória, permitindo que diferentes versões e perspectivas sejam compartilhadas e debatidas. Elas nos desafiam a questionar e reinterpretar nossa própria história, assim como a história coletiva, à medida que ouvimos e aprendemos com as histórias dos outros.

Portanto, no presente contexto, as narrativas continuam a desempenhar um papel fundamental na reflexão sobre identidade e memória. Elas nos convidam a explorar as múltiplas camadas e nuances que compõem quem somos, assim como a reconhecer a importância da diversidade de experiências e perspectivas na construção de uma compreensão mais completa do mundo e de nós mesmos.

## 1.2 ARTETERAPIA E ARTE: CONEXÕES ENTRE CRIATIVIDADE, SUBJETIVIDADE

Através da Arte, é possível criar formas de representação e de construção de memória, que não sejam apenas comemoradas em monumentos ou em objetos físicos. Através da arteterapia, as pessoas podem ser convidadas a expressar suas próprias memórias e histórias, criando um tipo de valoração de patrimônio imaterial, que valoriza a diversidade e a subjetividade.

Além disso, as expressões artísticas e a arte podem ser usadas para revitalizar espaços públicos e patrimônios urbanos, trazendo novas formas de intervenção que valorizam a participação e o diálogo com a comunidade. Ao invés de ver o patrimônio como algo intocável e de reprodução de memórias e identidades, a arte e a arteterapia podem nos ajudar a repensar o seu valor e sua relação com as pessoas, interativo em algo vivo e dinâmico. A autora Rolnik (2018) faz uma reflexão:

[...] é preciso se agir igualmente para reapropriar-se da força de criação e cooperação- ou seja, atuar micro politicamente -, reconhecê-lo racialmente não garante ações eficazes nessa direção. É a reapropriação do impulso de criação só se efetua ao iniciar sobre ações e desejo, de modo a imprimir-lhes sua direção e seu modo de relação com o outro; no entanto, tais ações tendem a chocar-se com a barreira da política de produção de subjetividade e do desejo inerentes ao regime vigente (Rolnik, 2018, p.35).

A citação de Suely Rolnik (2018) fala sobre a necessidade de agir para se reapropriar da força de criação e cooperação, existir micro politicamente, ou seja, em nível individual e coletivo, mas também imprimir direção e modo de relação com o outro essas ações. Porém, as

barreiras da política de produção de subjetividade e do desejo inerente ao regime vigente podem dificultar essa ação.

No contexto dos campos do Patrimônio Cultural e da Arte, podemos pensar em como essa barreira pode afetar a forma como nos apropriamos dessas manifestações culturais. A política de produção de subjetividade e de desejo pode influenciar a maneira como enfrentamos e valorizamos o patrimônio e a arte, muitas vezes reproduzindo obediências e exclusões.

A produção plástica criada pelas mãos pode ser uma ferramenta valiosa para ajudá-las a valorizar sua expressão e explorar diferentes formas de manifestações culturais. Além disso, a produção plástica pode promover o diálogo e a colaboração entre grupos e comunidades distintas.

A autora Suely Rolnik ressalta ainda a importância de (2018 p. 37) “para driblar o inconsciente em nós mesmo e em nosso entorno, exige um trabalho de investigação que só pode ser feito no campo da própria experiência subjetiva”. Com essa afirmação, ela destaca a importância de uma reflexão sobre a própria experiência subjetiva para identificar as barreiras que podem impedir a criação e a cooperação entre as pessoas. Sugere que é necessário um trabalho de investigação para compreender o que está presente no inconsciente individual e coletivo, e como esses aspectos podem afetar a capacidade de atuar micro politicamente, ou seja, de agir no nível das relações interpessoais e produzir mudanças.

Essa reflexão sobre a própria subjetividade pode ser aplicada também ao contexto do patrimônio e da arte. Ao investigar as próprias memórias, crenças e valores em relação ao patrimônio, por exemplo, é possível identificar as barreiras que impedem a apropriação criativa e colaborativa desse patrimônio. Da mesma forma, ao explorar as próprias experiências artísticas e estéticas, é possível compreender como a subjetividade influencia a percepção e a produção de arte. Assim, a ideia de Rolnik (2018) sugere que a:

[...] investigação da própria subjetividade é fundamental para superar as barreiras à criação e cooperação, tanto no âmbito da política e da sociedade como no da arte e do patrimônio. “Há de buscar vias de acesso à potência da criação em nós mesmos: a nascente do movimento pulsional que move as ações e desejo em seus distintos destinos. Um trabalho de experimentações sobre si. Que demanda uma atenção constante (Rolnik, 2018, p.37).

A citação destaca a importância de investigar a subjetividade para superação das barreiras que impedem de criar e cooperar. Ela sugere que é necessário buscar vias de acesso à potência da criação em nós mesmos, ou seja, explorar a fonte dos nossos desejos e movimentos

pulsionais. Esse trabalho de investigação de si mesmo envolve uma série de experimentações, que fomentou uma atenção constante.

Essa reflexão é especialmente relevante no âmbito dos campos do Patrimônio Cultural e da Arte, pois a criação e a cooperação nesses campos encorajaram uma forte conexão com a nossa subjetividade e com os nossos desejos mais profundos. Através de um trabalho de investigação pessoal, é possível ampliar nossa capacidade de criação e cooperação, tornando-nos mais sensíveis e conectados com as diferentes dimensões do patrimônio e da arte. A autora destaca ainda que:

[...] não há forma que não seja uma concretização de fluxo vital e, reciprocamente, não há força que não esteja moldada em alguma forma, produzindo a sustentação vital da mesma, como também suas transfigurações e inclusive sua dissolução, num processo contínuo de diferenciação. com isso em mente, examinamos primeiro como aprendemos, respectivamente, formas e forças, o tipo de experiências que tais capacidades provam, bem como a dinâmica da relação que se estabelece entre ambos, explique melhor a situação (Rolnik, 2018, p.50)

Rolnik (2018) enfatiza a importância de monitorar como, respectivamente, formas e forças, e as experiências que tais recursos sofreram, a fim de entender melhor a relação da dinâmica entre ambas. Isso significa que, ao compreender a interação entre formas e forças, podemos entender melhor como elas moldam nossa subjetividade e nossa relação com o mundo.

No contexto abordado por ela, a referência a "formas" se relaciona com as estruturas e configurações físicas, sociais e culturais presentes em nosso entorno. Essas formas podem ser entendidas como os elementos materiais e simbólicos que compõem o mundo ao nosso redor, como instituições, normas, arquitetura, sistemas de poder, entre outros.

Por outro lado, as "forças" referem-se às dinâmicas e fluxos que atuam sobre essas formas, impulsionando transformações, mudanças e ressignificações. São as energias, impulsos e movimentos que influenciam as estruturas e moldam as interações humanas, as relações de poder, as relações sociais e as subjetividades.

Ao analisar a interação entre formas e forças, Rolnik (2018) destaca a importância de observar não apenas as configurações estáticas das estruturas, mas também os processos dinâmicos e os efeitos que as forças exercem sobre elas. Essa perspectiva permite compreender como as formas são constantemente transformadas e reconfiguradas pelas forças em jogo.

Nesse sentido, entender a relação entre formas e forças implica reconhecer que as estruturas físicas, sociais e culturais não são estáticas, mas estão em constante interação e negociação com as dinâmicas que as atravessam. Essas dinâmicas podem ser influenciadas por

questões políticas, econômicas, históricas, ambientais, entre outras, e têm impacto direto na construção da subjetividade individual e coletiva.

Portanto, ao analisar as formas e forças presentes em determinado contexto, busca-se compreender como as estruturas moldam as relações e como as forças atuantes influenciam a transformação dessas formas. Esse entendimento permite uma visão mais ampla e complexa das relações entre subjetividade, sociedade e espaço, contribuindo para uma compreensão mais completa dos processos que nos constituem como sujeitos e como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

Essa compreensão é fundamental para superar as barreiras à criação e cooperação, tanto no âmbito da política e da sociedade como no da arte e do patrimônio. Ao investigar nossa própria subjetividade e experimentar novas formas de pensar e agir, podemos acessar a potência da criação em nós mesmos e, assim, moldar as formas e forças que nos cercam de maneira mais criativa e produtiva. “A autora ressalta ainda a importância da capacidade pessoal-sensorial-sentimental-cognitiva. Por meio dela se produz a experiência da subjetividade enquanto sujeito, intrínseca à nossa condição sociocultural e moldada pelos eu imaginário” (Rolnik, 2018, p. 52).

A autora Suely Rolnik (2018) fala da importância da capacidade pessoal de experiência sensorial, sentimental e cognitiva na construção da subjetividade. Ela enfatiza que essa capacidade é moldada pela nossa condição sociocultural e pelo nosso imaginário, ou seja, pelas representações que criamos a partir das nossas vivências e das influências culturais que sentimos.

Segundo a autora, é por meio dessa capacidade pessoal que nos tornamos sujeitos, ou seja, agentes ativos na construção da nossa própria subjetividade. Nesse processo, nossa experiência subjetiva é moldada pelas forças que operam sobre nós e pelas formas que adotamos para lidar com essas forças.

Ao observar, perceber e sentir algo, estamos vivenciando uma experiência, mas é preciso ir além disso e realizar um trabalho reflexivo para que essa experiência se torne significativa e possa contribuir para o nosso crescimento pessoal e desenvolvimento humano.

Em outra perspectiva, agora no campo da pesquisa (auto) biográfica a autora Josso (2002, p. 35) fala que “vivemos em infinidade transações e vivências: estas vivências atingem o estado de experiências a partir do momento em que fazemos um certo trabalho sobre o que foi observado, percebido e sentido”. Essa fala destaca a importância da reflexão e do trabalho sobre nossas vivências e experiências.

Na abordagem da Arteterapia, por exemplo, esse trabalho reflexivo pode ser realizado por meio da expressão artística, que permite ao indivíduo entrar em contato com suas emoções,

sentimentos e pensamentos de uma maneira não verbal e acompanhada. Ao criar uma expressão artística, o indivíduo pode explorar suas vivências e experiências de uma forma segura e criativa, permitindo a compreensão e integração dessas experiências em sua vida.

Dessa forma, a citação de Josso (2002) nos convida a refletir sobre a importância de trabalharmos nossas experiências e vivências, conversando-as em aprendizados e crescimento pessoal, e a Arteterapia pode ser uma ferramenta valiosa nesse processo. A autora faz ainda uma reflexão sobre as experiências:

As narrativas de formação permitem distinguir experiências coletivamente partilhadas pelas nossas pertencas socioculturais e experiências individuais, experiências únicas e experiências em série. A experiência implica a pessoa na sua globalidade de ser psicossomático e sociocultural: isso é ela comporta sempre as dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais (Josso, 2002, p.35).

A citação de Josso (2002) destaca a importância da reflexão e do trabalho sobre nossas vivências e experiências. Ao observar, perceber e sentir algo, estamos vivenciando uma experiência, mas é preciso ir além disso e realizar um trabalho reflexivo para que essa experiência se torne significativa e possa contribuir para o nosso crescimento pessoal e desenvolvimento humano.

Essa compreensão é fundamental para a arteterapia e seu uso no campo do patrimônio, pois essas formas culturais são, em última instância, produzidas e apreciadas por sujeitos que se relacionam com elas a partir de suas experiências subjetivas.

Josso (2002) diz como compreendemos como é que nós formamos ao longo da nossa vida através de um conjunto de experiências, mais ainda tomar consciência que este reconhecimento de nós próprios como sujeito (Josso, 2002, p.43). A autora afirma ainda que nossa formação como sujeitos ocorre ao longo de toda a nossa vida, a partir de uma série de experiências que vamos acumulando. É importante que tenhamos consciência desse processo, pois é através dele que nos tornamos sujeitos ativos e responsáveis pela nossa própria história.

A arteterapia pode ser muito útil para esse processo de tomada de consciência e reconhecimento de nós mesmos como sujeitos. Através da arte, podemos expressar nossas emoções, sentimentos e vivências de uma forma não verbal, o que muitas vezes pode ser mais fácil e profundo do que a expressão verbal. Além disso, a arteterapia pode nos ajudar a refletir sobre nossas experiências e construir um sentido para a nossa vida e identidade.

Dessa forma, a relação entre a teoria de Josso (2002) e a arteterapia se dá na medida em que ambos buscam compreender e respeitar a nossa formação como sujeitos, e como essa formação é influenciada pelas nossas experiências ao longo da vida. A arteterapia pode ser vista

como uma forma de intervenção que ajuda a desenvolver a consciência de si mesmo e construir uma identidade mais autônoma e integrada.

A autora ressalta ainda que, “conhecimento de si, procura, envolver os nossos diferentes modos de estar no mundo, de nos projetarmos nele e de fazermos na proporção do desenvolvimento da nossa capacidade para multiplicar e, alargar, aprofundar as nossas sensibilidades para nós próprios e para o mundo” (Josso, 2002, p.43).

Josso (2002) enfatiza a importância do conhecimento de si mesmo, que envolve uma compreensão dos diferentes modos como nos relacionamos com o mundo e como projetamos nossas ações nele. Esse conhecimento não é estático ou fixo, mas sim algo que se desenvolve ao longo da vida, na medida em que expandimos e aprofundamos nossa capacidade de perceber e compreender as coisas.

Ao buscar um maior conhecimento de si mesmo, Josso (2002) sugere que estamos buscando uma maior sensibilidade tanto em relação a nós mesmos quanto ao mundo ao nosso redor. Essa sensibilidade pode nos ajudar a expandir nossas experiências e enriquecer nossas vidas de maneiras profundas e experiências.

A relação com a arteterapia pode ser encontrada nessa ideia de sensibilidade e expansão de experiências. Através da prática da arteterapia, podemos explorar nossas emoções, impressões e pensamentos de maneira criativa e não verbal. Isso pode nos ajudar a expandir nossa compreensão de nós mesmos e do mundo, permitindo-nos explorar novas perspectivas e desenvolver uma maior sensibilidade para com a nossa própria experiência e a experiência dos outros.

A autora fala ainda que “o autoconhecimento poderá inaugurar a emergência de um eu mais consciente e perspicaz para orientar o futuro da sua realização e reexaminar, na sua caminhada, os pressupostos das suas opções. Tais como os objetivos formativos da abordagem das histórias de vida” (Josso, 2002, p.44).

Além disso, destaca o culto das histórias de vida como uma abordagem formativa que pode contribuir para o processo de autoconhecimento. Essa abordagem consiste em olhar para as experiências vividas ao longo da vida e buscar compreender como elas influenciaram a formação da identidade e as escolhas feitas até o momento. Ao analisar essas histórias de vida, é possível identificar padrões, questões pessoais e valores que ajudam a pessoa a se conhecer melhor e planejar seu futuro de forma mais consciente.

### 1.3 A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

Na sociedade contemporânea, a pressão cultural sobre as mulheres se manifesta intensamente em suas relações sociais. Essa pressão é frequentemente expressa por meio de discursos que tentam definir uma "verdade" sobre a natureza feminina, resultando na categorização de mulheres como "desnaturadas" quando não se encaixam em certos padrões e questionando a identidade de ser mulher. Vivemos em um contexto que impõe e valoriza padrões de força, beleza e perfeição, o que pode intensificar a cobrança e gerar expectativas irreais sobre as mulheres.

A identidade feminina é construída a partir de experiências vividas, e muitas vezes a sociedade espera que as mulheres se conformem a papéis preestabelecidos. Quando uma mulher ocupa múltiplas funções, como profissional, mãe cuidadora, e membro ativo da comunidade, ela pode enfrentar uma pressão adicional para cumprir perfeitamente todas essas responsabilidades.

A frustração pode surgir quando essas expectativas não são atendidas, levando a uma constante busca por validação e aceitação. Durante esse processo, a mulher pode desenvolver uma subjetividade única, moldada pelas demandas de suas diversas funções e pela busca de inclusão e reconhecimento no contexto social. A identidade feminina, portanto, não é estática, mas continuamente moldada e reconfigurada pelas experiências e pressões sociais.

[...] uma atribuição a si mesmo da falta, nem que tenhamos de esboçar, já nesse nível, as condições de uma colocação em comum de uma culpabilidade fundamental. A forma específica que toma a auto-atribuição da falta é a da confissão, esse ato de linguagem pelo qual um sujeito toma sobre si, assume a acusação (Ricoeur, 2014, p.468).

Ricoeur aborda a ideia de atribuição de falta a si mesmo e a condição de uma culpabilidade fundamental. Segundo o autor, essa atribuição de falta se manifesta por meio da confissão, um ato de linguagem no qual o sujeito assume a acusação e assume a responsabilidade por suas ações.

O autor sugere que essa auto-atribuição da falta está relacionada à consciência do sujeito sobre suas próprias limitações, erros ou transgressões. É um reconhecimento de que o sujeito falhou de alguma forma ou não atingiu os padrões esperados. Essa atribuição de falta pode ser um momento de autorreflexão e autoavaliação, no qual o sujeito assume a responsabilidade por suas ações ou omissões.

A confissão, nesse contexto, é vista como um ato de coragem e vulnerabilidade, pois implica em expor as próprias fraquezas ou erros diante dos outros. É um momento de colocar em comum essa culpabilidade fundamental, reconhecendo a própria falta e buscando uma forma de reparação ou transformação.

Em nível pessoal, as mulheres podem experimentar uma série de emoções complexas e contraditórias, como culpa, tristeza, frustração e medo. Elas podem sentir-se responsáveis por eventos e circunstâncias além de seu controle, resultando em uma sobrecarga emocional e no questionamento de sua própria capacidade e valor.

Além disso, muitas vezes enfrentam desafios sociais. A sociedade tende a impor padrões de normalidade e perfeição, o que pode levar à exclusão e à discriminação das mulheres que não se encaixam nesses padrões. Elas podem ser alvo de olhares de piedade, julgamento e estigmatização, o que pode afetar sua autoestima e bem-estar psicológico.

Em termos institucionais, as mulheres podem enfrentar obstáculos para acessar serviços de saúde, educação e apoio adequados. As estruturas e políticas sociais nem sempre estão preparadas para atender às necessidades específicas das mulheres, resultando em barreiras e dificuldades adicionais.

Essas transgressões podem ter um impacto profundo na vida das mulheres, afetando sua saúde mental, física e emocional. No entanto, é importante reconhecer a resiliência e força dessas mulheres, que muitas vezes lutam incansavelmente por seus direitos e bem-estar. A sociedade precisa estar mais consciente dessas transgressões e trabalhar para promover uma cultura de inclusão, respeito e apoio às mulheres em todas as suas dualidades e complexidades.

As representações fragmentadas da memória seguem as linhas de dispersão da lembrança. A reflexão, em compensação, remete ao foco da memória do si que é o lugar de afecção constitutiva do sentimento de falta. O trajeto do ato de agente redobra o da memória lembrança a memória refletida. Ele o redobra e dele se destaca, no sentimento da perda da integridade própria. A ilimitação é, ao mesmo tempo, sentimento do insondável (Ricoeur, 2014, p.469).

A citação de Ricoeur aborda a relação entre memória, reflexão e sentimento de falta. Segundo o autor, as representações fragmentadas da memória seguem os caminhos dispersos das lembranças, ou seja, as lembranças não são lineares e organizadas, mas sim fragmentadas e dispersas.

Por outro lado, a reflexão sobre a memória remete ao foco do "eu" que é o lugar onde ocorre a afecção constitutiva do sentimento de falta. Isso significa que a reflexão nos leva a

um estado de consciência em que reconhecemos a falta, a ausência ou o vazio em nossa experiência.

O trajeto do ato de agente, ou seja, a ação intencional de lembrar e refletir sobre a memória, é simultaneamente um reflexo da memória lembrada e uma forma de se destacar dela. Esse trajeto nos leva a um sentimento de perda de integridade própria, ou seja, uma sensação de que nossa memória está fragmentada e incompleta.

No entanto, essa falta e fragmentação também trazem consigo um sentimento de insondabilidade, uma sensação de que a memória é ilimitada e aberta a interpretações múltiplas. A ilimitação da memória nos convida a explorar continuamente nossas lembranças, buscando compreendê-las e atribuindo significado a elas.

Essa citação de Ricoeur destaca a complexidade da memória e sua relação com a reflexão e o sentimento de falta. Ela nos convida a refletir sobre como a memória é fragmentada, como a reflexão nos leva a reconhecer nossa falta e como a própria falta nos leva a explorar o insondável mundo da memória.

A citação de Ricoeur (2014, p. 469) destaca a natureza fragmentada e dispersa da memória, que se molda e remolda ao longo do tempo e da reflexão. Quando aplicada à experiência das mulheres, essa reflexão ganha um significado revelador.

As mulheres frequentemente vivem suas vidas em múltiplas esferas e papéis, enfrentando expectativas sociais, culturais e pessoais que podem fragmentar suas memórias e identidades. A memória feminina, assim, pode ser vista como uma tapeçaria de lembranças dispersas, costuradas por experiências de vida diversas e, por vezes, conflitantes.

A reflexão sobre essas memórias, no entanto, permite que as mulheres revisitem e ressignifiquem suas experiências. Esse processo reflexivo não apenas redobra a memória lembrança, mas também a transforma em uma memória refletida, trazendo à tona sentimento de perda e a percepção de integridade própria que podem ter sido afetados ao longo do tempo. As memórias não são apenas registradas; elas são reinterpretadas e recontextualizadas à luz de novas vivências e insights.

Para muitas mulheres, o sentimento de falta mencionado por Ricoeur (2014) pode ressoar com as pressões e desafios enfrentados em uma sociedade que muitas vezes exige perfeição e conformidade a padrões inalcançáveis. A ilimitação do sentimento do insondável sugere a profundidade e a complexidade da identidade feminina, que é muitas vezes insondável e ilimitada em suas possibilidades e potências.

Essa reflexão permite que as mulheres se reconectem com partes de si mesmas que podem ter sido esquecidas ou suprimidas. Através da introspecção e da rememoração, elas

podem encontrar força e resiliência, reconhecendo a riqueza e a complexidade de suas trajetórias pessoais. Em última análise, a memória refletida pode ser um instrumento de empoderamento e autoconhecimento, ajudando as mulheres a integrar suas múltiplas identidades e experiências em uma narrativa coerente e fortalecedora.

Saber sobre as identidades e as múltiplas identidades de uma mulher, que não são naturalizadas, como mãe, existe um discurso de poder, quando ela tem uma dedicação, uma percepção de verdade que se constitui em uma verdade, concordando com os discursos disciplinares dos corpos.

Na prática da maternidade, é comum encontrar uma pressão cultural que se reflete em suas relações sociais. Essa pressão é expressa através de discursos que buscam estabelecer uma verdade sobre a natureza da mãe, muitas vezes resultando na categorização da "mãe desnaturada" e questionando a identidade materna. A sociedade em que vivemos impõe e valoriza padrões de força, beleza e perfeição, o que pode intensificar essa cobrança e gerar expectativas irreais em relação à maternidade.

“Não precisamos sair do simples domínio biológico para verificarmos o quanto é monstruosa a moderna organização social, em que a mulher vai sendo cada vez mais sacrificada à criminosa cobiça do regime industrialista” (Del Priori, 2013, pág.50).

Del Priori (2013) aponta para uma crítica à forma como a sociedade moderna trata as mulheres, especialmente no contexto do regime industrial. Ela sugere que as mulheres estão sendo sacrificadas em prol dos interesses econômicos e do modelo de produção industrial, que muitas vezes valoriza mais a eficiência e a produtividade do que o bem-estar e os direitos das mulheres.

Para a autora o termo "criminosa cobiça" sugere que essa exploração das mulheres é vista como algo injusto e desonesto, como se a sociedade estivesse cometendo um crime ao submeter as mulheres a condições desfavoráveis. A palavra "monstruosa" reforça a gravidade dessa situação, sugerindo que é algo terrível e aberrante.

Essa crítica pode estar relacionada a várias questões, como a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, a falta de reconhecimento e valorização do trabalho doméstico e de cuidado realizado pelas mulheres, e a violência e discriminação que muitas mulheres enfrentam em diferentes aspectos da vida social e econômica.

Em suma, a citação de Priori destaca a necessidade de uma reflexão crítica sobre as condições sociais e econômicas das mulheres na sociedade moderna, chamando a atenção para a importância de se lutar por uma maior igualdade e respeito pelos direitos das mulheres. A autora ressalta ainda que:

Hoje, o sentido da maternidade assumiu outras formas. Para muitas mulheres, ela é uma maneira de realização pessoal. A fecundação *in vitro* é prova disso, refletindo o “direito de ser mãe”. Porém, alertam especialistas, o filho desejado a qualquer preço pode se tornar uma muleta narcísica, uma espécie de cosmético existencial, se a visão egoísta da descendência consistir em fechá-lo no exclusivo desejo de realização da mãe. (Del Priori, 2013, pág.89)

Essa reflexão nos leva a considerar o papel da mulher na sociedade contemporânea e como a maternidade é percebida e vivenciada por ela. Questões sobre autonomia, escolha, responsabilidade e equilíbrio entre as necessidades individuais e as demandas sociais emergem desse debate. A maternidade, que por muito tempo foi vista como um destino natural e intrínseco à feminilidade, agora é vista sob uma luz mais complexa, onde as mulheres buscam não apenas realizar seu desejo de ser mãe, mas também se questionam sobre as implicações emocionais e éticas desse desejo.

Maldonado (1976, p.70) aborda que “a maternidade é entendida socialmente como um momento importante no ciclo vital feminino, quando a mulher iniciar um momento de intensas alterações na estrutura psíquica e biológica”. A autora ressalta ainda que “a expectativa entre o filho e a si própria, quanto super exigência em relação ao próprio papel é muito intensa, há correspondentemente a expectativa de que o bebê se comporte de forma ideal e seja igualmente perfeito” (Maldonado, 1976, p. 72).

A citação destaca a expectativa intensa que muitas mães têm em relação a si mesmas e ao papel que desempenham na vida de seus filhos, e que existe uma pressão para que a criança se comporte de maneira ideal e seja perfeita, o que reflete uma demanda muito alta que as mães impõem a si mesmas.

Nesse contexto, a expectativa de “perfeição” pode gerar uma grande carga emocional para as mulheres, uma vez que elas se sentem responsáveis por garantir o bem-estar e o sucesso de seus filhos. Essa exigência pode ser resultado de diferentes fatores, como influências sociais, crenças pessoais ou até mesmo expectativas culturais.

A citação aponta para uma dinâmica na qual as mães colocam uma pressão excessiva sobre si mesmas, buscando corresponder a um ideal de maternidade perfeita. No entanto, é importante compreender que essa expectativa irrealista pode gerar estresse, ansiedade e até mesmo sentimento de inadequação nas mães, caso percebam que não estão atingindo esses padrões elevados.

Essa reflexão nos convida a considerar a importância de valorizar a experiência materna de forma mais realista e compreensiva, reconhecendo que a maternidade é um processo

complexo e desafiador, com momentos de alegria e dificuldade. É fundamental que as mães sejam encorajadas a cuidar de si mesmas, a buscar apoio emocional e a aceitar que não precisam ser perfeitas para serem mães amorosas e dedicadas.

A compreensão dessa dinâmica entre expectativas maternas e a pressão pela perfeição pode contribuir para uma abordagem mais empática e sensível em relação às mães. Para Guerra:

O papel da mãe no contexto familiar é o de detentora do cuidado integral, ou seja, aquela que não mede esforços para proporcionar o melhor aos filhos, especialmente quando este apresenta alguma deficiência. Diante desse contexto, ela passa a sofrer uma imposição social para exercer esse papel de forma imperiosa, muitas vezes, tendo que abdicar de sua própria vida pessoal, social e profissional, a fim de contribuir da melhor maneira para o desenvolvimento saudável dos filhos (Guerra, 2015, p.406)

O trecho faz referência ao papel socialmente atribuído às mães, especialmente aquelas que cuidam de filhos com deficiência. O texto aponta que essa responsabilidade é vista como uma imposição social, muitas vezes levando a mãe a abdicar de sua própria vida pessoal, social e profissional para se dedicar integralmente aos cuidados do filho.

Essa pressão social pode gerar um grande desgaste emocional e físico para a mãe, que muitas vezes não recebe o reconhecimento e o apoio necessário para lidar com essa situação.

A autora também sugere que é importante refletir sobre como a sociedade pode contribuir para tornar esse papel menos pesado para as mães, permitindo um equilíbrio entre suas responsabilidades familiares e suas vidas pessoais e profissionais.

Em função do amor envolvido nessa relação de dependência e da necessidade de serem cuidadoras em potencial, atitude imposta pela sociedade que marginaliza e exclui, o descomprometimento das mães com o autocuidado torna-se evidente, uma vez que elas projetam suas maneiras de viver em função da deficiência que seus filhos apresentam e, por isso, são levadas ao sofrimento e ao esquecimento de si próprias desde o momento do nascimento dos filhos, prolongando-se por toda a vida (Guerra, 2015, p.460)

A citação apresenta uma reflexão sobre a relação entre as mães e seus filhos com deficiência, destacando o amor envolvido nessa conexão, bem como os desafios enfrentados por elas no que diz respeito ao autocuidado e à sua própria identidade.

O trecho ressalta que, devido à pressão social e à imposição de serem cuidadoras em potencial, as mães muitas vezes se colocam em segundo plano, negligenciando seu próprio bem-estar e desenvolvimento pessoal. Elas direcionam suas vidas e ações em função da deficiência de seus filhos, vivenciando um processo de esquecimento de si mesmas.

Essa realidade é atribuída à marginalização e exclusão social que afeta tanto as mães quanto seus filhos com deficiência. A sociedade muitas vezes não oferece o suporte necessário para que as mães possam conciliar o cuidado com seus filhos e sua própria autorrealização. Isso resulta em um processo de sofrimento contínuo ao longo da vida, onde as mães sacrificam suas próprias necessidades em prol do bem-estar dos filhos.

É importante ressaltar que a citação aborda um aspecto específico da experiência materna, relacionado à maternidade de filhos com deficiência. No entanto, é necessário ter em mente que cada experiência materna é única e pode variar amplamente de acordo com diferentes contextos e circunstâncias individuais.

Portanto, a citação convida à reflexão sobre a importância de uma abordagem mais ampla e inclusiva no apoio às mães, reconhecendo suas necessidades de autocuidado e valorizando sua identidade além do papel de cuidadoras.

O sofrimento decorrente de uma perda é um dos processos mais difíceis e desafiadores da existência humana. Lidar com a morte do filho idealizado implica lidar com um sujeito que não se enquadra nos parâmetros de normalidade preestabelecidos. O nascimento do diferente leva à estigmatização (Guerra, 2015, p.463).

A citação aborda o sofrimento resultante de uma perda e como lidar com a morte do filho idealizado pode ser um processo extremamente desafiador na existência humana. Quando um filho não se enquadra nos parâmetros de normalidade preestabelecidos, seja devido a uma deficiência ou condição médica, isso pode levar à estigmatização.

O nascimento de uma criança com características diferentes das esperadas ou idealizadas muitas vezes provoca uma sensação de choque e quebra de expectativas para os pais. A perda do filho idealizado, ou seja, a percepção de que o filho não corresponde ao que se esperava em termos de saúde, habilidades ou aparência, pode gerar um intenso sofrimento emocional.

A estigmatização associada ao nascimento de um filho diferente. A sociedade muitas vezes impõe normas e padrões de normalidade, o que pode levar à exclusão, ao preconceito e à marginalização daqueles que não se enquadram nesses parâmetros. As famílias que vivenciam essa situação podem se deparar com olhares de piedade, discriminação e julgamento, o que amplia ainda mais o sofrimento emocional.

Lidar com a morte do filho idealizado e enfrentar a estigmatização exigem um processo de ajuste, aceitação e redefinição de perspectivas. É um caminho que envolve o reconhecimento e o luto pela perda daquilo que foi imaginado.

## **CAPÍTULO 2 - NARRATIVAS DE VIDA COMO RECURSO METODOLÓGICO NA TEORIA DA FORMAÇÃO**

Os relatos de vida escritos, centrados na perspectiva das experiências formadoras e fundadoras de nossas identidades, em evolução, de nossas ideias e crenças, mais ou menos estabilizadas, de nossos hábitos de vida e de ser com relação a nós mesmos, aos outros, ao nosso meio humano e natural, tem essa particularidade de serem territórios, por vezes tangíveis e invisíveis.

Marie Chistine Josso (2002, p.66).

Os relatos de vida, ao serem escritos, revelam aspectos fundamentais das nossas identidades em constante evolução. Eles nos permitem explorar nossas experiências formativas, nossas ideias e crenças em processo de estabilização, bem como nossos hábitos de vida e de ser em relação a nós mesmos, aos outros e ao nosso meio humano e natural. Esses relatos se tornam territórios tangíveis e, ao mesmo tempo, invisíveis, onde podemos mergulhar para compreender melhor quem somos e como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

O capítulo investigou as memórias coletadas e como elas eram permeadas de emoções, utilizando a metodologia da arteterapia com a linguagem dos contos. Além disso, explorou os processos identitários relacionados às múltiplas facetas das experiências femininas.

Um dos problemas abordados neste estudo foi compreender como a identidade, a narrativa e a memória coletiva presentes nos contos se manifestaram nas produções artísticas das mulheres.

Examinou-se Analisou-se como esses elementos influenciaram as narrativas e as expressões artísticas das participantes como esses elementos influenciaram as narrativas e as expressões artísticas das participantes. Ao investigar as memórias e identidades das mulheres por meio da arteterapia, compreendeu-se como as narrativas presentes nos contos, que possuem elementos simbólicos, se entrelaçaram com as vivências e as percepções das mulheres.

Acredita-se que essas narrativas tenham fornecido um terreno fértil para a exploração da identidade e das experiências femininas. Ao analisar as produções artísticas das participantes, identificou-se como a identidade e a narrativa foram representadas visualmente, bem como compreendeu-se como a memória coletiva dos contos influenciou suas criações.

Este estudo proporcionou uma compreensão dos processos identitários das mulheres, enriquecendo tanto o campo da arteterapia quanto os estudos relacionados à maternidade e à inclusão.

Este capítulo buscou investigar as memórias e identidades das mulheres, por meio da metodologia da arteterapia e a linguagem dos contos, explorar a influência dos contos em suas

produções, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e sensível dessas experiências femininas, destacando a importância da expressão artística e da valorização das narrativas individuais e coletivas.

Também foram retomadas algumas das discussões teóricas apresentadas no primeiro capítulo, aplicando-as de forma prática na metodologia. Exploraram-se conceitos relacionados à identidade, narrativa e memória coletiva presentes nos contos, abrindo espaço para reflexões e análises das experiências das participantes.

A descrição detalhada das etapas e o embasamento teórico-metodológico da pesquisa forneceram um panorama abrangente sobre como a metodologia da arteterapia foi aplicada no contexto do estudo, bem como os resultados esperados e as contribuições esperadas para a compreensão das memórias e identidades das mulheres.

## 2.1 ARTE E IDENTIDADE: TEIAS DE MEMÓRIAS E SENTIMENTOS

No dia nove de maio de dois mil e vinte dois, materializou-se o encontro previamente agendado com as cinco mulheres, marcando o início das oficinas propostas. Esse evento inaugural marcou minha primeira interação com esse grupo específico de mulheres, incumbindo-me da responsabilidade de reunir indivíduos que, devido às exigências cotidianas, raramente dispõem da oportunidade de se desvencilhar de suas rotinas diárias. Essa experiência inaugural evidenciou a complexidade do contexto em que essas mulheres estão inseridas, destacando a importância de abordagens sensíveis e adaptadas às suas realidades.

Cheguei antecipadamente ao local e ajustei minha agenda para organizar a sala. Estava munida dos materiais necessários, que incluíam tecidos, linhas, fios coloridos, cola para tecido, uma caixa de som e tesouras, além dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Dirigi-me para a sala designada para os encontros.

Ao preparar o ambiente, dispus as cadeiras de forma circular e organizei todos os materiais em um círculo, conforme mostrado na figura 02, onde os fios foram dispostos para criar uma mandala junto com os tecidos coloridos no chão. Sobre a mesa, coloquei os tecidos e outros materiais necessários, visando facilitar o momento da apresentação oral.

**Figura 2** - Foto da mandala no chão



Fonte: Schons, 2023.

Durante esse processo, destaquei o livro que seria utilizado para a realização do conto. A assistente social Estella sempre esteve ao meu lado, colaborando eficientemente na organização do espaço e na apresentação inicial para as mulheres. Essa abordagem atenta à logística e ao cuidado na apresentação contribuiu para criar um ambiente propício à participação e envolvimento das mulheres nos encontros.

No processo de organização do espaço, a primeira participante, a quem chamaremos de "Trudes" como mencionado anteriormente, chegou, e eu a acolhi. Aguardamos as demais para iniciar as atividades das oficinas. Pouco tempo depois, as outras participantes chegaram, com exceção de Rose, que se atrasou devido ao seu trabalho. Ela explicou que sempre chegaria tarde, já que seu expediente terminava às quatorze horas e trinta minutos, enquanto nosso encontro estava marcado para começar pontualmente às quatorze horas.

Realizei o acolhimento das mulheres à medida que chegavam, e nos dirigimos para a sala. Em seguida, fiz uma breve apresentação pessoal, destacando minhas características profissionais como docente de arte, especialista em arteterapia e estudante do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade. No entanto, ressaltai que, naquele momento, meu papel era o de pesquisadora do tema "mães/mulheres de filhos com deficiência e suas memórias e histórias".

Expliquei, então, o primeiro momento referente à metodologia da pesquisa e seus objetivos, incluindo o motivo para a utilização do gravador de voz. No segundo momento,

apresentei as regras e normas das oficinas, enfatizando a importância do sigilo das informações e a necessidade de não julgamento das narrativas compartilhadas. Essa abordagem cuidadosa e clara no início do encontro estabeleceu as bases necessárias para a participação efetiva e confiante das mulheres nas atividades propostas.

Todas as participantes prontamente concordaram em participar e assinaram o TCLE com o termo assinado em mãos, avancei para o terceiro momento da metodologia, que envolveu a elaboração da contação de história escolhida para aquele encontro. Em um ambiente acolhedor, apresentei o livro que utilizaria para contar os contos, focando na narrativa intitulada "Mãe D'Água", de Janette Bonaventure.

Essa história aborda o papel essencial e específico da mulher como mãe, destacando diversas formas de representação, como mãe fada, mãe bruxa, mãe madrasta, mãe natureza e mãe das águas. É relevante ressaltar que ser mãe não se limita à experiência da gravidez; pode-se ser mãe do cônjuge, dos colegas, mãe substituta ou até mesmo dos próprios pais. A narrativa proporcionou uma reflexão sobre as diversas facetas da maternidade e as diferentes maneiras como as mulheres desempenham esse papel crucial em suas vidas.

Essa abordagem inicial contribuiu para estabelecer um contexto rico e diversificado para as futuras narrativas das participantes, enriquecendo a compreensão da complexidade das relações maternas. A autora expressa que a transição para a maternidade ocorre de maneira súbita e imprevista. De repente, a mulher se depara com diferentes facetas de ser mãe: uma mãe protetora, outra insegura, uma superprotetora, uma generosa, uma brava, e até mesmo aquela que pode parecer injusta. A autora destaca a multiplicidade de papéis que as mães desempenham, sugerindo que são capazes de incorporar diversas características e comportamentos ao longo de sua jornada materna.

Ao mencionar que a mãe é insubstituível para o desenvolvimento, a autora ressalta a importância única da figura materna no crescimento e formação das crianças. Essa citação sugere uma reflexão sobre a complexidade da maternidade, reconhecendo que as mães desempenham papéis diversos e, muitas vezes, contraditórios. Essa abordagem enriquece a compreensão das dimensões multifacetadas e dinâmicas da experiência materna.

Expliquei detalhadamente a metodologia, solicitando que as participantes ouvissem atentamente o conto e refletissem sobre como a narrativa poderia ecoar em suas memórias e histórias pessoais. Com uma música calma e tranquila ao fundo, todas posicionadas em um círculo em torno da mandala de fios, conduzi uma respiração profunda para proporcionar uma atmosfera acolhedora durante a audição do conto.

Inicie então a narração da história, e após a audição, convidei as participantes a se dirigirem à mesa onde estavam dispostos os materiais. Previamente, havia preparado um pano de fundo onde elas poderiam expressar suas interpretações da história, conectando-a às suas próprias vivências. Todas se aproximaram da mesa em completo silêncio, criando um ambiente propício para que pudessem estabelecer uma conexão entre a história narrada e suas próprias experiências. A cada uma foi dada a liberdade de expressar sua narrativa no tecido, seja por meio da costura, do bordado ou da colagem, permitindo-lhes escolher a forma que melhor representasse suas histórias como mostrado nas figuras 03 e 04.

Essa abordagem, permeada pela escuta atenta do conto e pela expressão artística subsequente, permitiu uma integração profunda entre a história compartilhada e as experiências individuais das participantes. A liberdade de escolha na expressão artística fortaleceu a conexão pessoal com a narrativa, promovendo uma abordagem mais individualizada e enriquecedora no processo de reflexão.

Em um ambiente de silêncio concentrado, as participantes empenharam-se em costurar e bordar suas histórias.

**Figura 3** - Início da oficina com o conto Mãe D'água.



Fonte: Schons, 2023.

**Figura 4** - Início da oficina com conto Mãe D'água



Fonte: Schons, 2023.

Ao final da oficina, percebi que a conclusão da produção artística não era viável dentro do tempo do encontro, pois para cada história compartilhada seriam necessários dois encontros para completar a obra.

Diante disso, propus um breve questionamento para entender como o conto havia se entrelaçado com suas experiências pessoais naquele momento. Essa reflexão faz parte de uma investigação mais ampla sobre a interação entre narrativa e expressão artística em contextos de grupo, crucial para a compreensão das dinâmicas envolvidas na oficina e seu impacto nas participantes.

Mg compartilhou: "Quando você falou da mãe Água, voltei à minha infância, fui até o rio onde costumava brincar. O rio era muito grande, eu brincava muito e ouvia o som da água. Conheci meu marido aos 18 anos. Lembrei do dia em que conheci o mar." Ela concluiu dizendo: "História linda, gratidão."

A fala de Mg proporciona uma reflexão sobre o poder evocativo das narrativas e como estas podem conectar-nos com as memórias mais significativas de nossas vidas. Ao mencionar a Mãe Água no conto, Mg é transportada de imediato para sua infância, revisitando um rio onde desfrutava de momentos de diversão. A descrição detalhada do ambiente, a amplitude do rio e a lembrança dos sons da água ressuscitam vívidas lembranças.

Ao associar o conto à sua juventude, Mg revela como as histórias têm o poder não apenas de entreter, mas de reacender experiências marcantes. O encontro com o mar, mencionado no relato, serve como uma ponte entre a história contada e eventos cruciais em sua vida, como o momento em que conheceu seu marido. Essa interconexão entre a narrativa ficcional e as experiências reais ressalta a capacidade transformadora das histórias em nossas vidas.

A expressão "história linda, gratidão" destaca o impacto positivo e a apreciação que Mg atribui à experiência. Isso sugere que, por meio da participação na oficina e da imersão na narrativa, Mg não apenas reviveu lembranças preciosas, mas também experimentou uma sensação de gratidão pela oportunidade de explorar e compartilhar suas próprias histórias. Essa observação ressalta a importância do uso de contos como metodologia possível para acessar memórias e histórias e expressão pessoal, proporcionando um espaço para a reflexão e a conexão com as próprias vivências. Produção da sua narrativa de Mg na figura 05.

**Figura 5** - Mg, na construção da sua narrativa. Conto da Mãe D'água



Fonte: Schons, 2023.

Em seguida Angel diz “veio Deus, eu fiquei muito feliz” e continua: Ângela diz que a “Mãe da Água a marcou, pois a família era pobre e a Mãe da Água os reviveu por meio da nascente e deu força para continuar”.

A fala de Angel revela uma profunda conexão emocional e espiritual com a Mãe da Água, indicando uma experiência significativa e transformadora. Ao expressar a felicidade ao mencionar Deus, Angel sugere que a presença da Mãe da Água é percebida como uma intervenção divina ou uma manifestação de algo superior. Esse sentimento de alegria pode ser interpretado como um reconhecimento da importância espiritual da Mãe da Água na vida de Angel.

A história de Angel relata ainda “Eu fiquei muito feliz, gostei do barulho de água do mar, lembrei de quando nos era muito pobre agente já sofreu muito, lutou muito, a gente saiu desse sofrimento, sou uma mulher valiosa”. A história de Angel revela uma jornada marcada por superação, resiliência e um profundo apreço pela natureza, especialmente pelo mar. O relato de sua alegria ao lembrar o som das águas do mar sugere que essa experiência teve um impacto emocional significativo em sua vida.

O barulho do mar não apenas evoca memórias, mas também representa uma conexão profunda com um elemento natural que desencadeia sentimentos positivos e reconfortantes.

Ao contextualizar a lembrança do período em que a família enfrentava dificuldades financeiras, Angel destaca a luta árdua e os desafios superados ao longo do caminho. O fato de terem saído desse período difícil é retratado como uma conquista significativa. A narrativa ressalta não apenas a superação material, mas também a transformação interna, sugerindo que a experiência de superar a adversidade contribuiu para a construção da autoestima e do senso de valor próprio de Angel.

A declaração "sou uma mulher valiosa" reflete uma profunda apreciação por sua própria jornada e conquistas. Esse reconhecimento da própria valia destaca a importância da narrativa pessoal na construção da identidade e autoestima. Angel não apenas compartilha sua história como uma narrativa de superação, mas também se percebe como uma mulher valiosa, empoderada pelas experiências vividas.

Essa reflexão sobre a fala de Angel destaca a capacidade transformadora das histórias pessoais, especialmente quando associadas a elementos naturais que têm significado simbólico. A narrativa de Angel serve como testemunho de resiliência, crescimento pessoal e a importância de encontrar valor nas próprias experiências de vida. O fazer da narrativa de Angel como mostra a figura 06.

**Figura 6** - Angel na construção da sua narrativa. Conto da Mãe D'água.



Fonte: Schons, 2023.

Em seguida é a vez de Trudes, diz que se sentiu muito bem e fala “me senti lá no mar, que coloca algumas coisas na vida da gente”. E fala que “O rapaz da história sem nada e não valorizou ela. Isso acontece em muitas famílias a história é real, a seria também queria ser ajudada, ela perdeu tudo”.

A fala de Trudes reflete uma experiência profunda e introspectiva durante a narrativa. Ao expressar que se sentiu "lá no mar" e mencionar que o mar "coloca algumas coisas na vida da gente", Trudes destaca a poderosa influência simbólica da natureza em sua percepção pessoal. A metáfora do mar como um elemento que traz algo significativo à vida sugere uma conexão espiritual e transformadora com o ambiente natural.

A observação de Trudes sobre o personagem masculino na história, que tinha tudo, mas não valorizou, oferece uma perspectiva crítica sobre as dinâmicas familiares. Trudes ressalta a realidade de muitas famílias, onde a falta de valorização e apreciação pode levar a perdas significativas. A história, para Trudes, não é apenas ficção; ela a identifica como uma narrativa que reflete experiências reais vividas por muitas pessoas.

Ao mencionar que a personagem feminina na história perdeu tudo e também queria ser ajudada, Trudes destaca a vulnerabilidade e as dificuldades enfrentadas por algumas mulheres em situações semelhantes na vida real. A empatia de Trudes com a personagem sugere uma conexão emocional e uma compreensão profunda das lutas compartilhadas por muitas mulheres.

Essa reflexão sobre a fala de Trudes destaca a maneira como as narrativas podem proporcionar insights sobre as experiências individuais e coletivas, oferecendo uma plataforma para reflexão, empatia e compreensão mútua. A natureza simbólica da história, combinada com a análise crítica de Trudes sobre as relações familiares, ressalta a riqueza e a complexidade das interpretações pessoais durante o processo de compartilhamento de histórias, na figura 07 Trudes no seu processo de construção.

**Figura 7** - Trudes na produção da história mãe D'água.



Fonte: Schons, 2023.

Rose relata que “comecei ouvir o mar me trouxe paz e harmonia, um momento que para gente. Tudo aquilo que ela viveu o egoísmo dele, não soube valorizar a perola dela”, fica em silêncio e começa sua produção no tecido em branco.

A narrativa de Rose oferece uma introspecção significativa sobre a experiência de ouvir o mar durante a atividade. A descrição de sentir paz e harmonia ao escutar o mar sugere uma resposta emocional profunda, indicando que a natureza exerceu um efeito tranquilizador sobre ela. Esse momento de tranquilidade é, possivelmente, um reflexo da capacidade do ambiente natural, simbolizado pelo mar, de proporcionar conforto emocional e um escape temporário das preocupações cotidianas.

A referência ao egoísmo do personagem masculino na história e a falta de valorização da "pérola dela" destaca uma dinâmica relacional complexa e talvez problemática. A metáfora da pérola pode representar algo de grande valor e beleza que não foi devidamente reconhecido. Isso sugere uma reflexão sobre a importância da valorização mútua nas relações interpessoais e a consequência do egoísmo na apreciação do que é precioso.

O silêncio subsequente de Rose, seguido pelo início de sua produção no tecido em branco, pode ser interpretado como um momento de reflexão pessoal e expressão artística. O branco do tecido, muitas vezes associado à pureza e possibilidade, pode simbolizar um espaço em branco onde Rose pode projetar suas próprias interpretações e experiências, dando forma à sua narrativa única.

Essa reflexão sobre a fala de Rose destaca a riqueza emocional e simbólica que pode emergir durante atividades artísticas, proporcionando um meio expressivo para processar sentimentos, reflexões e experiências pessoais. O silêncio e a criação subsequente podem representar uma forma de traduzir emoções complexas para uma linguagem visual, permitindo que Rose explore e expresse seu mundo interior, foto de Rose na sua produção na figura 08.

**Figura 8** - Rose na sua produção do Conto mãe D'Água.



Fonte: Schons, 2023.

Noe demonstrou um certo grau de dispersão durante a contação da história, manifestando dificuldade em reter as informações. Quando questionada sobre seu entendimento da narrativa, expressou que "esquece das coisas muito rápido", revelando desconforto com essa característica. No entanto, enfatizou seu apreço pela natureza.

Durante a atividade de produção, Noe enfrentou desafios significativos ao tentar conectar sua história de vida com a do conto. O processo foi marcado por uma demora considerável, indicando uma dificuldade em recordar e integrar os elementos narrativos. Foi necessário compartilhar partes da história separadamente, mas mesmo assim, Noe apresentou uma grande dificuldade em estabelecer uma conexão significativa entre sua própria história e a narrativa ficcional.

Essa situação evidencia a complexidade da interação dela entre as histórias pessoais e o conto compartilhado, nessa oficina, destacando as diferentes formas como as pessoas respondem e se engajam nesse processo. A dificuldade de Noe em lembrar e conectar-se ao conto ressalta a importância de abordagens adaptativas e sensíveis ao lidar com participantes que podem enfrentar desafios cognitivos ou de memória, figura 09 mostra Noe na construção da sua narrativa.

**Figura 9** - Noe na produção do conto mãe D'Água



Fonte: Schons, 2023.

Nossa tarde foi extremamente produtiva, com a participação ativa de todas, cada uma contribuindo com suas particularidades. Inicialmente, questionei como foi a experiência delas ao ouvir o conto, conforme mencionado anteriormente. Vale ressaltar que a nossa produção, referente à primeira oficina, estava planejada para se estender por dois encontros, permitindo que todas concluíssem suas produções de maneira satisfatória.

Diante do engajamento e entusiasmo demonstrados, algumas participantes expressaram o desejo de levar o tecido para casa, manifestando o interesse em dar continuidade à produção fora do ambiente do encontro. Embora não seja comum adotar essa prática em abordagens tradicionais de arteterapia, optei por uma abordagem mais flexível neste trabalho, considerando minha função como pesquisadora de histórias. Permitir que levassem o trabalho para casa proporcionou uma extensão do contato com a história, permitindo que a expressão artística continuasse a se desenvolver em um ambiente mais pessoal.

Algumas participantes também solicitaram fios e tecidos adicionais para dar continuidade à proposta da produção. Esse interesse e engajamento destacam a profundidade do impacto da atividade, evidenciando a conexão significativa entre as narrativas compartilhadas, a expressão artística e o desejo de prolongar essa experiência para além do contexto do encontro. Essa abordagem flexível possibilitou uma maior autonomia das participantes em dar continuidade ao processo criativo em seus próprios termos.

## 2.2 EMOÇÕES E IDENTIDADES ENTRELAÇADAS

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. (Bonaventure, 2000, p.05)

A assertiva de Bonaventure (2000), destacando a jornada do homem em busca de sua alma e do sentido de sua existência, ressoa de maneira profunda e evocativa no contexto contemporâneo. Nessa reflexão, propõe-se uma análise crítica dessa afirmação à luz da pesquisa acadêmica, considerando suas implicações para a compreensão da psique humana, a formação de identidade e as dinâmicas do sentido de vida.

No dia dezenove de maio de dois mil e vinte dois, realizou-se a segunda oficina. Ao chegar no local do encontro, encontrei Trudes e Mg já à minha espera. Organizei novamente a sala, com a mandala colorida de fios, e coloquei uma música calma e tranquila para recebê-las.

Dispôs sobre a mesa todos os materiais necessários para que pudessem dar continuidade às suas produções.

Ao questionar como tinham passado a semana, Trudes compartilhou que o conto continuava reverberando em sua mente e que estava prestes a concluir sua produção. MG, por sua vez, afirmou que o conto permanecia em seus pensamentos e que ela trouxera seu trabalho praticamente finalizado. Noe completou sua obra naquela tarde, enquanto Rose, infelizmente, não pôde participar devido a problemas de saúde.

Angel chegou um pouco atrasada, pois seu marido a havia levado e ficado com sua filha. Ela compartilhou que também continuou refletindo sobre a história e que naquele dia as participantes finalizaram todas as suas produções. Posteriormente, nos sentamos em roda para uma conversa, onde cada uma explicou o significado por trás de suas criações.

Essa segunda oficina demonstrou o impacto duradouro do conto nas participantes, refletido no engajamento contínuo com suas produções e nas reflexões que permearam a semana. O envolvimento ativo de cada uma evidenciou a profundidade da experiência proporcionada pela atividade, ressaltando a conexão entre as narrativas compartilhadas, a expressão artística e o processo de reflexão individual.

Em seguida sentamos em uma roda de conversa e demos início as falas, começou por Mg ela relata sua experiência e como o conto significou para ela. Ela começa falando do ranquinho do pescador do seu desenho: “essa história me trouxe lindas lembranças... eu fui lá aonde nasci, me criei... perto do Paraná... a gente buscava água no poço, num pocinho de água lá no fundo.” “... lá para mim era o meu paraíso.”

E relata “quando eu tinha 14 anos, meu pai morreu tive que começar a trabalhar para ajudar a minha mãe que tinha que sustentar outros 6 filhos”. Aos 17 anos, conheceu seu marido, se casou e veio morar em Joinville, onde conheceu o mar. Com 19 anos, teve sua primeira filha: “a gente ia na praia, tinha um ranquinho de pescador, tinha uma canoa...ali eu colocava a minha pequena naquela canoazinha para ela deitar lá dentro...” “...eu era deslumbrada pelo mar.”

Ela retrata que o seu desenho mostra a sua parte da vida na praia quando ela era mais nova. Já a outra parte do desenho simboliza um passeio de barco que foi feito para conhecer um navio alemão bem grande e as já crianças tinham por volta de 7 anos. Era um dia quente, mas ela resolveu agasalhar elas: “eu tinha 26 anos nessa época e aí coloquei roupinha quente nelas...era uma roupinha salmão e uma roupa rosa...levei bolacha para elas...eu tinha uma blusa azul bordada bem linda e coloquei um blazer curto, de verão...”

Para retratar a história do livro, ela faz um pescador que vê a sereia, a qual se apaixonou, e acena para ela. Mg ainda fala que o pescador foi feliz até certo ponto de ser insensato com a

sereia (o que ela diz acontecer em muitos casamentos: a esposa faz tudo para agradar o seu marido e ele “pisa na bola”). “meu marido me traiu” e uma lagrima cai dos seus olhos. Fazendo referência ao conto, todas se olham nesse momento um silencio paira no ar, ela enxuga suas lagrimas e continua com o relato.

Ela ainda nos diz que quando morava em Joinville, tinha uma grande casa, uma casa boa, mas hoje se contenta com o simples que tem e é muito grata a Deus por suas filhas e netos. Quando uma de suas filhas era pequena, uma médica dizia que ela seria uma “vela apagada” pois teve uma febre muito alta e começou a ter convulsões do primeiro ano de vida até os 3 anos, e não descobriam o que ela tinha. Ela não fez faculdade e se tornou professora, em uma época onde só experiencia contava.

**Figura 10** - Mg sua produção final do conto Mãe D'Água



Fonte: Schons, 2023.

A narrativa de Mg oferece um mergulho em suas memórias, destacando a riqueza de sua vida e as múltiplas experiências que a moldaram. A representação visual por meio de seu desenho é uma expressão artística que transcende o papel, tornando-se uma janela para o passado e suas conexões emocionais.

Ao retratar o "ranchinho do pescador" em sua infância, Mg evoca um paraíso pessoal, carregado de lembranças afetivas. A descrição da busca por água no poço e a menção ao local perto do Paraná revelam as raízes profundas de sua história. A perda do pai aos 14 anos a lançou em responsabilidades precoces, uma transição desafiadora que ela enfrentou com coragem para apoiar a mãe e os irmãos.

A narrativa continua a se desdobrar, revelando sua fascinação pelo mar quando se mudou para Joinville e teve sua primeira filha. A representação do passeio de barco e o cuidado

meticuloso ao agasalhar as crianças destacam momentos especiais e a atenção aos detalhes que marcaram sua jornada.

A metáfora do pescador e a sereia na história do livro são reflexões sobre relacionamentos e as complexidades que podem surgir. MG destaca a insensatez que, em sua visão, pode ocorrer em alguns casamentos, onde a dedicação de uma parte pode não ser plenamente reconhecida. Essa observação é pontuada por sua própria experiência, onde ela, em sua juventude, teve uma casa próspera em Joinville, mas hoje encontra contentamento no simples.

A história comovente de sua filha, inicialmente prevista para ser uma "vela apagada", revela uma reviravolta notável, pois a filha superou desafios significativos para se tornar uma professora. Essa história pessoal ilustra resiliência, superação e a gratidão presente na vida de Mg, ressaltando sua apreciação pelas coisas simples e pelo dom da família.

A tendência de romantizar o passado pode ser interpretada como um mecanismo de evasão, uma busca por conforto e segurança em recordações idealizadas que, por vezes, distorcem a verdade. Este comportamento pode, por sua vez, dificultar a confrontação e a resolução efetiva dos desafios presentes.

Encarar com coragem os obstáculos atuais e procurar soluções práticas emerge como uma abordagem mais construtiva a longo prazo em comparação com a dependência exclusiva da romantização do passado. Esta reflexão sublinha a complexidade das emoções humanas, ressaltando a necessidade de estratégias equilibradas para desenvolver uma resiliência sustentável.

A reflexão sobre a relação entre um presente traumático e a busca de refúgio no passado romantizado destaca a complexidade das estratégias de enfrentamento humanas. Em contextos nos quais o presente é marcado por dificuldades, dor ou desafios significativos, é comum que as pessoas busquem consolo e escape nas memórias do passado.

A romantização do passado pode representar uma tentativa de criar uma narrativa reconfortante, muitas vezes idealizada, que oferece um contraste com as dificuldades do presente. Ao relembrar o passado de maneira positiva, as pessoas podem encontrar um refúgio emocional, uma fonte de esperança ou um consolo temporário para lidar com as adversidades do presente.

No entanto, essa busca por refúgio no passado romantizado também levanta questões importantes. Por um lado, essa estratégia pode ser uma forma legítima e saudável de lidar com o estresse e o sofrimento. Por outro lado, pode se tornar um obstáculo para enfrentar

efetivamente os desafios atuais, especialmente se a romantização do passado resultar em uma evitação das realidades do presente.

A reflexão crítica envolve questionar até que ponto a idealização do passado é construtiva ou limitadora. É essencial equilibrar o reconhecimento das experiências positivas do passado com a necessidade de enfrentar as realidades do presente, buscando soluções práticas e construtivas para os desafios em curso.

Em última análise, a romantização do passado pode ser uma ferramenta temporária de enfrentamento, mas é importante cultivar uma abordagem equilibrada que permita tanto a apreciação das boas lembranças quanto a resiliência diante das demandas do presente

E seguimos com as falas agora Trudes quem compartilhou, ao ouvir a primeira história, Trudes retrata ter passado vários altos e baixos na vida: “na minha infância, a gente já morava em uma casa... eu tinha 14 irmãos, mas faleceram dois pequenos e ficaram 12 irmãos... mas na minha casa, morava a minha avó e o meu tio, mais pai e mãe... era uma família muito grande...” Trudes conta que quando criança, ela e os irmãos buscavam água e cuidavam de cabritos e vacas. Ela retrata ser a quarta filha dos seus pais e que um dos seus irmãos tinha bronquite e quando ele tinha crises, os irmãos se revezavam para cuidar dos irmãos.

Apesar de tudo, ela retrata: “a gente era feliz, a gente tinha tudo em casa...” isso me levou a uma reflexão sobre o passado perfeito, conforme narrado por Trudes, sugere uma dualidade intrínseca entre a romantização das memórias e a realidade multifacetada da experiência humana. A crítica a esse passado perfeito reside na possibilidade de distorção da realidade, onde a idealização das lembranças pode servir como um refúgio emocional, mas também apresentar desafios para uma compreensão mais objetiva e equilibrada da vida.

Ao descrever sua infância como um período de felicidade plena, Trudes destaca as vivências positivas em meio a uma família grande e aconchegante. Contudo, essa visão pode ser influenciada pela nostalgia e pela tendência natural de recordar momentos marcantes de maneira mais positiva do que foram formando assim um passado perfeito. Nas palavras dela “as bolachas eram umas latas grandes que meu pai comprava...até agora a pouco ainda tínhamos as latas...”. Tudo o que o seu pai comprava para comer como frutas tinha que ser em grande quantidade e quando era feito pão, precisava já ser feito uns 12 pães de uma vez para todos poderem comer.

Quando a sua família se mudou para a cidade, fundaram uma loja de tecidos que ensinou os filhos a lidarem de verdade com o trabalho: “a gente aprendeu muito com ele, a honestidade, dignidade e fomos muito bem amparados...” retrata Trudes ao falar do pai, retrata ter pais espanhóis e que teve uma infância boa, com boas vestes e calçados. Por conta disso, ela retrata

ter falado espanhol até uns 10 anos de idade e hoje em dia ainda ter alguns resquícios no seu falar.

Sobre o seu trabalho com a história: “eu coloquei essas âncoras porque praticamente quando comecei a minha vida veio de tudo isso: o navio, veio do mar... meu pai tinha passado por tudo isso e aí ele formou família...”, retrata ela ao falar da vinda do pai da Espanha ao Brasil com 16 anos. Aos 19 anos ela se casou e começou a sua família: teve quatro filhos. Elizabeth - sua segunda filha- teve sarampo, tosse comprida e desidratação: “a febre dela foi muito alta e ultrapassou o limite que ela podia aguentar...quando eu cheguei no hospital, tava com 46 de febre...ela já estava em convulsão e me encaminharam para a neurologista...” Ela conta que levou sua filha em tudo que era médico, curandeira, benzedeira para ver se ela melhorava.

Quando Elizabeth voltou para casa, a mãe retrata ter que levar ela ao médico muitas vezes pois ela tinha muitas convulsões. Passados alguns anos, Elizabeth começou a dar “sinais de doença” e o seu marido ficou inconformado e começou a beber: “aí eu não tinha um problema, eu tinha muitos problemas...ele que era o meu suporte não fazia o dever dele que era cuidar da lojinha que a gente tinha e fabricar sapato...”

A fala de Trudes reflete uma narrativa que vai além da idealização da figura da "super mulher". A crítica implícita nessa declaração está relacionada à sobrecarga de responsabilidades que muitas mulheres enfrentam, muitas vezes assumindo papéis múltiplos e equilibrando uma série de demandas, enquanto a sociedade espera que elas desempenhem esses papéis de maneira impecável.

Ao expressar que "não tinha um problema, tinha muitos problemas", Trudes aponta para a complexidade das experiências femininas, destacando que as mulheres não são seres sobre-humanos capazes de resolver todas as dificuldades sozinhas. A crítica se direciona à pressão social que muitas mulheres sentem para serem "super mulheres", capazes de conciliar carreira, vida familiar, cuidados com a casa e outros desafios, muitas vezes sem o apoio adequado.

A crítica à ideia da "super mulher" reside na necessidade de reconhecimento das limitações individuais e na importância de uma distribuição equitativa de responsabilidades dentro das relações familiares e sociais. Ao esperar que as mulheres lidem com "muitos problemas" sem o devido apoio, a sociedade contribui para a perpetuação de desigualdades de gênero e para a sobrecarga feminina.

Uma abordagem mais crítica envolve questionar os estereótipos de gênero que colocam expectativas irrealistas sobre as mulheres, encorajando uma reflexão sobre as estruturas sociais que moldam essas narrativas. A verdadeira emancipação das mulheres envolve a criação de

ambientes que reconheçam e valorizem o trabalho feminino em todas as suas dimensões, sem exigir a conformidade com padrões inatingíveis de perfeição.

Após isso, ela teve que assumir a casa, a loja com mais dois funcionários e a filha: “por isso a âncora ali... ancorou meu pai e me ancorou e a bússola é o sentido da minha vida... ela me guia.” “...tinha um dia que eu tava de um lado pra outro... de repente eu achava um chão, pisava na pedra.” diz Trudes ao retratar uma boia em seu desenho e dizer que sua vida foi muito tumultuada.

Ela trouxe sua filha para Curitiba para continuar o tratamento, quando morava em Campina da Lagoa e conseguiu encontrar uma medicação para controlar as crises de convulsão.

Para a autora

podemos visualizar que para a integração social, é dever do Estado estabelecer serviço para adaptar o indivíduo na sociedade, portanto somente na década de 80 foi analisado que a integração social deste indivíduo estava deixando a desejar, pois não adiantava adaptar os mesmo em sociedade, se os próprios serviços não estavam adaptados para recebê-los” (Morani; Tonon, 2015, p.07).

Em síntese, a crítica expressa na citação sugere que a responsabilidade pela integração social não recai apenas sobre os indivíduos com necessidades especiais, mas também sobre o Estado. Este deve garantir não apenas a adaptação das pessoas, mas também a adequação dos serviços e estruturas sociais para criar ambientes verdadeiramente inclusivos. Essa crítica indica a necessidade de uma abordagem mais abrangente e sistêmica na promoção da inclusão social.

Em 1983, ela parou de ter as crises e desde lá, ela toma medicação todos os dias e é cuidada por Trudes, que hoje tem 78 anos. Ela também levou sua filha para fazer tratamento em São Paulo, com placebo, o qual não deu certo pois queriam levá-la para fora do Brasil para tratar, se precisasse. Hoje, ela cuida da filha em casa e quando precisa de algum neurologista a leva no hospital.

A outra vida que ela quis retratar: “o barquinho aí é o barco da nossa vida... ele vai, ele vem... umas horas é alegre, umas horas é triste, umas horas a gente pesca, outra hora a gente chora...”

Então eu questioneei sobre o sentimento de reviver as memórias com as histórias, Trudes diz: “foi voltando, eu fui lembrando tudo o que eu passei... primeiro eu comecei aqui... com o mar porque o papai veio pelo mar... e as flores... eu acho que é o que enfeita a vida da gente e dá alegria para a gente...”

As histórias se desdobram entre o passado e o futuro, e nesse contexto, Trudes menciona que sua filha, agora com 56 anos, está estabilizada em sua condição, mas continua a necessitar de acompanhamento constante. “não pode desistir... a minha ancora ali está me ancorando para sempre e me dando força... a terra... quando eu tô muito ruim, eu me ajoelho no chão ali e peço à Deus e Ele me orienta.”

Por causa da educação de sua filha, Trudes foi fundadora de uma APAE em Campina da Lagoa porque os médicos queriam que Elizabeth fosse para a escola, mas ela não conseguia acompanhar. Depois de 10 anos, seu marido parou de beber e voltou a ajudá-la. Relata “como era difícil para Eliza ficar sozinha, comecei a ensinar ela a fazer as coisas de casa e assim ela foi aprendendo algumas coisas”. Produção de Trudes é ilustrada na figura 11.

**Figura 11** - Trudes história da Mãe D'Água



Fonte: Schons, 2023.

O relato de Trudes oferece uma narrativa rica e multifacetada sobre sua trajetória de vida, permeada por experiências marcantes e desafios superados. No âmbito da pesquisa, as reflexões a seguir buscam contextualizar e analisar criticamente as nuances presentes no relato de Trudes.

A infância de Trudes é caracterizada por uma convivência ampliada e dinâmica, onde a vida no campo, os afazeres com animais e a abundância de alimentos criaram um ambiente de felicidade e aprendizado. Essa fase inicial de sua vida é marcada por uma visão positiva, resgatando memórias de uma família numerosa e unida.

A transição para a vida urbana, com a abertura da loja de tecidos pela família, introduziu Trudes a valores como honestidade e dignidade, aprendidos com seu pai espanhol. Essa experiência influenciou significativamente sua percepção sobre o trabalho e a formação da família, retratando o papel fundamental do pai como suporte e a complexidade que surgiu quando ele enfrentou dificuldades.

A metáfora das âncoras no desenho de Trudes revela camadas simbólicas profundas. A vinda do pai da Espanha, a formação da família, a luta contra as doenças, e a responsabilidade assumida após o marido enfrentar problemas são representadas de maneira simbólica. A bússola, como o sentido da vida, destaca a orientação e a busca por equilíbrio em meio às adversidades.

A descrição do tratamento de sua filha Eliza revela a dedicação incansável de Trudes como cuidadora. As múltiplas tentativas de encontrar uma solução, a sobrecarga emocional e a decisão de trazê-la para Curitiba evidenciam uma mãe resiliente que, mesmo diante de desafios complexos, persiste no cuidado e na busca por soluções, e a busca por políticas públicas.

O simbolismo do barquinho como a representação da vida destaca a dualidade de experiências, alegrias e tristezas, momentos de pesca e de choro. Essa metáfora reflete a natureza cíclica e imprevisível da vida, onde Trudes emerge como a capitã navegando por mares tumultuados, mas também colhendo os frutos de sua jornada.

É possível perceber a resiliência de Trudes diante das adversidades. Seu relato transcende as fronteiras da experiência individual, oferecendo insights sobre temas como família, trabalho, saúde e as complexidades da maternidade. Como pesquisadora, é essencial explorar esses aspectos, considerando suas implicações sociais, culturais.

Em última reflexão, o relato de Trudes não apenas enriquece a pesquisa com narrativas vivas e autênticas, mas também lança luz sobre a complexidade da condição humana. Ao integrar essas perspectivas em análises mais amplas, é possível promover uma compreensão mais profunda das interconexões entre experiência pessoal, sociedade e significado da vida.

Em seguida foi a vez de Angel falar como a história se conectou com sua e relata; “Esse barco é como se a gente tivesse navegando, nesse mundo que tanto a gente sofre...” O barco a fez buscar na memória uma representação da navegação da vida sofrida levada pela mãe, o pássaro representado é uma águia que traz a esperança e olha os peixes para abocanhá-los. Mas apesar de tudo, ela também representa a força e a coragem e que devemos caminhar até o máximo das nossas vidas. “A águia, o barco e água para mim foi...eu sobrevivi e comecei a analisar e peguei um pouco de sabedoria...porque eu tava perdendo a minha sabedoria, minha inteligência...” e relata ainda que “as bandeiras do barco são um sinal de alegria, pois as

bandeiras balançando representam a vida, que pessoas estão chegando em nossa direção”. Angel diz que a “Mãe da Água a marcou, pois a família era pobre e a Mãe da Água os reviveu por meio da nascente e deu força para continuar. As flores desenhadas simbolizam a vida, elas dão vida ao barco”. E ressalta ainda, “Quem dirige o barco está sentado de lado agradecendo pela vida e pela memória que está voltando...” questionei quem era a pessoa que estava no barco, ela diz “eu que estou ali”. A produção de Angel ilustrada na figura

**Figura 12** - Angel história da Mãe D’Água.



Fonte: Schons, 2023.

A reflexão da narrativa de Angel, imersa em simbolismos como o barco, a águia e a Mãe da Água, oferece insights valiosos para uma crítica ao patrimônio cultural, especialmente em relação à maneira como as mulheres processam e expressam memórias difíceis. Esta análise nos permite entender melhor o papel do patrimônio imaterial na vida das mulheres e como suas experiências pessoais são refletidas – ou muitas vezes omitidas – neste âmbito.

O barco, em sua história, é uma metáfora poderosa da jornada da vida, destacando a navegação através de adversidades. Essa imagem transmite a ideia de resiliência, um tema recorrente no patrimônio imaterial, mas também traz à tona a questão de como essas narrativas pessoais são muitas vezes relegadas a um segundo plano em favor de histórias e tradições mais amplamente reconhecidas.

A figura da águia, como um símbolo de esperança e renovação, revela como elementos da natureza e do folclore são integrados nas narrativas pessoais, fornecendo força e inspiração. No entanto, há uma crítica implícita aqui: o patrimônio cultural frequentemente falha em capturar a profundidade e a complexidade dessas interpretações pessoais, principalmente quando se trata das experiências femininas.

A Mãe da Água, representando renovação e resiliência, é especialmente significativa. Ela simboliza não apenas a ligação com o natural e o materno, mas também a capacidade de superar a adversidade. Esta figura mitológica ressalta como o patrimônio imaterial, embora rico em símbolos e metáforas, muitas vezes não reflete completamente as experiências vividas pelas mulheres, particularmente em contextos de dificuldade.

Além disso, os elementos de celebração na narrativa, como as bandeiras e flores, apontam para a necessidade de uma abordagem mais inclusiva no patrimônio cultural que reconheça e valorize as diversas formas de expressão e resistência femininas.

Concluindo, a história de Angel desafia as noções convencionais de patrimônio cultural, ressaltando a importância de incluir e dar voz às narrativas pessoais das pessoas. É crucial reconhecer que o patrimônio imaterial não deve apenas preservar tradições e histórias amplamente aceitas, mas também refletir a riqueza e a diversidade da experiência humana em sua totalidade, assegurando que as vozes das mulheres sejam ouvidas e valorizadas.

Continuando com a sequência de depoimentos, chegou a vez de Noe. No entanto, ela encontrou dificuldades para expressar-se, pois, conforme relatou, não conseguia mais se recordar da história que havia sido contada. Mesmo após eu ter feito um resumo da narrativa para ela, Noe ainda lutava para estabelecer uma conexão entre os eventos da história e sua própria vida, revelando desafios na associação e na articulação de suas experiências pessoais com o enredo apresentado.

Então, diante dessa dificuldade, optei por abordar a situação de outra maneira. Comecei a fazer perguntas específicas a Noe, focando primeiramente em sua própria história, e depois relacionando-a gradualmente com a história do conto.

Ao ser perguntada sobre a sua infância: “a gente brincava um pouco, a mãe fazia comida, limpava terreno...” Ela diz que começou a namorar com 14 anos, se casou perto dos 20 anos e teve sua primeira filha com seus 22 anos. Ela diz que quando sua filha era pequena não dava para perceber que ela tinha alguma deficiência: “depois que ela cresceu e começou a falar que a gente notou que tinha diferença das outras crianças porque ela vinha da igreja e perguntava os nomes das pessoas...” “o meu pai falou: isso não tá certo, ela tem problema...” “eu fiquei sentida, mas tive que aceitar...foi difícil...” Ela retrata que com 6 anos, sua filha começou a ir

para a escola, mas a professora disse que ela não ia aprender por causa que ela não era “normal”. “Ela decora as coisas, mas não consegue escrever, formar as palavras...”

A fala de Noe revela uma mistura complexa de sentimentos, incluindo frustração e aceitação, ao recordar a descoberta da deficiência de sua filha. Sua narrativa oferece um vislumbre das dificuldades emocionais enfrentadas pelos pais ao confrontarem realidades que desafiam suas expectativas e percepções do que é considerado "normal".

Inicialmente, a normalidade, para Noe, era percebida na ausência de sinais visíveis de deficiência em sua filha. Esta concepção de normalidade está profundamente enraizada nas expectativas sociais e culturais sobre o desenvolvimento infantil. No entanto, com o crescimento da criança e o surgimento de comportamentos divergentes das normas estabelecidas - como exemplificado pelas perguntas repetidas após a ida à igreja - Noe começa a perceber que a realidade de sua filha difere daquela das outras crianças.

A intervenção do pai de Noe, afirmando que "isso não tá certo", introduz a ideia de que há algo "anormal" com a criança. Esta declaração pode ser vista como um ponto de virada, desencadeando um processo de reconhecimento e aceitação da deficiência da filha. A fala de Noe, "eu fiquei sentida, mas tive que aceitar...foi difícil...", encapsula a frustração e a dor envolvidas nesse processo. A frustração emerge não apenas da preocupação com a saúde e o bem-estar da filha, mas também da necessidade de reajustar suas expectativas e compreensão do que é considerado normal.

Discutir o normal, neste contexto, implica reconhecer que as normas sociais e culturais muitas vezes não abrangem a diversidade da experiência humana. A jornada de Noe reflete a luta de muitos pais para alinhar a realidade de seus filhos com as expectativas sociais. Ao mesmo tempo, destaca a importância da empatia, do apoio e da adaptação na aceitação de crianças com deficiências como partes integrantes e valiosas da diversidade humana.

Portanto, a experiência de Noe ressalta não apenas os desafios pessoais enfrentados por pais de crianças com deficiência, mas também a necessidade de uma maior consciência e inclusão social que respeite e valorize as diferenças individuais. A discussão sobre o que é normal deve ser ampliada para abraçar uma variedade mais ampla de experiências e capacidades humanas, promovendo uma compreensão mais inclusiva e abrangente da normalidade.

E ela continua, “Até hoje, quando ela não quer escovar os dentes, eu tenho que escovar.”. “Todo lugar que eu vou, ela vai também...” Ao ser perguntada sobre o cotidiano e sobre preocupações futuras, ela diz que seu medo é que ela não esteja mais aqui para fazer as coisas pela filha: “Ela não gosta de mastigar as frutas, eu bato no liquidificador e faço ela

tomar...”, “Eu tive que sair do trabalho por causa dela...eu levava ela junto, mas um dia a mulher disse que ela não podia mais ir...”

A narrativa de Noe reflete profundamente a dedicação e o papel insubstituível da mãe cuidadora, especialmente no contexto de cuidar de uma filha com necessidades especiais. Sua experiência ilustra a natureza abrangente e muitas vezes intensa da maternidade em tais circunstâncias, onde a mãe se encontra em um papel de cuidado contínuo e total.

A declaração de Noe, “Até hoje, quando ela não quer escovar os dentes, eu tenho que escovar”, ressalta a natureza prolongada dessa dedicação. O cuidado cotidiano, que muitos podem considerar trivial, torna-se um ato de amor e responsabilidade constante. No caso de Noe, tarefas diárias como a higiene pessoal da filha requerem sua intervenção direta, demonstrando um compromisso ininterrupto com o bem-estar de sua filha.

O fato de Noe mencionar que “Todo lugar que eu vou, ela vai também...” fala sobre a inseparabilidade e a dependência que define sua relação com a filha. Esta dinâmica de constante proximidade vai além da conexão emocional; é uma necessidade prática e um reflexo da realidade de muitas mães cuidadoras que não podem se separar de seus filhos com necessidades especiais devido à sua dependência contínua.

A preocupação dela com o futuro, particularmente a ansiedade sobre o que acontecerá com sua filha quando ela não estiver mais lá para cuidar dela, é uma questão angustiante. Essa preocupação ilustra o medo profundo enfrentado por muitos pais de filhos com deficiências: a incerteza sobre o futuro e a segurança de seus filhos na sua ausência.

Além disso, Noe relata sacrifícios significativos feitos em nome do cuidado de sua filha, como sair do trabalho. Esta decisão, muitas vezes necessária, ilustra a dedicação total da mãe, mas também aponta para as dificuldades econômicas e sociais enfrentadas por cuidadores familiares, que muitas vezes têm que colocar as necessidades de seus entes queridos acima de suas carreiras e aspirações pessoais.

Em suma, a experiência dessa mulher lança luz sobre a realidade das mães cuidadoras, marcada por uma dedicação e amor incondicionais, mas também permeada por desafios, sacrifícios e preocupações contínuas. Esta realidade destaca a necessidade de maior apoio social e recursos para famílias com membros com necessidades especiais, reconhecendo e valorizando o papel crucial e muitas vezes insubstituível que essas mães desempenham.

A história de Noe e sua relação com sua filha encontra um paralelo interessante no conto da Mãe d'Água, um arquétipo presente em várias culturas que simboliza a nutrição, a proteção e a renovação. A Mãe d'Água é frequentemente retratada como uma figura cuidadora, que guarda e sustenta a vida, semelhante ao papel que ela desempenha na vida de sua filha.

Assim como a Mãe d'Água, que é muitas vezes vista como a guardiã dos recursos naturais e a fonte da vida, Noe torna a guardiã essencial do bem-estar de sua filha. Seu papel vai além do cuidado físico; ela é a fonte de amor, segurança e conforto para sua filha. A preocupação constante dela com o futuro de sua filha, especialmente sobre quem cuidará dela quando ela não estiver mais lá, reflete o instinto protetor da Mãe d'Água, cuja essência é garantir a continuidade e a preservação da vida.

Em resumo, a jornada dela como mãe cuidadora reflete as qualidades da Mãe d'Água do conto. Ambas as figuras simbolizam a força, a resiliência e o sacrifício inerentes ao papel de nutrir e proteger. A conexão entre a história de Noe e o conto da Mãe d'Água destaca a universalidade destes temas e a profundidade do papel materno em diferentes culturas e contextos. A figura 13 mostra a produção de Noe.

**Figura 13** - Noe sobre o conto Mãe D'água.



Fonte: Schons, 2023.

Nesse encontro, realizamos a discussão final sobre o conto, onde as participantes presentes compartilharam suas criações artísticas e suas histórias pessoais, refletindo sobre como o conto ressoou em suas vidas. Infelizmente, a participante Rose não pôde continuar conosco nas oficinas, pois contraiu dengue.

### 2.3 DESVENDANDO OS FIOS EMOCIONAIS: O CONTO E O REVISITAMENTO DAS MEMORIAS

Exploramos como os contos servem não apenas como simples narrativas, mas como meios para acessar e destacar aspectos esquecidos da memória. Cada conto se entrelaça com as nossas próprias histórias, ajudando a desvelar emoções e lembranças há muito guardadas.

Neste espaço de reflexão e descoberta, os contos ressoam com o sussurro das folhas sob o vento da memória, evocando ecos de alegrias e tristezas, de momentos enterrados sob o peso do tempo. Cada história atua como um espelho que revela partes de nossa identidade, refletindo fragmentos de nossas experiências e vivências.

No dia de 23 de maio de 2022, aconteceu nosso terceiro encontro na sede do Clube de Mães. Cheguei 30 minutos mais cedo para preparar a sala, organizando as cadeiras em círculo, de modo que todas as participantes pudessem ouvir claramente a história do dia. Ao fundo, tocava uma música suave, criando um ambiente tranquilo e acolhedor para todas. No centro do círculo, montei uma mandala de fios coloridos que seriam utilizados pelas participantes em suas criações artísticas, formando assim uma mandala central para o grupo.

Também havíamos organizado com as mulheres do Clube de Mães um momento de partilha para o café, uma prática habitual em nossos encontros. Todas as tardes, tínhamos um intervalo para desfrutar de um delicioso café, onde todas as participantes, tanto do grupo de pesquisa quanto do grupo de mães, se reuniam para a degustação. Este intervalo durava cerca de trinta minutos, e era um tempo precioso onde eu tinha a oportunidade de conhecer várias outras mulheres, cada uma com suas histórias de vida únicas e suas particularidades.

Em um desses momentos, uma das mulheres questionou por que o grupo não poderia ser aberto a todos. Eu expliquei que, devido à proposta inicial do projeto, que era especificamente para mães de filhos matriculados na APAE, e também por questões de espaço físico, não seria possível incluir todas naquele momento. No entanto, ressaltei que estava considerando a possibilidade de abrir um projeto similar para um público mais amplo no futuro, pensando em desenvolver outra iniciativa que pudesse acolher mais participantes.

Trudes e Mg foram as primeiras a chegar ao encontro. Pouco tempo depois, Angel apareceu, visivelmente agitada, e compartilhou: “Hoje quase não pude vir, precisei mudar o dia para levar a menina na APAE, mas consegui chegar”. Noe nesse dia não conseguiu estar presente. Todas se sentaram nas cadeiras disposta em círculo e eu aproveitei esse momento para apresentar a elas a segunda história do livro "O que conta um Conto? (II) - Variações sobre o

Tema Mulher", de Jette Bonaventure, publicado em 2000. A narrativa escolhida para o dia foi "Como a Mulher do Pescador Salvou a Criança da Rainha dos Elfos", encontrada na página 65 do livro.

Todas as participantes ouviram atentamente a história que foi lida. Após a audição, elas se dirigiram à mesa, onde estavam dispostos diversos materiais como fios, linhas, tintas, cola para tecido, agulhas, tesouras e um pedaço de tecido branco para iniciarem suas criações artísticas. Solicitei a todas que mantivessem o silêncio durante a atividade para evitar que as conversas influenciassem nas produções individuais. No entanto, em alguns momentos, era inevitável que trocassem breves comentários. Foi nesse contexto que Mg comentou: "Que difícil, eu ainda lembro da outra história", ao que Trudes acrescentou: "É mesmo, mas agora temos que nos concentrar nesta."

Essa interação revela como a história anterior ainda exercia influência sobre elas. A capacidade das narrativas de se fixar na memória e continuar ressoando mesmo após sua conclusão é uma prova do poder das histórias em afetar profundamente os indivíduos. A lembrança persistente da história anterior sugere que ela tocou aspectos significativos de suas vidas ou despertou emoções e pensamentos que continuaram a ocupar suas mentes, mesmo enquanto se engajavam em uma nova atividade.

Este fenômeno destaca a natureza interconectada das experiências humanas e a forma como as histórias, particularmente aquelas que ressoam em um nível pessoal, podem moldar a percepção e o estado emocional. O comentário de Mg e a resposta de Trudes indicam um esforço consciente para se reconectar com o presente, demonstrando como o envolvimento com novas narrativas pode ser desafiador quando ainda se está processando uma experiência anterior.

Essa situação sublinha a importância de reconhecer e valorizar as respostas emocionais e cognitivas que as histórias evocam. Ela também reflete sobre a capacidade das histórias de criar impressões duradouras, influenciando a maneira como as pessoas veem e interagem com o mundo ao seu redor. A produção de Trudes e Mg, ilustrada na figura 14.

**Figura 14** - Mg e Trudes na segunda história



Fonte: Schons, 2023.

Semelhante ao que ocorreu com a história anterior, foram necessários dois encontros para concluir as criações artísticas. Noe, que não pôde estar presente neste dia, recebeu uma proposta para acompanhar a história de maneira alternativa. Decidi enviar a narrativa novamente através do nosso grupo de WhatsApp, onde gravei e contei a história para elas mais uma vez. As participantes levaram para casa os trabalhos iniciados, juntamente com alguns materiais necessários para a continuação das suas obras. Com isso, encerramos o encontro daquele dia.

A história narrada por Bonaventure em 2000 (p. 64) aborda a figura da "grande mãe", uma representação da dualidade da natureza materna. Esta "grande mãe" simboliza tanto a generosidade quanto a severidade, refletindo as duas faces da maternidade e da própria natureza.

Na história, a "grande mãe" é descrita como uma entidade que nutre os seres humanos com sua generosidade, simbolizando a face acolhedora e protetora da maternidade. Esta faceta pode ser vista na maneira como a natureza, frequentemente personificada como mãe, provê

sustento e abrigo para a vida. Esta representação está em harmonia com a visão tradicional de maternidade, onde a mãe é vista como a cuidadora e nutridora.

Por outro lado, a história também enfatiza que esta mesma "grande mãe" pode ser severa, simbolizando a capacidade de "afogar" ou punir, dependendo do tratamento que recebe. Esta faceta reflete a realidade mais dura e implacável da natureza e da maternidade. Assim como a natureza pode ser impiedosa e indomável, a maternidade também pode envolver aspectos de disciplina, desafios e até severidade.

Interessantemente, a história não se detém exclusivamente na relação mãe-criança, mas amplia para abordar a relação entre a maternidade e o mundo mais amplo. O conto traz à tona a ideia de que a maternidade não se limita à relação direta com os filhos, mas se estende à forma como a mãe se relaciona com o mundo ao seu redor, representando uma força vital que sustenta, mas que também pode exigir respeito e cuidado em troca.

Em resumo, a história discutida por Bonaventure ilustra a complexidade e a dualidade da "grande mãe", destacando seu papel tanto como fonte de nutrição e cuidado quanto como força poderosa e às vezes implacável. Esta narrativa permite uma compreensão mais profunda da maternidade, vista não apenas em seu aspecto acolhedor, mas também em sua força e exigência, refletindo a natureza multifacetada da própria vida.

Em 30 de maio de 2022, realizamos nosso quarto encontro. A sala já estava preparada conforme o habitual, e as participantes começaram a chegar gradativamente. Todas trouxeram seus trabalhos artísticos já finalizados. Formamos um círculo, e cada uma teve a oportunidade de compartilhar suas experiências e discutir suas impressões sobre a última história. Iniciei o encontro expressando minha gratidão a todas e, em seguida, abri espaço para que começassem a compartilhar seus relatos, na roda de conversa ilustrado na figura 15.

**Figura 15** - Quarta oficina roda de conversa.



Fonte: Schons, 2023.

Mg, com a alma repleta de histórias e mãos tecendo arte, foi a primeira a dar voz à sua criação artística. Na segunda história, ela se lembrou de sua infância. “na minha infância, a gente era bastante humilde, e trabalhava muito, mas era muito alegre, a minha mãe era uma pessoa muito simples, uma branca casada com um negro...muito carismática...”, “...ela era parteira e fazia remédios e essa árvore aqui simboliza o remédio, simboliza a cura por isso ela tem várias cores, é a árvore da força de Deus, da força divina...”

**Figura 16** - Mg na sua segunda produção



Fonte: Schons, 2023.

Ela mostrou também uma casa grande pois viviam em 10 irmãos e a mãe cuidava de crianças também. Mg diz que uma vez chegou uma criança com amarelão para a mãe dela cuidar: “ela ficou uns 3 meses na nossa casa...minha mãe tratava com remédio caseiro e alimentação, né?... “Ela brincava muito nessa fase, pois era muito alegre e palhaça”.

Retrata também que teve um avô muito especial, que faleceu quando ela tinha 4 anos, mas que ela nunca esqueceu: “foi maravilhoso fazer lembrar” e continua, “ontem cheguei até a ligar para minha irmã e contei a história que você contou no encontro passado”. “eu lembro de tudo da nossa vida de infância. Foi uma infância boa, difícil porque a gente não tinha como tem hoje. Mas eu ainda acho que aquela época era melhor do que hoje...” e ainda completa sua experiência com as histórias apresentadas: “a primeira história foi marcante...a segunda história eu não tava me entrosando com ela, mas depois eu consegui me entrosar, consegui reviver o tempo que a gente cuidava das crianças na nossa casa...o tempo que minha mãe trazia as mulheres grávidas também, fazia o parto na nossa casa...”

Perguntei para ela sobre a sua infância ela diz ter sido boa: “a gente trabalhava bastante, né?...tinha criação, trabalhava no sítio, mas ótima, muito boa...eu morava a 100 quilômetros da cidade...” a gente era rico e não sabia, era tudo muito natural...”, Fala que seu pai trabalhava fora e a mãe criava os filhos com severidade. Com 18 anos ela se casou com seu primeiro namorado.

Ao ser perguntada sobre como foi sua reação ao descobrir que o seu neto teria uma deficiência: “foi triste, foi bem triste...” Quando o João nasceu, a sua mãe teve depressão pós parto: o João nasceu com adenoide e não conseguia dormir. Quando ela estava no fim da sua depressão, veio a notícia que o filho seria autista: “foi uma barra bem pesada, mas depois que começamos o tratamento, a gente tira de letra, né?” “a gente demorou para aceitar, a gente ainda não aceita muito bem, né? mas a gente tem que educar ele para a vida, né? Fazer ele enfrentar...ele tem que se aceitar...” “minha filha teve que ser guerreira triplamente...ela teve que enfrentar a depressão e depois ela tem que ser forte pelo filho, por ela e pela família toda...”

Mg revela que a família ensina o irmão mais velho de João, o Pedro, para ficar junto com o irmão quando eles não tiverem mais os pais. “hoje o irmão mais velho é o espelho dele...” e retrata que eles sempre foram muito amigos, desde antes do diagnóstico do autismo. “Ele vai na padaria sozinho, ele vai no mercado sozinho...”, diz a avó ao falar da autonomia do seu neto João, que hoje tem 16 anos.

A narrativa compartilhada por Mg é rica em detalhes e emoções, refletindo uma jornada de vida marcada por desafios, alegrias e momentos de profunda reflexão. Sua história, que abrange lembranças de uma infância vivida em simplicidade, a experiência de cuidar de outras crianças junto com sua mãe, e o enfrentamento das dificuldades associadas ao diagnóstico de autismo de seu neto, revela a força e a resiliência inerentes ao seu caráter.

A conexão da história de Mg com o conto "Como a Mulher do Pescador Salvou a Criança da Rainha dos Elfos" pode ser encontrada na temática da salvação e proteção. No conto, a mulher do pescador age com coragem e determinação para salvar uma criança, mostrando uma força maternal protetora. De maneira similar, Mg relata ações de cuidado e proteção, tanto em sua infância, ajudando sua mãe a cuidar de outras crianças, quanto na sua vida adulta, ao lidar com as necessidades especiais de seu neto.

Esta narrativa pessoal de Mg reflete aspectos do patrimônio imaterial, particularmente no que diz respeito às práticas de cuidado e tradições familiares. O patrimônio imaterial não se limita a objetos, monumentos ou coleções tangíveis; ele também abrange as vivências, os saberes, as tradições e as práticas transmitidas através das gerações. As experiências de Mg revelam uma profunda conexão com esses aspectos, especialmente em sua descrição da vida em uma família grande, onde práticas como o parto em casa e o cuidado compartilhado com crianças eram comuns.

Além disso, a história de Mg toca em temas universais de maternidade, família, cuidado e adaptação às adversidades, que são centrais tanto no conto quanto na experiência humana em

geral. Sua capacidade de enfrentar desafios, como a depressão pós-parto de sua filha e o diagnóstico de autismo do neto, ressoa com a ideia de resiliência e força encontrada no conto.

Em resumo, a história de Mg é um exemplo vívido de como as narrativas pessoais e o patrimônio imaterial estão intrinsecamente ligados. Suas experiências refletem a riqueza e a complexidade das tradições e práticas familiares, demonstrando como elas moldam e são moldadas pelas experiências individuais e coletivas. Essa conexão ressalta a importância de preservar e valorizar o patrimônio imaterial como um aspecto vital da herança cultural e histórica.

Em seguida, foi a vez de Angel compartilhar sobre sua produção. Ela observou atentamente seu trabalho, fazendo uma análise visual cuidadosa, e começou a falar de maneira serena e reflexiva: “Na segunda história, eu simbolizo meus netinhos, que são muito preciosos para mim. O conto me lembrou o encontro com meus netos, que gostavam de jardim. As flores é a primavera, com as flores são esperança. A nuvem representa momentos difíceis” e lembra de como lutou para chegar até aqui. “Eu lembrei, eu voltei lá trás, no tempo de muita chuva, pouco sol, né?...os corações são a minha alegria...” Antes ela pensava que a sua vida tinha acabado, ela nem queria mais pensar em si mesma, e ressalta o seu comentário, “agradeço a você...que me ensinou a reviver...”

Ao ser perguntada sobre o momento que percebeu a introspecção na história ela diz: “no primeiro desenho eu não percebi, mas no segundo desenho começou a me dar vida...comecei a lembrar de tantas coisas bonitas que podemos fazer...eu renasci de novo.” A narrativa de Angel mostrado na figura 17.

**Figura 17** - Segundo trabalho de Angel



Fonte: Schons, 2023.

A narrativa de Angel em relação à sua produção artística, inspirada pela segunda história, reflete um processo significativo de reflexividade e autodescoberta. Sua experiência ilustra como a arte e a narrativa podem funcionar como catalisadores para uma introspecção mais profunda e um renovado senso de propósito e significado na vida.

Inicialmente, no primeiro desenho, Angel não percebeu a conexão introspectiva que a atividade poderia proporcionar. Isso é comum em processos criativos e narrativos, onde a profundidade da reflexão e o autoconhecimento podem se desenvolver gradualmente. A primeira tentativa pode ser mais superficial ou menos conectada com as experiências internas do indivíduo.

No entanto, com a segunda história e a subsequente atividade artística, Angel começou a experimentar uma maior reflexividade. Ela conseguiu simbolizar aspectos significativos de sua vida, como seus netos, as flores representando esperança e as nuvens simbolizando dificuldades. Esta capacidade de refletir e encontrar significados simbólicos em seu trabalho mostra uma evolução em sua jornada de autoconhecimento.

A lembrança de "voltar lá trás, no tempo de muita chuva, pouco sol" indica um processo de reexaminar e reinterpretar experiências passadas à luz de novas perspectivas. Essa reflexão sobre o passado, ligada à criação artística no presente, permitiu que Angel redescobrisse a alegria e a gratidão pela vida, como expresso em seus "corações" que simbolizam felicidade.

A ideia de "renascer de novo", mencionada por Angel, é particularmente poderosa. Ela sinaliza uma transformação pessoal impulsionada pela participação na narrativa e na atividade artística. A narrativa, neste contexto, vai além de simplesmente contar uma história; torna-se um meio de explorar o self, processar emoções e experiências passadas e emergir com uma nova compreensão de si mesmo e da própria vida.

Em resumo, a experiência de Angel enfatiza a importância da reflexividade em processos narrativos e criativos. Mostra como a arte e as histórias podem ser mais do que expressões externas; podem ser ferramentas profundas para a introspecção, o crescimento pessoal e a renovação. A reflexividade da narrativa, especialmente quando combinada com a expressão artística, oferece oportunidades para revisitar e reinterpretar a vida, descobrindo novas camadas de significado e propósito.

E ressalta ainda; “Passar as tardes aqui, professora, foi algo muito maravilhoso, pois eu andava meio deprimida e muito doente e isso me incentivou para fazer esse trabalho de terapia.” Para Ângela, as oficinas foram boas para lembrar aquilo que ela fazia, como o artesanato. “Você começou a puxar pela minha memória e eu comecei a fazer esses simples desenhos.”

A experiência de Angel nas oficinas de arte e narrativa oferece insights valiosos sobre a importância do patrimônio imaterial. Sua jornada, marcada pelo redescobrimiento de habilidades artesanais e pela superação de desafios emocionais, reflete como o patrimônio imaterial não é apenas um conjunto de tradições a ser preservado, mas um elemento dinâmico e vital na vida contemporânea das comunidades.

O resgate de técnicas tradicionais de artesanato por Angel ilustra a preservação de habilidades e conhecimentos que fazem parte do patrimônio imaterial. Estas práticas, transmitidas ao longo de gerações, representam a riqueza cultural e histórica da comunidade, e sua manutenção é essencial para a continuidade cultural.

Além disso, a contribuição das oficinas para a saúde mental ela destaca como o patrimônio imaterial pode ser aplicado para promover o bem-estar. Estas atividades fornecem um espaço onde os indivíduos podem explorar e expressar suas emoções, reforçando a importância de práticas culturais na manutenção da saúde e da coesão social.

As oficinas também funcionaram como um catalisador para Angel, ajudando-a a lembrar e celebrar sua identidade cultural. Este aspecto do patrimônio imaterial é crucial, pois fortalece a memória coletiva e ajuda na preservação da identidade cultural, tanto individual quanto comunitária.

Ademais, a experiência dela nas oficinas promove a inclusão e o diálogo intercultural. Ao compartilhar suas histórias e criações artísticas, cria-se um ambiente onde diferentes vozes e experiências são valorizadas, enriquecendo a compreensão mútua e a diversidade cultural.

Por fim, sua participação nas oficinas evidencia o papel do patrimônio imaterial em fortalecer os laços comunitários. Essas práticas culturais compartilhadas fomentam um senso de pertencimento e solidariedade, essenciais para a coesão e o bem-estar da comunidade.

Em suma, sua experiência nas oficinas realça a relevância do patrimônio imaterial como um recurso vivo e adaptável. Ele desempenha um papel crucial não apenas na preservação de tradições, mas também no apoio ao desenvolvimento individual e coletivo, oferecendo caminhos para a expressão criativa, o bem-estar emocional e a continuidade cultural.

Mg, ao ouvir a história de Angel também conseguiu lembrar de uma fase de sua vida. Ela diz que ficou 4 anos sem sentir frio, fome, calor e sem falar do tanto que trabalhava e ainda reforça: “para mim, estar aqui é maravilhoso.”

A experiência de Mg, ao ouvir a história de Angel e se lembrar de uma fase específica de sua própria vida, ressalta a importância vital da escuta nas oficinas. Mg relembra um período em que viveu sem sentir frio, fome ou calor, e a intensidade do trabalho que realizava, destacando como a oportunidade de estar nas oficinas era maravilhosa para ela.

A escuta, neste contexto, vai além de simplesmente ouvir as palavras dos outros; ela se transforma em um ato de empatia e conexão. A capacidade de escutar ativamente permite que as participantes das oficinas compartilhem suas experiências e se conectem com as histórias umas das outras em um nível mais profundo. Esse processo de compartilhamento e escuta cria um ambiente acolhedor, onde cada pessoa pode expressar suas emoções, memórias e reflexões sem medo de julgamento. Além disso, o ato de escutar é essencial para aprimorar a compreensão de si mesmo e para reexaminar as próprias histórias pessoais.

Ao ouvir as histórias dos outros, os participantes podem encontrar paralelos com suas próprias experiências, o que pode ajudar no processo de compreender e processar suas histórias pessoais. A experiência de Mg é um exemplo claro disso: ao ouvir Angel, ela conseguiu acessar e refletir sobre uma parte significativa de sua própria jornada de vida.

A escuta também promove a empatia e o entendimento mútuo entre os participantes. Ao compartilhar suas histórias e ouvir atentamente as experiências dos outros, cria-se um senso de comunidade e suporte. Isso é particularmente importante em oficinas que lidam com temas sensíveis ou pessoais, onde o apoio e a compreensão do grupo são essenciais.

Por fim, a prática da escuta nas oficinas evidencia o valor das narrativas pessoais e da expressão criativa como meios de comunicação e conexão humana. Ao escutar e compartilhar,

os participantes não apenas aprendem uns com os outros, mas também contribuem para a criação de um espaço coletivo de crescimento, aprendizado e apoio mútuo.

Em resumo, a experiência de Mg e a importância da escuta nas oficinas destacam como a comunicação empática e o compartilhamento de histórias podem ser transformadoras, promovendo, o autoconhecimento e a coesão comunitária.

E seguimos com as falas agora foi a vez de Trudes; Sobre a segunda história: “tem uma casa, porque todo mundo tem direito a uma casa...o castelo representa as coisas boas da vida da gente, porque tem coisas que só no castelo que existe...” Ela conta que seu irmão com bronquite melhorou, se casou e acabou morrendo de um câncer raro: “a história me fez lembrar de quem me ajudava...ele era meu porto seguro também...ele era muito amoroso e era padrinho da Elizabeth...ele ajudava a cuidar dela...” Quando seu irmão faleceu, ele deixou seus três filhos pequenos e sua cunhada ficou depressiva e dona Trudes começou a ajudar a cuidar dos filhos, além de ter que cuidar dos seus problemas. Depois, sua outra irmã, que teve filhos gêmeos, também veio a falecer de câncer e como ela era separada do marido, mais uma vez Trudes ajudou na criação dos meninos, que hoje tem um bom trabalho: “apesar de tudo que eu passei, eu acho que eu tenho um castelo dentro de mim bem grande...” ela diz que resumindo tudo que passou, isso dá um colorido no seu desenho e que dá mesmo um grande castelo: “eu sinto que tudo foi grandioso...”, “...eu me encontrei no que eu faço, né?...como se eu fosse a fada, que ela trouxe a criança para aquela senhora cuidar...eu também tive as crianças que vieram até mim que eu nunca disse não, sempre disse sim e cuidei até eles caminharem com as pernas deles...” A narrativa de trudes mostrado na figura 18.

**Figura 18** - Segundo trabalho de Trudes



Fonte: Schons, 2023.

E ela vai relatando entre passado e o presente, e conta que não aceitaram sua filha na APAE, pois ela já tinha 31 anos e eles só pegavam alunos de até 22 anos. “Ai eu voltei para casa, dei um trabalhinho para ela...artesanato para ela fazer em casa e não parar...” Ela conta que a APAE ia fechar na época que ela mais precisava e aí ela assumiu a presidência: “peguei aquilo na estaca zero...não tinha computador, não tinha nada e tá no que tá hoje...”

Ela diz que matriculou suas duas filhas juntas para se ajudarem. Mas a filha que possui deficiência não conseguia evoluir e passar de ano na escola. O diretor do colégio achou melhor ela ir para uma APAE para ter um bom acompanhamento. “Chegou o ponto que eu tava com tudo mais ou menos pronto para encaminhar a APAE e aí eles me disseram que precisava de mais ou menos duas professoras especializadas para aquela área para abrir a APAE. Fui e falei com o prefeito e ele mandou duas professoras aqui para Curitiba para se especializar e quando elas estavam prontas, dali dois anos eu comecei a APAE em Campina da Lagoa.”

Sua história é uma ilustração poderosa de como a determinação individual pode levar a mudanças significativas na comunidade. Ela enfrentou e superou inúmeros desafios, transformando obstáculos pessoais em oportunidades para o bem comum. Essa narrativa é um lembrete inspirador da capacidade humana de provocar mudanças positivas, mesmo em circunstâncias adversas.

A história de vida relatada, onde ela enfrenta desafios para garantir a educação e o bem-estar de sua filha com deficiência, estabelece uma conexão profunda com o conto "Como a Mulher do Pescador Salvou a Criança da Rainha dos Elfos". Ambas as narrativas destacam a resiliência, a determinação e a capacidade de superar adversidades em nome do cuidado e proteção aos mais vulneráveis.

No conto, a mulher do pescador demonstra coragem e astúcia para salvar uma criança, um ato que reflete um instinto maternal profundo e a disposição de enfrentar forças maiores para o bem de um ser inocente. Da mesma forma, a história de vida dessa mulher revela uma força maternal que vai além do cuidado diário; ela assume um papel ativo e de liderança para garantir que sua filha, e outras crianças com necessidades especiais, tenham acesso à educação e ao suporte adequados.

Assim como a mulher do pescador no conto enfrenta a poderosa Rainha dos Elfos, ela enfrenta o sistema educacional e as limitações da sociedade para criar melhores oportunidades para sua filha. Sua jornada de fundar e desenvolver a APAE em sua cidade é um testemunho de sua bravura e comprometimento, semelhante à determinação da mulher do pescador em enfrentar desafios formidáveis para salvar a criança.

Ambas as histórias também ressaltam a importância do papel feminino na sociedade e na família. Elas mostram que, muitas vezes, são as mulheres que assumem a linha de frente na luta por justiça, educação e cuidados, empregando sua força e sabedoria para promover mudanças significativas em suas comunidades.

Portanto, a conexão entre a história de vida dessa mulher e o conto "Como a Mulher do Pescador Salvou a Criança da Rainha dos Elfos" ilustra o poder da ação feminina e materna em ambas as realidades ficcionais e reais, destacando o impacto profundo que uma pessoa determinada pode ter na transformação das vidas ao seu redor.

Agora chegava o momento de a última participante compartilhar sobre sua criação. Noe falou de maneira sucinta, expressando que não se recordava bem dos detalhes da história sua produção relacionada à primeira história, ela comentou que não pôde participar do encontro no dia do segundo conto, como já havia sido mencionado anteriormente.

Na obra criada por Noe, ela expressa que “flor representa o amor, a natureza e as coisas bonitas que existem para serem vistas”, “sempre ter muitas flores em casa”. Ela compartilha a lembrança dolorosa de ter perdido tudo em um incêndio há quatro anos. A perda de sua casa foi um momento traumático, agravado pelo fato de ela estar viajando e as pessoas próximas hesitarem em contar-lhe o ocorrido. Seu filho, residente em São Paulo, foi quem lhe deu a

notícia. Apesar do desespero inicial, a solidariedade da comunidade se manifestou, com doações de materiais para a reconstrução da casa e aquisição de móveis e eletrodomésticos.

Apesar de todo o sofrimento, o conto escolhido retrata “mãe que cuida e zela pelos filhos” e por isso o desenho de Noe representa três flores porem fala somente de duas: “uma laranja e outra verde é esperança”. Além do mais, diz “as flores quer dizer a continuação jardim da vida”.

**Figura 19** - Trabalho de Noe sobre o conto da Mãe D’água.



Fonte: Schons, 2023.

Em sua produção Noe, repleta de simbolismo mostrado na figura 19, com suas flores representando amor e beleza, reflete sua resiliente jornada de superação após um devastador incêndio em sua casa. Este evento traumático, atenuado pela solidariedade comunitária, ecoa em seu trabalho artístico, onde as flores não apenas simbolizam a continuidade da vida, mas também a força e a esperança que emergem em tempos de adversidade. Sua conexão com o conto da "mãe que cuida e zela pelos filhos" realça a profunda dedicação e amor incondicional inerentes à maternidade, ilustrando como, apesar das dificuldades, é possível renascer e florescer novamente.

Noe, que não havia participado da audição da última história, trouxe uma obra para agregar à nossa colcha. Embora sua produção não estivesse intrinsecamente conectada ao conto, decidimos, eu e as outras participantes, acolher com carinho sua contribuição, integrando-a ao nosso trabalho final. Reconhecemos que cada peça, mesmo que não diretamente ligada à

narrativa específica, carrega seu próprio valor e significado, enriquecendo o mosaico de expressões que compõem nossa obra coletiva.

No dia 14 de junho, realizamos nosso encontro final. Durante o fim de semana, as participantes dedicaram-se à criação e à montagem da colcha. Trabalhando em conjunto, elas montaram o mosaico de suas criações, incluindo a contribuição de Rose, que, infelizmente, não pôde continuar conosco, a narrativa de Rose na figura 20. Tentei entrar em contato com Rose para discutir sua produção, mas não obtive resposta.

**Figura 20** - Narrativa de Rose



Fonte: Schons, 2023.

Apesar disso, o grupo decidiu incluir seu trabalho na colcha. Com empenho e colaboração, fomos costurando, medindo, cortando e montando as peças, como mostro nas figuras, 21, 22, 23 e 24. As participantes também integraram alguns de seus artesanatos pessoais, enriquecendo a tapeçaria com fragmentos de suas histórias. Dona Trudes expressou: “Colocamos nosso trabalho aqui para que fique na memória”.

**Figura 21** - Trudes e Angel costurando.



Fonte: Schons, 2023.

**Figura 22** - Noe, Trudes e Angel na montagem da colcha



Fonte: Schons, 2023.

**Figura 23** - Montagem da colcha pelas participantes.



Fonte: Schons, 2023.

**Figura 24** - Mg costurando o artesanato para colcha.



Fonte: Schons, 2023.

O encerramento dessas oficinas foi com a montagem da colcha coletiva no último encontro foi um momento significativo que simboliza muito mais do que a conclusão de uma atividade artística. Essa colcha, tecida com as criações individuais das participantes, incluindo

a de Rose que não pôde estar presente, torna-se um testemunho tangível das jornadas pessoais, das memórias e das experiências compartilhadas ao longo dos encontros.

A inclusão da contribuição de Rose, mesmo na sua ausência, reflete um espírito de comunidade e solidariedade. Representa o reconhecimento de que cada história, cada expressão artística, contribuiu para a tapeçaria mais ampla do grupo. Isso demonstra uma valorização das experiências individuais e uma compreensão de que, mesmo aqueles que não podem estar presentes fisicamente, ainda fazem parte da história coletiva.

O processo de montagem da colcha, envolvendo costura, medição e corte, é em si um ato de criação colaborativa e de união. Cada participante não apenas contribuiu com sua peça, mas também participou ativamente na construção de algo maior, que representa a união de todas as suas vozes e histórias.

Além disso, a inclusão de seus artesanatos pessoais entre as peças da colcha enriquece a narrativa com camadas adicionais de significado. Isso permite que a colcha não seja apenas uma representação das histórias compartilhadas durante os encontros, mas também um reflexo das identidades e das vidas das participantes fora do contexto das oficinas.

A declaração de Trudes, “colocamos nosso trabalho aqui para que fique na memória”, destaca o desejo de deixar um legado, de marcar presença e de afirmar a importância de suas experiências e expressões criativas. A colcha, portanto, se torna uma cápsula do tempo, preservando e honrando as histórias, os sentimentos e as vivências de cada uma das participantes.

Em resumo, o último encontro e a montagem final da colcha são reflexos significativos da jornada compartilhada pelas participantes. Esse processo não apenas proporcionou um meio de expressão artística e pessoal, mas também criou um espaço de conexão, apoio e celebração da diversidade de experiências e histórias de vida. A colcha finalizada como mostra a figura 25, é um símbolo da interconexão de suas vidas, uma colagem viva de memórias e significados.

**Figura 25** - Colcha finalizada.



Fonte: Schons, 2023.

### **CAPÍTULO 3 - REFLETINDO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA ARTETERAPIA NA PESQUISA DO PATRIMÔNIO CULTURAL.**

Uma noção de representação como ato criativo, que se refere ao que as pessoas pensam sobre o mundo, sobre o qual as pessoas estão se referindo, transformando essas “representações” em objeto de análise crítica e científica do “real”.

Stuart Hall (2016, p.11)

Neste terceiro capítulo, propomos uma reflexão sobre a metodologia da arteterapia sob a perspectiva do patrimônio cultural. Nosso objetivo é explorar e debater como essa abordagem interage com as concepções de memória e identidade no contexto do patrimônio cultural. Um dos desafios centrais deste estudo é entender como o patrimônio cultural enfrenta memórias complexas e muitas vezes difíceis, que não são facilmente narráveis e frequentemente permanecem silenciadas, esquecidas ou marginalizadas.

A arteterapia se revelou como uma abordagem inovadora e eficaz para acessar tais memórias doloridas. Por meio de atividades artísticas, os participantes tiveram a oportunidade de expressar suas memórias, experiências e identidades de uma maneira simbólica. Esta prática facilitou o surgimento de narrativas alternativas, contribuindo para a reconstrução e valorização de memórias que antes estavam ocultas, e promovendo sua inclusão no contexto do patrimônio cultural.

Ao explorar a relação entre o patrimônio cultural e as memórias desafiadoras, bem como o papel da arteterapia como instrumento para acessar e expressar estas memórias, buscamos contribuir para uma discussão crítica sobre as práticas e estratégias no campo do patrimônio cultural. Este capítulo destaca a importância de reconhecer e incluir todas as narrativas, mesmo as que divergem das narrativas dominantes.

Discutimos também o papel crucial da expressão artística e da arteterapia no contexto do patrimônio cultural, com sua rica tapeçaria de tradições, histórias e práticas, é um compêndio de experiências tanto coletivas quanto individuais. A arteterapia, ao se conectar com estas tradições e práticas, oferece meios para que os indivíduos explorem de maneira significativa, favorecendo uma reflexão o de si mesmos e da comunidade à qual pertencem.

Portanto, este capítulo propõe uma reflexão sobre como a arte, em suas diversas formas, pode ser um canal para expressar e processar experiências difíceis, e como a arteterapia pode oferecer um espaço acolhedor para essa exploração. Examinamos como as práticas culturais e a expressão criativa podem auxiliar indivíduos e comunidades a revisitar e ressignificar suas

memórias, e discutimos a importância de um patrimônio cultural inclusivo e representativo de uma ampla gama de experiências humanas.

Este capítulo, é um convite à reflexão sobre a interconexão entre arte, cultura e a complexidade das memórias, estimulando o entendimento de como esses elementos, conjuntamente, podem fornecer caminhos para resiliência e renovação diante das dificuldades associadas às memórias desafiadoras. Integrando a expressão artística e a arteterapia na conservação e exploração do patrimônio cultural, abrimos novas perspectivas para compreender nosso passado e construir um futuro mais integrado e inclusivo.

Este capítulo, portanto, não só realça a importância da expressão artística na superação de memórias difíceis, mas também reforça como a arteterapia pode ser uma abordagem eficaz na preservação e na exploração do patrimônio cultural, oferecendo uma contribuição valiosa para a reflexão crítica e a prática no campo do patrimônio cultural.

### 3.1 SUPERANDO O SILENCIO: A IMPORTANCIA DA EXPRESSÃO ARTISITICA NO ENFRENAMENTO DE MEMORIAS DIFICEIS.

A importância da arte não apenas como uma forma de expressão poética, mas também como um canal para explorar e comunicar experiências e emoções que podem ser difíceis de articular através da linguagem tradicional. Nesse contexto, a arte é reconhecida como uma linguagem alternativa, um meio que permite às pessoas imergirem em suas experiências internas de maneira intuitiva e envolvente. As atividades artísticas funcionam como um refúgio para a expressão de memórias e experiências complexas, oferecendo um espaço para reflexão e expressão pessoal.

A arte se torna um catalisador para a liberação de emoções e para um maior entendimento de si mesmo, possibilitando a reinterpretação e a recontextualização das vivências pessoais. Este tema convida à reflexão sobre o papel crucial da criatividade e da expressão artística na exploração dos aspectos profundos da experiência humana. Quando Mg (2023) diz “no primeiro desenho eu não percebi, mas no segundo desenho começou a me dar vida...comecei a lembrar de tantas coisas bonitas que podemos fazer... eu renasci de novo”.

Quando uma pessoa narra uma história, especialmente uma que é autobiográfica ou profundamente pessoal, ela não está apenas relatando eventos, mas também interpretando e reinterpretação desses eventos, o que pode mudar a cada vez que a história é contada.

A diferença no processo de reflexão entre a primeira e a segunda vez que uma história é narrada é significativa. Na primeira narrativa, o narrador pode não ter plena consciência ou

compreensão de todos os aspectos e implicações da história. Essa primeira narrativa pode ser mais superficial ou menos introspectiva, talvez focada mais nos eventos externos do que no impacto interno ou nas subjetividades envolvidas.

No entanto, na segunda narração, há uma oportunidade para uma reflexão mais profunda. O ato de recontar permite ao narrador revisitar a história com uma nova perspectiva, talvez informada pela reflexão anterior ou pela resposta dos outros à narrativa. Essa segunda narrativa pode revelar novas camadas de significado, oferecer novas interpretações dos eventos ou destacar aspectos da história que foram inicialmente negligenciados ou incompreendidos.

Neste sentido, a narrativa torna-se um processo vivo, uma jornada de auto exploração e autoconhecimento. Cada ato de narrar pode ser visto como uma oportunidade para "criar vida", para dar forma a experiências e memórias de maneiras que refletem o crescimento e a mudança contínuos do narrador.

Assim, discutir a reflexividade da narrativa é discutir como as histórias que contamos - e como as contamos - evoluem junto conosco, moldando e sendo moldadas por nossa compreensão de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. É um processo que destaca a interação contínua entre a experiência vivida e a expressão dessa experiência.

Sobre isso Venera (2009, p. 87), em um contexto de pesquisa com pessoas em situação de vulnerabilidade, diz que “As práticas narrativas de si são apenas uma das ferramentas que pessoas em condições de vulnerabilidade se utilizam quando suas identidades mais ou menos estáveis estão ameaçadas:”. Essa abordagem traz à tona um aspecto vital no estudo do patrimônio cultural: o uso das práticas narrativas de si por indivíduos em situações de vulnerabilidade. Embora as condições desta pesquisa não seja exatamente a vulnerabilidade, mas existem nas narrativas das mulheres desta pesquisa uma situação de enfrentamento diante da condição dos filhos com necessidades especiais.

As práticas narrativas são empregadas como uma estratégia significativa para enfrentar períodos em que suas identidades, sejam elas estáveis ou não, são colocadas em circunstâncias desafiadoras, utilização dessas narrativas pessoais, particularmente através de testemunhos, é ressaltada como uma forma essencial de expressão e reafirmação das identidades, especialmente em circunstâncias desafiadoras.

Em contextos em que tanto o patrimônio cultural quanto as identidades individuais e coletivas estão ameaçadas, o ato de contar experiências pessoais transcende a preservação da memória. Ele se converte em um ato de resistência e uma afirmação da existência.

Além disso, o estudo propõe que essas práticas narrativas oferecem uma compreensão mais abrangente sobre o patrimônio cultural, apresentando uma visão singular de como várias

comunidades valorizam, interpretam suas memórias existências diante de desafios tanto internos quanto externos.

O que eternizar a partir do que entendemos ser excepcionalidades, dentre as diferenças espetaculares. Seja uma obra de arte, uma arquitetura, uma obra que represente um tempo glorioso. No entanto, o que as histórias de vidas nos contam sobre nós? O que nos traduz de fato, o que aparece em todas as histórias de vidas é o comum, o banal, as redes de afetos diante da fragilidade humana, e do desamparo, além da capacidade de simbolizar esses afetos. (Venera,2009, p.85)

A citação ressalta uma dicotomia interessante entre o excepcional e o comum na experiência humana, e como ambos são fundamentais para entender nossa existência e história. Por um lado, temos as "excepcionalidades" – obras de arte, arquiteturas magníficas, eventos e momentos históricos que representam tempos gloriosos. Estes são frequentemente celebrados e eternizados, pois representam o ápice da criatividade, inovação e esplendor humano. Eles são os marcos que frequentemente estudamos e admiramos, servindo como inspiração e representação do que é possível alcançar.

No entanto, a autora traz à tona a importância do "comum" e do "banal" nas histórias de vida. A vida cotidiana, as relações afetivas, a fragilidade humana e a capacidade de simbolizar esses afetos são aspectos universais da experiência humana. Estes elementos, embora menos celebrados, são fundamentais para entender quem somos. Eles representam a realidade da maioria das vidas humanas e são a base sobre a qual as excepcionalidades se constroem.

A reflexão crítica aqui envolve reconhecer a importância de ambos os aspectos. Enquanto as excepcionalidades podem nos oferecer metas e inspiração, o comum e o banal nos oferecem compreensão e conexão. O comum é o que nos une, é onde encontramos empatia e identificação. Na verdade, a beleza e a arte muitas vezes surgem do banal quando olhadas sob uma nova luz. Aqui o comum se apresenta com um duplo significado, tanto se faz ver o ordinário como também o coletivo, aquilo que nos toca a todos como viventes e pelo qual inteiramos empatia.

As memórias não são estáticas; elas são dinâmicas, evoluindo e se adaptando com o tempo. A maneira como registrarmos um evento pode mudar com novas experiências, novos conhecimentos adquiridos e até mesmo com o processo de esquecimento. Assim, a memória é um processo ativo, uma interação constante entre o passado e o presente. Esta fluidez da memória desafia a noção de um passado objetivo e nos leva a considerar que a história é muitas

vezes uma narrativa construída, influenciada por diversos fatores como poder, cultura e contexto social.

A fala de Noe (2023) ilustra como a memória pessoal é moldada por eventos traumáticos e como essas lembranças são narradas e compreendidas no presente: “Eu tava em Canta Galo na minha irmã, ninguém queria ligar para mim. Meu filho ligou cedo e eu disse: a notícia não é boa, a notícia é má. O filho disse ‘queimou a casa da mãe’. Eu comecei a chorar, ele disse que os vereadores já estavam me ajudando.”

Este testemunho exemplifica a interação dinâmica entre passado e presente, onde a memória do evento traumático (o incêndio) é revivida e reinterpretada através da narrativa. A maneira como Noe recorda e compartilha essa experiência demonstra como as memórias são influenciadas pelo contexto emocional e social do momento em que são evocadas. A intervenção dos vereadores e a reação emocional de Noe mostram como fatores externos e internos moldam a construção e a expressão da memória.

A narrativa de Noe também destaca a importância do testemunho como uma forma de expressão e reafirmação da identidade em circunstâncias desafiadoras. Ao compartilhar sua experiência, Noe não apenas reconstrói o passado, mas também reafirma sua identidade e agência em um contexto de perda e recuperação. Este processo narrativo permite que a memória seja um meio de conectar o passado com o presente, influenciado por interações sociais e culturais contínuas.

Ao mergulharmos na reflexão sobre as memórias, percebemos que elas transcendem a simples função de registrar o passado. As memórias são estruturas intrincadas que moldam significativamente nossa identidade, nossa maneira de ver o mundo e nossa compreensão da história.

Sejam memórias pessoais ou coletivas, elas estão profundamente entrelaçadas com experiências marcantes, repletas de emoções, muitas vezes, aprendizados valiosos, a fala de Noe nos faz refletir sobre as memórias pessoais, são ancoradas em experiências individuais, emoções e percepções. Elas são concretas a essência da nossa história pessoal, influenciando a forma como nós percebemos e interagimos com o mundo ao nosso redor.

Assim, ao estudar a história e a cultura humanas, é crucial não apenas celebrar os grandes feitos e criações, mas também entender e valorizar as experiências cotidianas e comuns. Essas experiências moldam a maioria das nossas vidas e são onde ocorrem as verdadeiras conexões humanas. Portanto, a verdadeira compreensão da humanidade requer a apreciação tanto do excepcional quanto do comum.

Ao abordarmos o campo do patrimônio cultural, nos deparamos com uma questão complexa e multifacetada: como lidar com memórias difíceis? Essas memórias, muitas vezes silenciadas ou esquecidas, representam um desafio significativo no contexto do Patrimônio Cultural. Elas não são facilmente narráveis, em parte devido à natureza dolorosa ou controversa dos eventos que representam. Isso leva a uma realidade onde, se uma experiência não se encaixa na estrutura narrativa tradicional ou não é facilmente articulada, muitas vezes não é considerada parte do patrimônio cultural. Conseqüentemente, essas memórias e identidades correm o risco de serem negligenciadas ou esquecidas.

Este problema é agravado pelo fato de que as práticas padrão de preservação do patrimônio cultural tendem a favorecer histórias e narrativas que são mais acessíveis e palatáveis. Como resultado, experiências que não se enquadram nesses parâmetros, especialmente aquelas relacionadas a traumas ou injustiças, podem ser excluídas do discurso patrimonial. Isso levanta uma questão crucial: como podemos acessar essas memórias e identidades "invisíveis" e garantir que elas sejam reconhecidas e preservadas como parte do nosso patrimônio cultural?

Neste contexto, as técnicas da arteterapia emergem como metodologia potente para acessar essas memórias difíceis. Embora a arteterapia tenha sido originalmente concebida como uma forma de terapia através da arte, sua aplicação no campo do patrimônio cultural revela uma capacidade notável de facilitar a expressão de experiências e memórias que são desafiadoras para verbalizar. Através de atividades artísticas, as pessoas são encorajadas a expressar simbolicamente suas experiências e emoções, o que pode levar ao surgimento de narrativas alternativas e à reconstrução de memórias que antes estavam ocultas ou silenciadas.

A metodologia, portanto, não apenas oferece um meio para indivíduos e comunidades acessarem e expressarem suas memórias, mas também desempenhou um papel vital na ampliação do escopo do que é considerado patrimônio cultural. Ao valorizar e incluir as narrativas que emergem da arteterapia, podemos começar a formar um entendimento mais inclusivo e representativo do patrimônio cultural. Isso é essencial para garantir que todas as vozes, especialmente aquelas que foram marginalizadas ou silenciadas, sejam ouvidas e reconhecidas na tapeçaria do nosso patrimônio coletivo.

O patrimônio possui alguma relação com a ideia da perda e com a demanda de passados restauradores ou reconciliados que ganham contornos políticos para a sua proteção ou salvaguarda. Ou seja, a constatação de que somos finitos, junto com o mundo e as formas de vidas que construímos, não é algo que aceitamos de pronto. Inventamos estratégias políticas para não resumir nossas produções em uma única geração. Nossa existência é fundada na ideia

de passados como experiências e projeções de futuros como expectativas de uma continuidade possível (Venera; Albuquerque, 2019, p.85).

Ao analisarmos o campo do Patrimônio Cultural, conforme discutido por Venera (2019, p. 85), somos levados a uma reflexão sobre sua natureza e as implicações de sua preservação. O patrimônio cultural está intrinsecamente ligado à ideia de finitude, não apenas da existência humana, mas também das manifestações culturais e históricas que nós, como sociedade, valorizamos.

Primeiramente, é fundamental entender que o Patrimônio Cultural é frequentemente visto sob a luz da perda e da necessidade de salvaguarda. Esta percepção emerge do reconhecimento da nossa finitude e da transitoriedade do mundo e das culturas que construímos. A preservação do patrimônio, portanto, é uma resposta à constatação de que, sem esforços ativos e conscientes, elementos significativos da nossa história, identidade e tradição podem ser perdidos.

Além disso, envolve a demanda por passados restauradores ou reconciliados, aspecto que ganha contornos políticos em sua proteção e preservação. Esta dimensão abrange não apenas a celebração do passado, mas também a reavaliação e, em muitos casos, a correção de injustiças históricas ou o reconhecimento de contribuições culturais que foram previamente ignoradas ou marginalizadas.

Neste contexto, a proteção e salvaguarda do Patrimônio Cultural são frequentemente embasadas em estratégias políticas. Estas estratégias visam garantir que as realizações e expressões culturais de uma geração se estendam além de sua existência temporal, assegurando sua valorização e reconhecimento por gerações futuras.

Finalmente, a citação de Venera (2019) ressalta a ideia de que nossa existência é moldada pela compreensão dos passados como experiências vividas e dos futuros como expectativas de continuidade, assim, torna-se um elo vital entre o passado e o futuro, preservando as lições, memórias e realizações do passado, enquanto projeta sua relevância e influência para o futuro.

Portanto, é essencial reconhecer a complexidade do Patrimônio Cultural, bem como a sua íntima relação com a finitude, a necessidade de preservação e a política envolvida na proteção e salvaguarda desse patrimônio para as gerações vindouras. Ao estudar o patrimônio cultural, consideramos todas estas dimensões para compreender plenamente seu significado e a sua importância na sociedade.

### 3.2 PROMOVEDO A ESCUTA EMPÁTICA: A IMPORTÂNCIA DE EXPERIÊNCIAS DE MEMÓRIAS.

Promover a escuta empática das narrativas é uma prática fundamental para compreender a riqueza e a diversidade das experiências humanas. As memórias, sejam elas pessoais ou coletivas, são muito mais do que simples registros do passado. Elas são vivências repletas de emoções, percepções e contextos que moldam a identidade individual e coletiva. A capacidade de ouvir com empatia – ou seja, de se colocar no lugar do outro, tentando entender suas experiências e sentimentos sem julgamentos – é crucial para valorizar essas memórias.

Cada pessoa carrega um universo de histórias e experiências que são únicas. Quando compartilhamos nossas memórias, oferecemos uma janela para nossa visão de mundo, nossas vivências e nossos sentimentos. A escuta empática permite que essas histórias sejam recebidas com o respeito e a dignidade que merecem. Esse tipo de escuta cria um ambiente seguro, onde as pessoas podem compartilhar suas memórias mais íntimas e significativas sem o medo de serem mal interpretadas ou desvalorizadas.

Além disso, a escuta empática tem um papel vital na valorização das diversas narrativas dentro de uma sociedade. Em um mundo cada vez mais globalizado e multicultural, as diferentes perspectivas e experiências enriquecem o tecido social. Através da escuta, é possível apreciar a pluralidade de experiências, confirmando que cada pessoa ou grupo tem uma história válida e importante para contar.

Contudo, promover essa escuta não é uma tarefa simples. Existem inúmeras barreiras, como diferenças culturais, barreiras linguísticas e preconceitos, que podem dificultar a compreensão genuína das experiências alheias. Além disso, a vulnerabilidade envolvida no ato de compartilhar memórias pessoais pode ser intimidante tanto para quem conta quanto para quem ouve. Superar esses desafios é essencial para estabelecer um diálogo verdadeiramente empático e inclusivo.

Concluindo, a revisão da escuta empática nas narrativas é essencial para a construção de uma comunidade mais consciente, conectada e respeitosa. Ao dar voz e ouvidos às diversas experiências humanas, não apenas preservamos as memórias individuais e coletivas, mas também enriquecemos nossa compreensão mútua. Esse processo beneficia tanto quem compartilha suas histórias quanto quem as recebe, criando um ciclo virtuoso de empatia, compreensão e respeito mútuo, elementos fundamentais para uma sociedade mais justa e harmoniosa. Josso (2002) faz uma reflexão:

A hipótese do poder transformador está indissociável ligada ao conceito de experiência transformadora, segundo o qual qualquer prática deixa traços, que toda a tomada de consciência cria novas potencialidades, e que assim a transformação é um processo que se desdobra através de um caminhar interior mais ou menos consciente antes de se tornar visível ou outro. (Josso 2002, p.110)

A concepção da autora sobre a interconexão entre o poder transformador e a experiência transformadora oferece uma perspectiva enriquecedora sobre o impacto das experiências de formação do ser humano. Esta visão sugere que as experiências e vivências, possuem uma capacidade intrínseca de provocar mudanças profundas em nossa identidade. Essas transformações vão além de alterações superficiais; elas têm o potencial de influência de maneira substancial no curso de nossas vidas.

A ideia de que “qualquer prática deixa traços” é crucial nessa discussão. Ela sugere que todas as ações, experiências e interações internas para a construção do nosso eu interior. Esses traços se manifestam de inúmeras maneiras, incluindo memórias, aprendizados adquiridos, mudanças na percepção ou desenvolvimento de habilidades. Este conceito enfatiza a importância de cada experiência vívida, independentemente de seu significado aparente ou impacto imediato.

Realçando o papel vital da tomada de consciência na geração de novas potencialidades. Isso implica que ao nos tornarmos mais conscientes de nossas experiências, reflexões e emoções, abrimos caminho para novas formas de existir e atuar no mundo. Essa conscientização pode emergir de um processo introspectivo, de aprendizagem ou de insights significativos, e é fundamental para o desenvolvimento e crescimento pessoal.

Josso (2002) descreve a transformação como um processo predominantemente interno, que muitas vezes ocorre de forma subconsciente, antes de se manifestar externamente. Este processo pode ser gradual e sutil, mas é essencial para mudanças significativas em nosso modo de vida, pensamento e comportamento.

A citação aponta que a transformação interna eventualmente se tornará visível externamente. As mudanças que vivenciamos internamente não ficam perpetuamente ocultas; elas começam a influenciar-nos.

Para mim foi uma coisa maravilhosa porque eu andava muito, deprimida tava com depressão muito doente foi uma hora que você me puxou me incentivou eu pensei...será vou nisso ai? ai eu pensei eu vou para ver se eu lembro alguma coisa com tempo eu fiquei doente eu perdi quase a noção de memoriar oque agente faz, eu fazia meu trabalho artesanato, bonecas de casal de galinha

outras coisa, com o tempo eu perdi e com sua chegada começou puxar pela minha memória eu comecei a fazer esses simples desenhos (Angel, 2023).

A história de Angel oferece um olhar revelador sobre como o envolvimento com o fazer artístico e narrativo, intrinsecamente ligado às nossas memórias, pode ser um veículo para a transformação pessoal. Esta intersecção entre arte, memória e história é uma área rica em insights, demonstrando como a expressão criativa pode servir como uma chave para desbloquear e reconfigurar nosso entendimento interior.

Quando Angel retoma suas atividades artísticas, ela não apenas se reconecta com uma paixão passada, mas também inicia um processo de reconexão com suas próprias memórias e identidade. Este reencontro com a arte atua como um experimental para a recuperação de partes de si que foram obscuras pela depressão. A arte, neste contexto, torna-se um meio de exploração e expressão de emoções, experiências passadas e aspectos da personalidade que estavam latentes ou esquecidos.

A memória desempenha um papel crucial neste processo. Ela não é apenas um registro do passado, mas uma entidade viva que molda nossa percepção de quem estamos no presente. Ao se engajar na criação artística, Angel não está apenas lembrando sua identidade, mas também reconstruindo sua identidade. O ato de criar torna-se uma forma de diálogo com o eu interior, onde memórias e experiências são reavaliadas e reinterpretadas.

Essa expressão artística não é apenas um reflexo da experiência interna de Angel; é também um meio de revisita de si mesmo. Ao traduzir suas emoções e memórias em arte, ela inicia um processo reflexivo, enfrentando e processando sentimentos e pensamentos que de outra forma poderiam permanecer inexpressivos.

Para concluir, o relato de Angel ilustra de forma eloquente a capacidade transformadora do fazer artístico quando entrelaçado com as memórias pessoais. A arte se revela não apenas como um meio de expressão estética, mas como um suporte para o autoconhecimento, e a transformação pessoal. Ela oferece uma janela para o entendimento do eu, um espaço onde memórias e experiências não são apenas lembradas, mas reinventadas. É um testemunho da arte como um meio vital para explorar, compreender e redefinir a jornada pessoal.

Durante um de nossos encontros, Angel relatava sua história, despertando uma lembrança em Mg, memórias de uma fase específica de sua própria vida.

Eu não tinha força acho eu tava pesando 50 quilos, eu trabalhava tanto até os 57 anos, eu nesse dia eu fiz quatro quilômetros, e fiquei quatro anos sem sentir fome, sem sentir frio, eu não tinha força para levantar, não tinha força para tomar banho, hoje as pessoas dizem eu sou faladeira hoje eu tenho necessidade

de falar, porque eu fiquei quatro anos sem falar, eu trabalhei tanto que cai numa estafa física de tanto trabalhar (Mg, 2023).

Esse momento ilustra o poder da narrativa compartilhada em evocar memórias pessoais, ressaltando como as histórias de outras pessoas podem atuar como acontecimentos para a ressurgência de nossas próprias experiências passadas. Isto não apenas destaca a interconexão humana por meio de experiências compartilhadas, mas também a capacidade da memória de transcender o tempo e reviver momentos significativos do passado. Para Josso (2002, p.116) diz que “o trabalho biográfico de maneira muitas vezes não consciente ou confusa, pode ser a maior tomada de consciência oferecida pela abordagem de história de vida.”

O trabalho biográfico é um processo de introspecção e reflexão sobre a própria história de vida. Ele envolve análises passadas, decisões tomadas e eventos importantes que foram desenvolvidos para a formação da identidade e visão de mundo de um indivíduo. Este processo serve como uma ferramenta útil para a autocompreensão e a construção de um senso de identidade pessoal. Segundo Josso (2002) esse trabalho muitas vezes ocorre de forma inconsciente ou confusa, estabelecendo que a exploração da história de vida nem sempre é um processo claro ou linear.

O trabalho biográfico, como descrito, é um processo valioso de introspecção e reflexão sobre a história de vida de um indivíduo. Ele permite uma compreensão mais profunda da própria identidade e visão de mundo. Este processo, entretanto, pode ser complexo e não-linear, como apontado por Josso (2002).

Ao conectar este conceito com a arteterapia, a relação se torna ainda mais rica. A arteterapia, que envolve o uso da arte, oferecendo uma maneira tangível e expressiva para os indivíduos explorarem sua história de vida e identidade. Por meio da arte, as pessoas podem dar forma às experiências passadas, expressar emoções e pensamentos, e até mesmo desvendar aspectos inconscientes de suas vidas. A criação artística, portanto, pode ser uma extensão do trabalho biográfico, facilitando a introspecção e a autoexpressão.

Contos e narrativas, por sua vez, também desempenham um papel significativo neste contexto. Eles podem ser usados como uma metodologia para estruturar e reinterpretar a história de vida de alguém. Ao contar suas próprias histórias, ou ao se envolver com as histórias dos outros, as pessoas podem encontrar novos significados e perspectivas sobre suas experiências e identidade. Os contos oferecem uma estrutura narrativa que pode ajudar a organizar e dar sentido às complexidades da vida pessoal.

Por fim, a conexão com o patrimônio cultural enriquece ainda mais essa discussão. Ao se engajar com o patrimônio cultural, os indivíduos podem situar suas histórias pessoais dentro de um contexto mais amplo. Isso pode ajudar na compreensão de como as tradições, os valores e as experiências históricas coletivas influenciam a identidade pessoal e a visão de mundo.

Portanto, o trabalho biográfico, quando integrado com a arteterapia, a narrativa de contos e a apreciação do patrimônio cultural, oferece um caminho rico e multifacetado para a autoexploração e a construção de identidade. Essa abordagem holística permite uma compreensão de si mesmo tanto coletiva como individual, facilitando uma maior conexão com a própria história e com o mundo ao redor.

### 3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO MEMÓRIAS E IDENTIDADES SILENCIADAS.

Temos que ser igual água, o barco a água eu sobrevivi, e comecei a pegar um pouco de sabedoria, como eu queria chegar e fazer de novo eu comecei a analisar e comecei a fazer este simples trabalho (Angel, 2023).

A contextualização de memórias e identidades silenciadas é um campo essencial para a compreensão profunda de nossa história e sociedade. Este tema abrange a forma como as narrativas históricas são construídas e como certas vozes e experiências são frequentemente marginalizadas ou completamente esquecidas.

O silenciamento de certas memórias pode ocorrer devido a diversos fatores, como discriminação racial, étnica, de gênero ou de classe. Este processo não se limita a um ato passivo de esquecimento, mas é uma ação ativa, que serve para manter certas estruturas de poder e privilégio. Assim, a recuperação dessas memórias silenciadas é um ato de resistência e justiça social.

Historiadores, antropólogos, sociólogos pesquisadores, desempenham um papel vital na recuperação dessas narrativas perdidas. Este processo pode envolver o uso de fontes orais, a reinterpretação de artistas culturais, a análise de documentos históricos sob uma nova ótica, e a colaboração com comunidades marginalizadas para recuperar suas próprias histórias. A recuperação dessas memórias enfrenta desafios significativos, incluindo a resistência das estruturas de poder condicional e a dificuldade de reconstruir narrativas a partir de fragmentos e testemunhos frequentemente incompletos.

Este trabalho é crucial para criar uma compreensão mais inclusiva e multifacetada da história, promovendo o diálogo e a reconciliação em sociedades divididas. A recontextualização de memórias e identidades silenciadas desafia as narrativas históricas, trazendo à luz

experiências e perspectivas muitas vezes esquecidas ou ignoradas. Este esforço contínuo não apenas enriquece nosso entendimento do passado, mas também informa e molda nossa abordagem às questões sociais e culturais contemporâneas, apontando para uma mais justa e inclusiva.

Nesse sentido Josso (2002, p. 62) “As narrativas de formação e o trabalho intersubjetivos de análise e de interpretação dão acesso a um conhecimento de si fonte de intervenção possível de seu vir-a-ser”.

A autora realça a importância das narrativas de formação e do trabalho intersubjetivo de análise e interpretação na construção do autoconhecimento e no desenvolvimento pessoal. Essa perspectiva coloca as histórias pessoais e a reflexão conjunta no centro do processo de compreender a si mesmo e de moldar o próprio futuro.

As "narrativas de formação" referem-se às histórias que contamos sobre nós mesmos, particularmente aquelas que explicam como nos tornamos quem somos hoje. Estas narrativas incluem nossas experiências, aprendizados, relações e todas as influências que moldaram nossa identidade ao longo do tempo. Ao construir e compartilhar essas narrativas, começamos a entender melhor nossos valores, crenças e motivações.

O "trabalho intersubjetivo de análise e interpretação" é igualmente crucial. Isso envolve não apenas a autoanálise, mas também a reflexão em conjunto com outros, seja em contextos, educacionais ou em conversas significativas com pessoas próximas. Esse processo de diálogo e reflexão conjunta ajuda a iluminar diferentes perspectivas, desafiando e refinando nosso entendimento de nós mesmos.

Josso (2002, p. 62) sugere que esse profundo autoconhecimento é "fonte de intervenção possível de seu vir-a-ser". Isso significa que, ao compreender melhor quem somos, ganhamos a capacidade de moldar ativamente nosso futuro. Não estamos simplesmente à mercê das circunstâncias; pelo contrário, com um entendimento claro de nossa identidade e trajetória, podemos tomar decisões mais informadas e intencionais sobre como queremos viver e quem queremos ser.

As narrativas que construímos sobre nossas vidas não são apenas relatos passivos do passado, mas ferramentas ativas para a criação de nosso futuro. Ao refletir sobre nossa história e identidade em um contexto intersubjetivo, abrimos caminho para um desenvolvimento pessoal significativo e deliberado.

Depois eu me casei que a Elizabete ficou doente, meu irmão ficou doente câncer, eu com meu problema ele com dele, e a história me fez lembrar de

quem me ajudava, ele era meu porto seguro este meu irmão, ele cuidava muito dela a minha família sempre me ajudou me apoiou e este meu irmão era muito amoroso ele era padrinho da Elizabete, e quando ele faleceu, minha cunhada ficou com depressão, e ela não tinha condições de cuidar dos filhos, ela tinha três crianças ai eles vierem morar com minha mãe, mais minha mãe já era de idade, doente ela quase morreu quando meu irmão morreu, então eu me senti no dever de cuidar dessas crianças, eu cuidava da parte escolar deles e da religiosa, minha irmã também ajudou, eu com meus problemas eles estava ai do lado...mais com fé em Deus, quando eu ia na missa eu não sentava só ficava de joelhos na missa. Depois passou (Trudes, 2023).

A arte serve como um meio expressivo para explorar e representar as narrativas pessoais. Através de diversas formas artísticas - pintura, escultura, música, dança, entre outras - os indivíduos podem dar forma visual, sonora ou física às suas experiências e emoções. A arte permite a expressão de aspectos da identidade e da experiência humana que muitas vezes são difíceis de verbalizar, facilitando uma compreensão mais profunda de si mesmo e do mundo.

A metodologia dos contos, por outro lado, oferece uma estrutura narrativa para a construção e interpretação de histórias de vida. Contar histórias é uma prática humana fundamental, e o uso de contos - sejam eles fictícios, autobiográficos ou uma combinação de ambos - permite explorar e reinterpretar experiências passadas, sonhos e aspirações. Através da narrativa, as pessoas podem reorganizar e dar sentido às suas experiências, encontrando novos significados e perspectivas sobre si mesmas e suas trajetórias.

Por fim, o patrimônio cultural oferece um contexto mais amplo para entender as histórias pessoais. Cada indivíduo é parte de uma cultura mais ampla, com suas próprias tradições, histórias e valores. Ao se engajar com o patrimônio cultural - seja através da arte, da história, da língua ou de tradições - as pessoas podem situar suas próprias narrativas dentro de um quadro maior, compreendendo melhor como as influências culturais moldaram suas identidades e visões de mundo.

Ao integrar a arte, a metodologia dos contos e o patrimônio cultural no processo de construção e interpretação das narrativas de formação, amplia-se a capacidade de introspecção e autoexpressão. Isso permite não apenas um autoconhecimento mais profundo, mas também uma maior apreciação da interconexão entre o individual e o coletivo, entre a história pessoal e a cultural. Assim, a arte, os contos e o patrimônio cultural se tornam ferramentas essenciais para o desenvolvimento pessoal e para a compreensão da teia complexa de histórias que formam a tapeçaria da experiência humana. Nesse sentido Josso nos diz

Emergência que dão acesso ao processo de descoberta e de busca ativa da realização do ser humano em potencialidades inesperadas. Para isso, devemos

ser capazes de imaginar de acreditar na possibilidade de poder, querer e ter, para desenvolver ou para adquirir, o saber -fazer, saber-pensar, saber-escutar, saber-imaginar, saber-avaliar, saber-perseverar, saber-amar, saber-protoger, saber-desejar ect [...] (Josso, 2009, p.63).

A citação de Josso (2009) aborda a ideia de que o ser humano possui um potencial inexplorado e capacidades inesperadas que podem emergir durante o processo de autodescoberta e busca ativa. Essa emergência de potencialidades leva à realização pessoal e ao desenvolvimento de uma série de habilidades ou saberes: saber-fazer, saber-pensar, saber-escutar, saber-imaginar, entre outros. Essas habilidades são fundamentais para o crescimento e a expressão plena do indivíduo.

Essa perspectiva pode ser efetivamente conectada com a metodologia da arteterapia e o uso de contos. A arteterapia, que envolve o uso da arte e o fazer artístico, proporciona um espaço para a exploração e expressão dessas potencialidades inesperadas. Através da arte, as pessoas podem experimentar e desenvolver diversas habilidades, como a criatividade (saber-imaginar), a expressão emocional (saber-expressar), a resolução de problemas (saber-fazer) e a introspecção (saber-pensar). A arte oferece um meio seguro e expressivo para explorar aspectos da sua história, permitindo que o indivíduo se conheça e se realize de maneiras que podem ser surpreendentes e reveladoras.

Os contos, por sua vez, proporcionam uma estrutura narrativa para a exploração da identidade e das experiências pessoais. Contar histórias permite aos indivíduos organizar e dar sentido às suas experiências, promovendo o saber-escutar (tanto a si mesmo quanto aos outros) e o saber-avaliar (interpretar e refletir sobre as histórias). Além disso, os contos podem ser usados para imaginar diferentes realidades e explorar desejos, medos e aspirações, fomentando o saber-desejar e o saber-imaginar.

A integração da arteterapia e dos contos no processo descrito por Josso (2009) amplia as possibilidades de autodescoberta e desenvolvimento pessoal. Através destas metodologias, os indivíduos podem acessar e desenvolver suas potencialidades de maneiras criativas e significativas, promovendo o crescimento pessoal e a realização do ser humano em sua plenitude. Assim, a autora ressalta a importância de um processo ativo de autoconhecimento e autodesenvolvimento, no qual a arte e os contos desempenham um papel crucial.

Apesar de tudo de tudo que eu passei eu tenho um castelo dentro de mim muito grande, eu queria trazer esses meus sobrinhos para cá, mais eles estavam estudando, ai minha filha mais velhas disse mãe eu cuido deles para você, eles cresceram e se casaram e hoje eles estão muito bem, então eu acredito que

resumindo tudo da esse colorido todo esse castelo porque eu sinto assim tudo vitória pra mim tudo foi tudo grandioso... (Trudes, 2023).

**Figura 26** - Trudes na construção do seu castelo



Fonte: Schons, 2023.

A fala de Trudes reflete uma jornada pessoal marcada por desafios, superação e um senso profundo de realização, o que se conecta intimamente com as ideias expressas por Josso (2009) sobre a emergência de potencialidades inesperadas e o processo de descoberta pessoal.

Trudes menciona ter "um castelo dentro de mim muito grande", como mostra a figura 26, é uma metáfora que sugere uma riqueza interna, força e resiliência. Este "castelo" sugere como a soma das experiências de vida, aprendizados e conquistas pessoais, que, apesar das adversidades, contribuíram para um sentimento de vitória e grandeza interior.

Ao conectar isso com o pensamento de Josso (2009), podemos ver como a experiência de Trudes exemplifica a ideia de que as pessoas têm potencialidades inesperadas que podem ser reveladas ao longo da vida. Trudes cuidou de seus sobrinhos e apoiou sua família, demonstrando habilidades como o "saber-amar" e o "saber-protetor", mencionados por Josso (2009). Através destas ações, ela não só contribuiu para o bem-estar de sua família, mas também fortaleceu seu próprio senso de realização e propósito.

Além disso, a capacidade de Trudes de ver sua vida como "tudo vitória" e "tudo grandioso" reflete o "saber-avaliar" e o "saber-perseverar" que a autora descreve como cruciais para a realização do ser humano. Ela avalia sua jornada com uma perspectiva positiva, valorizando suas experiências e o impacto que teve sobre os outros.

Portanto, a história de Trudes é um exemplo vivo das ideias da autora sobre o desenvolvimento pessoal. Ela demonstra como os desafios da vida podem ser transformados em oportunidades para o crescimento, a descoberta de novas habilidades e a construção de um legado significativo. A narrativa de Trudes ilustra como a resiliência, o amor e o compromisso com os outros podem ser fontes de força interna e realização pessoal. Josso faz uma reflexão:

O que está em jogo nesse conhecimento de si não é somente compreender como nós formamos e nós transformamos, ao longo da nossa vida, mediante um conjunto de vividos, transformamos em experiências, mas também tomar consciência de que esse reconhecimento de nós mesmos como sujeitos encarnados (Josso, 2009, p. 65).

A citação destaca a profundidade do processo de autoconhecimento, enfatizando que ele vai além da compreensão de como nos desenvolvemos e mudamos ao longo da vida, aponta que o autoconhecimento não envolve apenas a transformação de vivências em experiências significativas, mas também a tomada de consciência de nós mesmos como seres integrados, unindo mente, corpo e emoções.

Conectando essa ideia com a arteterapia, vemos como essa abordagem pode ser eficaz para explorar e desenvolver esse tipo de conhecimento sobre nós mesmos. A arteterapia, que utiliza a arte como meio de expressão e exploração psicológica, oferece uma maneira holística de entender o ser humano em sua totalidade. Ela permite a expressão de pensamentos e sentimentos que muitas vezes são difíceis de articular com palavras, facilitando a integração de experiências vividas.

O ato de criar artisticamente se torna um veículo para os sujeitos refletirem sobre suas experiências de vida, emoções e pensamentos. Este processo criativo pode ajudar na compreensão das mudanças pessoais ao longo do tempo e na identificação dos diversos aspectos de sua personalidade e experiência humana.

Adicionalmente, a arteterapia coloca uma ênfase especial na experiência corporal e sensorial presente na criação artística, alinhando-se com a concepção de Josso (2009) de reconhecer-se como um ser integrado. O fazer artístico promove uma reflexão não apenas da mente, mas também o corpo, promovendo uma maior consciência das emoções e sensações físicas. Portanto, a autora ressalta a complexidade do conhecimento sobre si mesmo,

abrangendo tanto aspectos mentais quanto físicos e emocionais. A arteterapia oferece um caminho para explorar essa complexidade, auxiliando as pessoas a compreenderem-se melhor como seres completos e a transformarem suas vivências em oportunidades de crescimento pessoal e introspecção.

“No primeiro desenho que eu fiz eu não percebi...no segundo desenho começou a me dar vida, tanta coisa bonita que pode fazer então voltou de novo aqueles três anos atrás hoje eu to feliz hoje...eu renasci de novo...obrigado” (Angel, 2023). A experiência de Angel com o desenho e a arte reflete fortemente as ideias expressas por Josso (2009) sobre o autoconhecimento e a descoberta de si mesmo. Angel descreve um processo de renascimento e redescoberta através da arte, uma jornada que ressoa com a noção da autora de emergência de potencialidades inesperadas e o processo de descoberta pessoal.

Na citação de Angel, observamos uma progressão: no início, o desenho parece ser uma atividade sem grande impacto no primeiro desenho eu não percebi, mas gradualmente se transforma em uma fonte de vida e inspiração ("no segundo desenho começou a me dar vida") Angel. Isso ilustra o que Josso (2009) menciona sobre a transformação de vivências em experiências significativas. A arte, neste caso o desenho, torna-se um meio para Angel explorar e expressar suas emoções, pensamentos e, em última análise, descobrir novas facetas de si mesmo.

A fala de Angel sobre se sentir renascida e feliz após esse processo artístico está em harmonia com a ideia da autora de reconhecimento de si mesmo como um ser integrado. Através da arteterapia e da expressão artística, Angel conseguiu não apenas processar experiências passadas, mas também alcançar um estado de maior autoconsciência e realização. Isso demonstra a capacidade da arte e da arteterapia de atuar como uma metodologia aplicável para o autoconhecimento e a transformação pessoal.

Portanto, a experiência de Angel com o desenho conecta-se intimamente com a afirmação de Josso sobre o autoconhecimento. Ambos destacam a importância de atividades introspectivas e criativas, como a arte, no processo de descobrir e compreender melhor a si mesmo, abrindo caminho para a realização pessoal e a emergência de novas potencialidades.

As memórias silenciadas representam uma parte fundamental da tapeçaria da nossa história e cultura, mas muitas vezes permanecem escondidas ou são ignoradas. Essas memórias podem incluir as experiências de grupos marginalizados, histórias pessoais esquecidas ou aspectos da história que foram suprimidos ou negligenciados. A conexão destas memórias silenciadas com o patrimônio cultural é crucial para uma compreensão mais completa e justa de nossa sociedade e história.

O patrimônio cultural, que engloba tradições, arte, história e práticas de uma comunidade ou sociedade, é frequentemente visto como um reflexo dos aspectos mais celebrados ou dominantes de uma cultura. No entanto, para ter uma visão verdadeiramente abrangente e autêntica, é essencial reconhecer e integrar as memórias silenciadas. Isso não só enriquece nosso entendimento do patrimônio cultural, mas também promove uma maior inclusão e representatividade.

Ao trazer à tona essas memórias, podemos começar a desafiar as narrativas históricas estabelecidas e reconhecer a pluralidade de experiências e perspectivas que compõem nossa história coletiva. Isso pode ser feito por meio de diversas abordagens, como o incentivo à pesquisa e estudo de histórias menos conhecidas, a promoção de expressões artísticas e culturais de grupos sub-representados, e a criação de espaços onde vozes marginalizadas possam ser ouvidas e valorizadas.

A recuperação dessas memórias também tem um impacto profundo na identidade e pertencimento dos indivíduos. Ao reconhecer e celebrar as histórias e experiências de todos os grupos dentro de uma sociedade, as pessoas podem sentir uma maior conexão e representação dentro do seu patrimônio cultural. Isso pode fortalecer o senso de comunidade e pertencimento, além de promover a compreensão e o respeito mútuos entre diferentes grupos.

As memórias silenciadas são componentes essenciais do patrimônio cultural e da história. Sua integração e reconhecimento não só fornecem uma visão mais completa e autêntica do nosso passado, mas também promovem uma sociedade mais inclusiva e representativa. Reconhecer essas memórias é um passo vital para a construção de um futuro mais justo e consciente da diversidade e riqueza de todas as experiências humanas.

## REFLEXÕES FINAIS

No tecido multicolorido da nossa história, cada fio entrelaçado de memórias, contos e tradições forma o mosaico do nosso Patrimônio Cultural. Nesta tapeçaria, a arteterapia surge como um delicado pincel, deslizando sobre a tela da humanidade, revelando nuances esquecidas, colorindo os espaços silenciados, e dando vida às histórias não contadas.

A compreensão do patrimônio cultural, em toda a sua amplitude e complexidade, foi enriquecida pela consideração das memórias, histórias de vida e contos, além da aplicação da arteterapia como metodologia. Este estudo investigou a interseção desses elementos e explorou como eles contribuíram para a preservação, interpretação e enriquecimento do patrimônio cultural.

O patrimônio cultural é frequentemente associado a monumentos, artefatos e práticas tradicionais e excepcionais. No entanto, seu escopo vai além dos aspectos tangíveis ele engloba também as memórias coletivas, as histórias orais e as narrativas que formam a base da identidade e da experiência coletiva de uma comunidade ou sociedade. Essas memórias e histórias são tão vitais para o patrimônio cultural quanto os artefatos físicos, pois oferecem insights sobre as crenças, valores e experiências vividas que moldam a cultura.

Quando falamos de mulheres que participaram das oficinas de arteterapia, estamos adentrando um território repleto de emoções, desafios e, simultaneamente, de possibilidades de crescimento e fortalecimento. Essas mulheres algumas mães de filhos com deficiência frequentemente enfrentam uma jornada única, marcada por experiências que vão desde o cuidado intenso até a luta pela inclusão e aceitação de seus filhos na sociedade.

As oficinas de arteterapia proporcionaram a elas um espaço seguro e acolhedor para fazerem um revisitamento de suas histórias e memórias, compartilhar experiências e explorar seus sentimentos de maneira criativa.

A arte, neste contexto, serve como uma forma de expressão para externalizar pensamentos e emoções que muitas vezes são difíceis de verbalizar. Para muitas dessas mulheres, a jornada de criar um filho com deficiência envolve lidar com estresse, incerteza e, em muitos casos, isolamento social. As oficinas de arteterapia ofereceu um ambiente de suporte e compreensão, onde podem conectar-se com outras participantes que vivenciam desafios semelhantes. Esta conexão ajuda a criar uma rede de apoio, reduzindo sentimentos de solidão e incompreensão.

Além disso, a arte permitiu que elas explorassem aspectos de sua própria identidade que vão além do papel de cuidadoras. Através da expressão artística, puderam redescobrir paixões,

talentos e interesses pessoais, muitas vezes deixados de lado devido às demandas do dia a dia, como cuidar dos filhos, da casa e outros afazeres. Esse processo é vital para o bem-estar emocional, pois contribui para o equilíbrio entre o cuidado com o outro e o autocuidado.

As oficinas foi um espaço para celebrar as conquistas e reconhecer os desafios enfrentados. Através da arte, as participantes criaram representações visuais das suas lutas e vitórias. Isso pode ser extremamente validador e empoderador

, oferecendo um novo olhar sobre suas experiências e reforçando a resiliência e a força que possuem.

Em suma, as oficinas de arteterapia para as mulheres são mais do que apenas um espaço para a criação artística; de conexão comunitária. Elas oferecem um caminho para a expressão, a reflexão e o fortalecimento, permitindo a elas encontrem voz e valorização em suas jornadas únicas.

A recuperação e a valorização das memórias silenciadas desempenham um papel fundamental neste contexto. Muitas vezes, as histórias de grupos marginalizados ou esquecidos são omitidas das narrativas culturais dominantes. Ao resgatar essas memórias, podemos construir uma compreensão mais abrangente e diversificada do nosso Patrimônio Cultural. Isso não só corrige as omissões históricas, mas também enriquece o tecido cultural, trazendo à luz a pluralidade de experiências e novas perspectivas.

Os contos, por sua vez, foi um meio de expressar e transmitir o Patrimônio Cultural literário. Eles capturam as tradições, lendas, crenças e histórias que são transmitidas de geração em geração, servindo como um elo entre o passado e o presente. A narrativa de contos ofereceu uma janela para o mundo interior das mulheres refletindo suas esperanças, medos, valores e sonhos. Além disso, os contos têm a capacidade de evoluir e se adaptar ao longo do tempo, refletindo as mudanças na sociedade e mantendo a relevância cultural.

Nesse cenário, a arteterapia emerge como uma metodologia aplicável e inovadora no campo do Patrimônio Cultural. Como uma abordagem que emprega a expressão artística para promover a comunicação, o autoconhecimento e o bem-estar emocional podendo ser aplicada na exploração e expressão de memórias culturais e histórias pessoais. Através da arte, os indivíduos podem dar forma às suas experiências e emoções, proporcionando um meio tangível para a expressão de aspectos intangíveis do patrimônio cultural.

Além disso, a arteterapia oferece uma plataforma para a interação entre o individual e o coletivo. Ao criar arte que reflete as histórias e memórias pessoais, os indivíduos não só se engajam em um processo de auto exploração, mas também contribuem para o diálogo cultural

mais amplo. Essa interação pode fomentar a compreensão e a apreciação de diferentes aspectos do patrimônio cultural, promovendo um senso de comunidade e pertencimento.

A integração da metodologia da arteterapia no estudo e na preservação do Patrimônio Cultural também ajuda a abordar as lacunas na nossa compreensão histórica. Ao utilizar a arte como uma expressão para explorar memórias e experiências, podemos acessar aspectos da cultura que podem não estar presentes nos registros históricos convencionais. Isso permite uma abordagem mais inclusiva do patrimônio cultural, reconhecendo a importância de todas as vozes e experiências na formação da tapeçaria cultural.

A interação entre memórias, histórias, contos no estudo do Patrimônio Cultural representa uma oportunidade singular para enriquecer nossa compreensão da herança cultural. Esta abordagem multifacetada não apenas amplia nossa visão sobre o patrimônio cultural, mas também fomenta a inclusão, a representatividade e a resiliência dentro do contexto cultural.

A arte, como meio de expressão, pode revelar as camadas sutis de memórias e histórias que constituem o tecido da nossa herança cultural. Muitas vezes, os métodos tradicionais de documentação e estudo do patrimônio cultural falham em capturar a riqueza e a diversidade das experiências individuais e coletivas. Há uma carência significativa na preservação de histórias e memórias que não se encaixam nos moldes convencionais, especialmente aquelas pertencentes a grupos marginalizados ou menos visíveis na sociedade.

A arte preenche essa lacuna ao permitir uma expressão mais pessoal e emocional dessas experiências. Ela oferece uma janela para vivências e percepções que, de outra forma, poderiam ser esquecidas ou ignoradas. Através do fazer artístico, por exemplo, é possível acessar e valorizar essas memórias e histórias, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e reconhecidas. Isso enriquece nossa compreensão do patrimônio cultural, tornando-o mais inclusivo e representativo da verdadeira diversidade e complexidade da nossa sociedade.

A incorporação de contos e narrativas no processo de arteterapia também enriquece o patrimônio cultural, adicionando uma dimensão narrativa que conecta o passado ao presente e ao futuro. Histórias e contos têm o poder de transmitir valores, ensinamentos da experiência humana, desempenhando um papel vital na manutenção e na transmissão da cultura.

Portanto, ao abordar o patrimônio cultural através destas lentes interdisciplinares, abrimos caminho para uma apreciação mais rica e profunda da nossa herança cultural. Essa abordagem ressalta a importância de compreender o Patrimônio Cultural em toda a sua diversidade e complexidade, garantindo que seja valorizado não apenas por suas manifestações tangíveis, mas também por suas ricas camadas de significado e experiência. Assim, a arteterapia, em conjunto com a valorização de memórias e contos, torna-se um instrumento

aplicável para a preservação e o enriquecimento do patrimônio cultural, refletindo a verdadeira riqueza da experiência humana em toda a sua diversidade.

Neste palco de cores e formas, onde o individual se entrelaça com o coletivo, a arte se torna a linguagem do inexprimível, o suspiro das memórias adormecidas. Ela não é apenas uma janela para a alma, mas também um espelho do mundo, refletindo a riqueza infinita de experiências que compõem o mosaico da existência humana.

Através da arteterapia e da arte, somos convidados a embarcar em uma jornada de redescoberta e reconexão com nosso patrimônio cultural. Este processo nos permite revisitar nossas raízes, reconhecendo a importância de cada voz e história. A arte não apenas nos ajuda a compreender melhor nosso passado, mas também nos prepara para um futuro onde todas as experiências são valorizadas e compreendidas.

Celebramos não apenas a arte como terapia, mas a terapia através da arte, numa sinfonia de expressões que ressoa através das eras, tecendo continuamente o tecido vibrante do nosso patrimônio cultural, embebido na riqueza e na diversidade da nossa inestimável humanidade.

Ao final, esta pesquisa destaca a importância de continuar explorando novas abordagens que integrem a arte, as histórias de vida e o Patrimônio Cultural não apenas como meios de compreender o passado, mas também como formas de promover a inclusão, diversidade e a valorização das experiências individuais e coletivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio De Janeiro: Paz e terra, 1980.

BERTAUX, Daniel. **Le récit de vie.** Paris: Dunod, 2016.

BONAVENTURE, Jette. **O que conta o conto? (vol 02):** variação sobre o tema mulher. São Paulo: Paulus, 2000.

BOSI, Ecleia. **O tempo vivo da memória:** Ensaio de psicologia social. São Paulo: Atelier Edura. 2003.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural.** São Paulo: Aleph, 2002.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas:** Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2019.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

CHUVA, Márcia. Patrimônio Cultural em perspectiva decolonial: historiando concepções e práticas. *In:* DUARTE, Alice (ed.). **Seminários DEP/FLUP.** Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras/DCTP, 2020. p. 16-35.

DAVET, Eloyse Caroline. **“Quem cuida da cuidadora?”** a construção da subjetividade de cuidadoras e o cuidado de si. Orientadora Raquel Alvarenga Sena Venera. 2020. 208p. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2020.

DELORY-MONBERGER, Christine. **As Histórias de vida:** da Invenção de si mesmo ao projeto de formação. Edufin: Porto Alegre: Edipars; Brasília 2014.

DELORY-MONBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de Projeto. Tradução de Maria Carolina Nogueira Dias e Helena C. Chamlian. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

DEL, Priore Mary. **Conversas e Histórias de Mulher.** 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2013.

FRANZ, Marie-Louise Von. **A interpretação dos Contos de Fada,** São Paulo: Paulus, 1990.

GUERRA, Camilla de Sena; DIAS, Maria Djair; FILHA, Maria de Oliveira Ferreira; ANDRADE, Fábila Barbosa de; REICHERT, Altamira Pereira da Silva; ARAÚJO, Verbena Santos. From the dream to reality: experience of mothers of children with disabilities. **Texto & Contexto - Enfermagem,** [S.L.], v. 24, n. 2, p. 459-466, jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO). DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072015000992014>. Disponível em: [www.scielo.br/j/tce/a/DMQ4DjQyYFbJ45VCdDKfhDg](http://www.scielo.br/j/tce/a/DMQ4DjQyYFbJ45VCdDKfhDg). Acesso em: 21 mai. 2022.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*. SILVA, Tomaz. T. (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008, p.103-133.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução Daniel Miranda e Willian Oliveira – Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio.: Apicuri, 2016.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. *In*: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Conexão Editorial, 2006. p. 1-224.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Direitos 2º edição EDUFRRN-Natal-RN 2009.

LAURENTIZ, Paulo. **Holarquia do Pensamento Artístico**. Campinas: UNICAMP, 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

MALDONADO, Maria Tereza P. **Psicologia da gravidez**. Petrópolis: Vozes, 1976.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO E ASSISTÊNCIA SOCIAL, FAMÍLIA E COMBATE À FOME. Benefício de Prestação Continuada (BPC). Publicado em: 25 nov. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/suas/beneficios-assistenciais/beneficio-assistencial-ao-idoso-e-a-pessoa-com-deficiencia-bpc#:~:text=O>. Acesso em: 01 maio 2024

MORANI Cibele; TONON, Alicia Santolini. O Serviço Social, Frente ao Transtorno do Espectro Autista na APAE de Presidente Prudente, com Visitas ao acesso as Políticas Públicas e seus Direitos Adquiridos. **Seminário Integrado** [Seminário Integrado entre Oficinas, Disciplinas e Estágio do curso de Serviço Social de Presidente Prudente.], v.9, n. 9, 2015. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/SemIntegrado/article/view/5144> Acesso em 17 dez. 2023.

PAÍN, Sara. **Os Fundamentos da arteterapia**. Trad. Giselle Unti. Petrópolis: Vozes, 2009.

PHILIPPINI, Ângela. **Arteterapia Métodos, Projetos e Processos**. Rio de Janeiro: Wak, 2003.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

RIEGL, Alois. **O Culto Moderno Dos Monumentos**: A sua essência e a sua origem: São Paulo: Perspectiva, 2014.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1, 2018.

SMITH, Laurajane. **The uses of heritage**. New York: Routledge, 2006.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena; SZYMCZAK, Maureen Bartz. A ativação valorativa das histórias de vidas no Museu da Pessoa. **Anais do Museu 158, Histórico Nacional Rio de Janeiro**, v. 51, n. [s.i], p. 174-190, dez. 2019. ISSN 2674-7022. Disponível em: <https://bit.ly/388zNse> . Acesso em: 03 fev. 2022.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena, ALBUQUERQUE Wesley Batista. O que as práticas narrativas de testemunhos dizem sobre o Patrimônio Cultural? **Revista Memória em Rede**. Pelotas v.11, n21. Jul/Dez 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/16588>. Acesso em 13 jan 2024.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferenças: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomasz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD Kathryn (Orgs.). **Identidade e Diferenças**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2012, p.7-72.

## ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** ARTETERAPIA COMO METODOLOGIA NO CAMPO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: MEMÓRIAS MATERNAS E CONTOS

**Pesquisador:** Daniani Schons da Silva

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 66128022.2.0000.5366

**Instituição Proponente:** FUNDACAO EDUCACIONAL DA REGIAO DE JOINVILLE - UNIVILLE

**Patrocinador Principal:** FUNDACAO DE AMPARO A PESQUISA E INOVACAO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.979.872

#### Apresentação do Projeto:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 5.909.195, liberado em 24/02/2023.

#### Objetivo da Pesquisa:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 5.909.195, liberado em 24/02/2023.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 5.909.195, liberado em 24/02/2023.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisadora enviou o orçamento detalhado conforme solicitado.

O cronograma indicou que a pesquisa de campo será realizada no período de 01 de junho a 29 de setembro de 2023.

A pesquisa pode ser executada.

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 5.909.195, liberado em 24/02/2023.

#### Recomendações:

Ao finalizar a pesquisa, o (a) pesquisador (a) responsável deve enviar ao Comitê de Ética, por meio do sistema Plataforma Brasil, o Relatório Final (modelo de documento na página do CEP no sítio da

**Endereço:** Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro  
**Bairro:** Zona Industrial **CEP:** 89.219-710  
**UF:** SC **Município:** JOINVILLE  
**Telefone:** (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br



Continuação do Parecer: 5.979.872

Univille Universidade).

Segundo a Resolução 466/12, no item

#### XI- DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

d) Elaborar e apresentar o relatório final;

Modelo de relatório para download na página do CEP no sítio da Univille Universidade.

#### Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto "ARTETERAPIA COMO METODOLOGIA NO CAMPO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: MEMÓRIAS MATERNAS E CONTOS", de CAAE "66128022.2.0000.5366" teve sua(s) pendência(s) esclarecida(s) pelo(a) pesquisador(a) "Daniani Schons da Silva", de acordo com a Resolução CNS 466/12 e complementares, portanto, encontra-se APROVADO.

Informamos que após leitura do parecer, é imprescindível a leitura do item "O Parecer do CEP" na página do Comitê no sítio da Univille, pois os procedimentos seguintes, no que se refere ao enquadramento do protocolo, estão disponíveis na página. Segue o link de acesso <http://www.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/proreitorias/prppg/setores/area-pesquisa/comite-etica-pesquisa/status-parecer/645062>

#### Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville - Univille, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

#### Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2056196.pdf	18/03/2023 11:03:26		Aceito
Outros	carta_resposta_.pdf	18/03/2023 11:02:44	Daniani Schons da Silva	Aceito
Orçamento	planilha_gastos_projeto.pdf	18/03/2023	Daniani Schons da Silva	Aceito

**Endereço:** Rua Paulo Malschitzki, n° 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro  
**Bairro:** Zona Industrial **CEP:** 89.219-710  
**UF:** SC **Município:** JOINVILLE  
**Telefone:** (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br



Continuação do Parecer: 5.979.872

Orçamento	planilha_gastos_projeto.pdf	11:01:13	Silva	Aceito
Cronograma	cronograma_mestrado.pdf	18/03/2023 10:59:48	Daniani Schons da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	proposta_de_dissertacao.pdf	15/12/2022 17:27:36	Daniani Schons da Silva	Aceito
Parecer Anterior	termo_de_concentimento_livre_e_esclar ecido.pdf	28/11/2022 20:38:59	Daniani Schons da Silva	Aceito
Declaração de concordância	declaracao_anuencia_instituicao.pdf	28/11/2022 20:26:47	Daniani Schons da Silva	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_para_pesquisa.pdf	28/11/2022 20:25:50	Daniani Schons da Silva	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

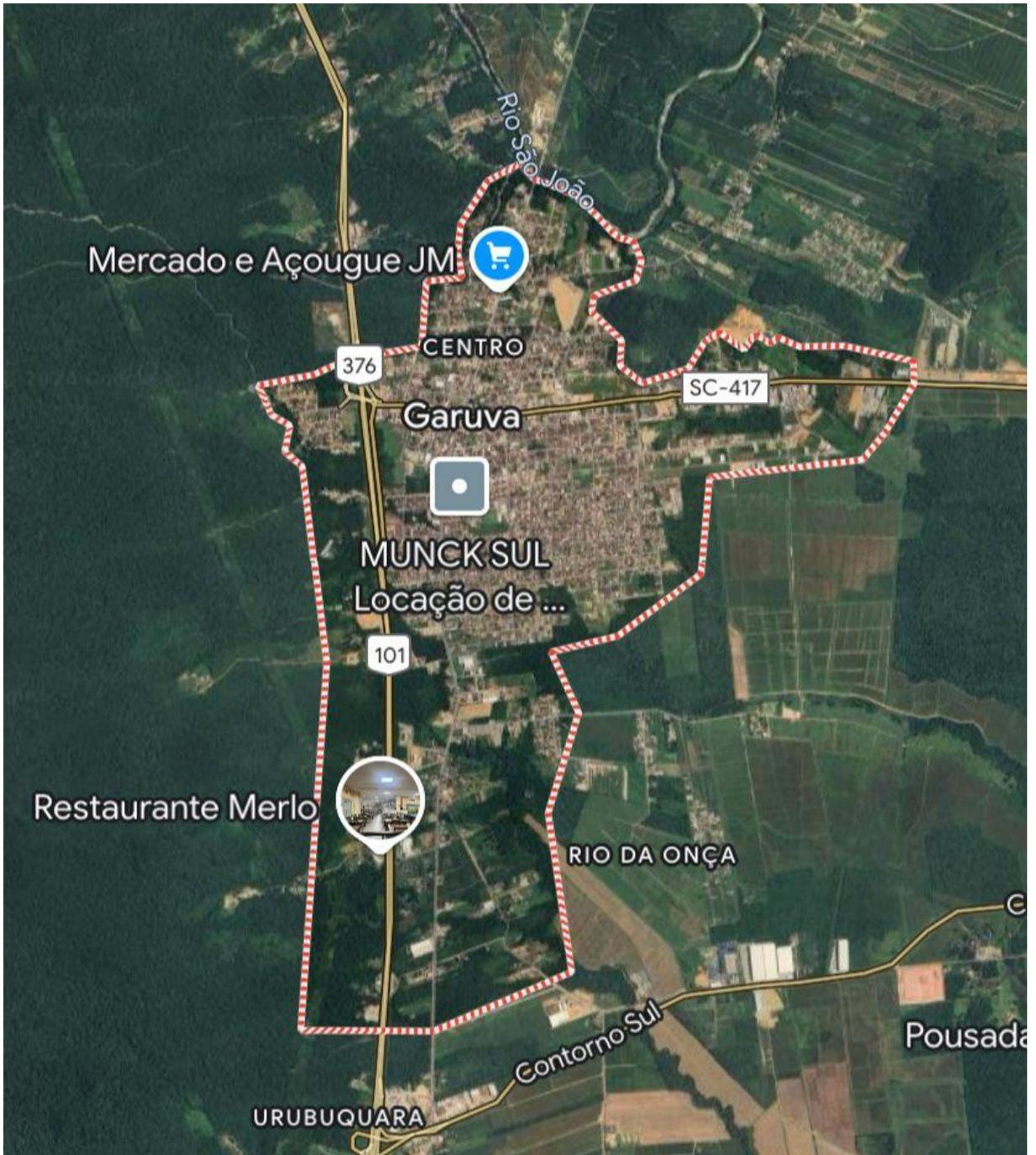
JOINVILLE, 03 de Abril de 2023

---

**Assinado por:**  
**Marcia Luciane Lange Silveira**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Paulo Malschitzki, n° 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro  
**Bairro:** Zona Industrial **CEP:** 89.219-710  
**UF:** SC **Município:** JOINVILLE  
**Telefone:** (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br

**ANEXO B – MAPA DE GARUVA.**



## ANEXO C – CONTO 01

## A MÃE D'ÁGUA

(Conto brasileiro)

Era uma vez um jovem pescador sem sorte. Acontecia-lhe de ficar noites inteiras sem pescar um peixe sequer.

Não era de estranhar que fosse pobre como um ratinho de igreja, não tendo nada mais no mundo do que sua choupana de bambu, algumas roupas rasgadas e um anzol.

Uma noite de lua cheia, muito tarde, quando tinha jogado em vão seu anzol horas a fio, ouviu um canto bem longínquo. Era um canto tão lindo, tão triste, tão doce, que o pescador esqueceu-se de sua fome e de sua má sorte.

Olhou em volta. Ninguém.

Esticou a orelha e parecia-lhe que o canto vinha de um rochedo no qual batiam as ondas.

Sem titubear, se jogou na água e nadou até o rochedo.

Lá, sentada diante da lua, havia uma jovem de uma beleza estranha; tinha cabelos cor de mar, olhos cor de água e uma pele clara como a Via Láctea.

— Você é um fantasma? Por que você canta de um modo tão triste? Posso ajudá-la? — perguntou o pescador.

A jovem olhou para ele com estranheza:

— Sou aquela que os marinheiros chamam de Mãe d'Água — disse por fim. — Nunca você encontrou flores brancas, velas, pentes e colares de pérolas azuis na areia? Os seres humanos oferecem-nas a mim pedindo riquezas e felicidade e nunca recusei atender a seus pedidos. Nunca, também, um mortal me agradeceu nem me ofereceu sua ajuda. Você é o primeiro a me perguntar o que eu gostaria, eu...

O jovem a ouviu em silêncio. Não ousava falar, temendo assustar a Mãe d'Água com voz de cristal.

— Suponho que você seja um pescador, e que não tenha pescado nada esta noite, senão não se atrasaria por aqui, disse, sorrindo. Adivinhei certo?

Balançou a cabeça, como a afirmar que era verdade.

— Você quer peixe?

Balançou a cabeça mais uma vez.

— Então, jogue o seu anzol no lugar em que eu vou mergulhar. Só pesque nas noites de luar, entre meia-noite e de manhãzinha — disse, desaparecendo por entre as ondas.

O pescador obedeceu. Era já quase de manhãzinha, e pescou tanto peixe, que, quando o horizonte empalideceu, não conseguia carregar tudo até sua casa.

Os meses se passaram. O jovem pescador se tornou próspero, mesmo só pescando nas noites de luar entre meia-noite e de manhãzinha. Comprou redes, um chapéu e uma calça novos. Refez o telhado de sua choupana. Deveria estar feliz, mas não estava: noite e dia, dia e noite, só ficava pensando na beleza e na voz cantante da Mãe d'Água.

Assim, quando numa noite de lua cheia ouviu seu canto longínquo, abandonou suas redes e nadou até o

rochedo. A Mãe d'Água parecia-lhe ainda mais triste. Quando acabou, ele se aproximou e disse:

— Minha vida mudou depois que a encontrei. Não sei como agradecer-lhe. Diga-me o que posso fazer por você.

— Você quer casar-se comigo? — perguntou ela depois de ter olhado para ele por um bom momento.

— Nada desejo mais do que isso! — respondeu o pescador, que pensava estar sonhando.

— Pois eis-nos como noivos. Venha me buscar à noite, entre quinta e sexta-feira, na lua cheia do mês que vem. Traga um vestido branco, verde ou azul, sem agulha, nem alfinete, nem nenhum outro objeto de ferro. E jure que nunca você vai me renegar, nem falar mal da gente que mora debaixo das águas.

— Juro! — disse o pescador.

Até teria jurado que a lua era quadrada.

Na noite que ela escolheu, ele se apresentou na orla do mar, carregando um vestido branco sem agulha, nem alfinete, nem nenhum outro objeto de ferro, enrolado num grande lençol. Pôs o vestido em cima do rochedo, e voltou-se para a praia.

De manhãzinha, a Mãe d'Água saiu do mar, gotejando dentro de seu vestido branco. O pescador a envolveu no seu lençol e a carregou até sua choupana. Estava tão feliz, que nem notou que no seu lugar havia uma bela casa, rodeada de campos, estábulos, jardins e pastos.

Viveram felizes. A Mãe d'Água cuidava da casa. Os empregados surgiram junto com a casa, obedecendo-lhe como a uma rainha. Tudo prosperava. Os estábulos e o galinheiro cresciam, as árvores estavam carregadas de frutos, o jardim transbordava de flores. Nos quartos, tapetes macios cobriam o chão de mármore, os cofres se enchiam de joias e de panos raros, os móveis cheiravam a cera boa.

O tempo passava. A Mãe d'Água deu dois belos filhos ao pescador, porém as suas bochechas sempre permaneciam lisas como na primeira noite de luar, quando se encontraram.

Graças à sua riqueza, o pescador não precisava mais ir pescar. Passava seu tempo cavalgando, nas suas terras, passeando e se divertindo... E a ficar bravo nas quintas-feiras de lua cheia.

Pois, nessas noites, a Mãe d'Água instalava-se diante da janela aberta e cantava olhando para o mar. Ela cantava bem baixinho, para não incomodar ninguém, mas não dava para não ouvi-la, pois seu canto era tão lindo e triste, que derreteria um coração de pedra.

No começo, seu marido achava nisto certo encanto: fazia lembrar seu encontro no rochedo. Mas, com o passar do tempo, cada vez mais o costume de sua mulher lhe pesava. Não gostava de se lembrar de seus dias de miséria.

— Você quer parar com suas lamentações, é tarde, quero dormir! Vá, feche a janela!

A Mãe d'Água nem respondia, nem se mexia, nem parava também. Continuava cantando baixinho, triste, até o levantar do dia. Era como se, no mar, ela tivesse nostalgia da terra, e, na terra, nostalgia do mar.

Isso se repetia todos os meses, durante anos.

O marido cada vez mais se aborrecia.

— Vá se deitar! Estou cheio de ouvir essa canção idiota! O que você tem para ficar se lamuriando diante do mar? Você é minha mulher ou um peixe?

E como ela só abaixava a voz, sem se afastar da janela, ele começou a sair sozinho todas as noites de lua cheia.

E logo também as outras noites.

A Mãe d'Água não se lastimava nem o repreendia. Que voltasse à meia-noite ou de manhãzinha, estava lá para esperá-lo, meiga e sorridente.

Uma noite, ele foi ao baile, sozinho, como já se tornara seu hábito; divertiu-se e dançou sem parar, e bebeu. O sol já estava bem alto no céu quando voltou para casa, bêbado e de mau humor.

— O que é essa porcaria de casa onde não se tem café nessa hora? — gritou ao chegar. — Quero meu café já! Com leite e bolo fresco, e bananas ao forno! Logo!

Era dia de feira. A cozinheira tinha ido fazer algumas compras, e os outros empregados estavam nos campos, alguns no estábulo, outros no jardim. A Mãe d'Água se pôs então ao trabalho. Seus dedos de fada amassaram a massa, acenderam o fogo, fizeram o café, arrumaram a mesa. Mas a sua paciência e sua gentileza só faziam aumentar a raiva do seu marido bêbado, fútil. Sentado numa poltrona perto da janela, murmurava consigo: "Preguiçosa. Cantadora. Misteriosa. Uma vagabunda sem fogo, uma estranha com cabelos azuis, vai saber o que está cozinhando... Enfim, bem feito para mim! O que eu tinha ao me casar com uma coisa do mar? Gente do fundo do mar, como ela diz. Húmida. Informe. Sem alma... Há, há, há! Sem alma! Eu a renego!"

Apenas tinha pronunciado estas palavras, a Mãe d'Água se tornou branca como um muro pintado de cal. Sua boca se abriu para gritar, mas só saíram alguns murmúrios baixos, cantantes, como o barulho do mar batendo nos rochedos, em noites de luar:

Zou zou zou,  
Calunga!  
Olha o mungueledo,  
Calunga!  
Ó vocês minha gente,  
Calunga!  
Voltemos,  
Calunga...

Ela começou a andar devagar para o mar, como uma sonâmbula, e atrás dela os filhos, o jardineiro, a cozinheira, a passadeira, o caseiro...

O homem como que despertou de sua bebedeira. Correu atrás da Mãe d'Água gritando:

— Não vá embora! Estava bêbado! Não vou nunca mais falar assim!

Ela nem deu a volta. Avançou em direção ao mar, como que ausente, andando e cantando cada vez mais rápido:

Zou zou zou,  
Calunga!  
Olha o homem sem palavras,  
Calunga!  
Ô vocês todos meus animais,  
Calunga!  
Voltemos,  
Calunga...

Atrás dela vinham o cachorro e o gato, as vacas e os cavalos, as galinhas e os patos, até o loro e a tartaruga junto com as crianças que costumavam brincar...

— Não vá embora! Você é minha mulher! Você não pode me deixar! — gritou o homem, procurando em vão alcançá-los.

A Mãe d'Água nem olhou para ele. Parecia deslizar sobre o vento que soprava em direção ao mar, e sua canção se tornava cada vez mais longínqua:

Zou zou zou,  
Calunga!  
Olha o mungueledo,  
Calunga!  
Ô vocês todos os meus bens,  
Calunga!  
Voltemos,  
Calunga...

50

As cadeiras, as mesas, os cofres e as roupas saíram voando pelas janelas, cujas cortinas voavam como o véu de uma noiva invisível. A casa tremeu, foi arrancada do chão e se pôs em movimento, levando atrás o galinheiro e o estábulo, as árvores e as flores para o mar, pulando e dançando, e mergulharam devagar nas ondas, que se fecharam sobre eles como uma tampa de vidro.

Só permaneceu o eco de uma canção, suspenso no ar como uma nuvenzinha.

Um canto lindo e triste, que cortaria até um coração de pedra. Depois tudo ficou calado, o canto também.

Na praia deserta, um pescador com roupas rasgadas olhava alternadamente para o mar liso e calmo, e para a velha choupana de bambu meio escondida entre as dunas de areia.

O encontro com a Mãe d'Água ocorreu porque um jovem pescador bem pobre ia pescar todas as noites e nenhum peixe pegava na sua rede. Numa noite de lua cheia, daquelas noites feitas para o namoro, mas que ele usava para tentar pescar, de repente ouviu um canto. Ficou imediatamente fascinado pelo canto, chegando a esquecer a sua fome e a sua própria miséria. Era uma voz feminina, vinda de algum lugar do mar. Tamanho foi seu encanto, que procurou saber de onde vinha, mas não enxergava nada, pois era de noite. Ficou apenas encantado pelo canto, sua beleza, sua doçura e sua tristeza também. Era uma voz que vinha de longe como para acordar nele mesmo uma dimensão que lhe fez desviar seu próprio olhar somente virado para a sua barriga e sua roupa; um mistério tomou conta dele. Se ele não tivesse percebido este canto, provavelmente a sua vida não teria se transformado. O que lhe fez prestar atenção foi estar na miséria, senão teria passado ao lado. A pobreza

51

## ANEXO D - CONTO 02

### Capítulo 3 A MÃE NATUREZA

E a voz da mulher, profunda, sedutora, retruca em tom tranquilo e seguro: "Eu me sento no chão, de pernas cruzadas, e aprofundo minhas raízes nos túmulos; recebo, imóvel, a semente e a nutro. Sou toda leite e necessidade. Anseio por voltar atrás, descer até o animal e ir mais baixo, até a árvore, as raízes e o solo, não mais mover-me. Pego o sopro e o domínio; não o deixarei voar; odeio a chama que sobe. Eu sou a Matriz!" (Nikos Kazantzakis: *Ascensão*, ed. Ática, São Paulo, 1997, p. 56)

No conto sobre a Mãe d'Água entramos em contato com o que poderíamos chamar a Grande Mãe, aquela mãe que com sua generosidade, alimenta os seres humanos ou eventualmente os afoga, conforme o trato que lhe é dado. Não se insiste tanto no seu modo de ser mãe com uma criança. O conto a seguir mostra os dois tipos de mães, aquela que cuida dos filhos, e a outra, que está ligada à generosidade e maternidade da própria natureza.

Tanto esta vivia com seu filhinho se encontra na miséria como o pescador do conto anterior, mas diferem muito no seu modo de receber a visita da Grande Mãe. Vejamos a seguir.

64

### COMO A MULHER DO PESCADOR SALVOU A CRIANÇA DA RAINHA DOS ELFOS (Conto escocês)

Num dia de inverno, a jovem mulher de um pescador se curvou sobre o berço de seu filho. Fora, o vento soprava, o mar roncava, as ondas quebravam-se contra os rochedos, e a jovem chorava lágrimas quentes.

— Meu filhinho, meu solzinho — murmurava —, como é que vamos viver, o que vai ser de nós, agora que o mar engoliu teu pai, nosso sustento na família?

No mesmo momento deu um pulo, porque acabara de ouvir na porta um leve toc-toc-toc!

— Quem é? Quem está batendo? — disse, assustada.

Abriu um pouco a porta e, à luz da lareira, percebeu uma mulherzinha muito pequenina, branca como uma estátua e que carregava uma criança nos braços. A desconhecida entrou na cabana.

— Ajuda-me, boa mulher — suplicou —, estou doente e não me sinto mais capaz de manter sozinha minha criança em vida. A mulher do pescador nem parou para pensar. Pegou nos próprios braços o neném, magrinho, vestido de seda verde, e lhe deu de comer como se fosse seu próprio filho. Depois o colocou no berço ao lado de seu filho, reanimou o fogo, colocou o resto da farinha que lhe sobrava numa panela, juntando um pedaço de peixe, verduras e, num curto espaço de tempo, tinha cozinhado uma sopa de peixe muito apetitosa. Depois preparou uma cama para a dama e, um momento mais tarde, todo o mundo adormeceu na cabana. De manhã, um choro de criança acordou a mulher do pescador. Deu uma olhada para a cama vizinha e teve um momento de espanto. Não havia mais rasto da visitante. Se não tivesse ouvido o choro do bebê, pensaria estar sonhando. Com

65

um suspiro, pegou as duas crianças e lhes deu de comer como se fossem gêmeos. Tendo-os deixado satisfeitos, examinou a cabana e nem podia acreditar no que estava vendo: na mesa, havia uma travessa cheia de farinha branca, um pão bem douradinho, manteiga fresca e mel tão bom, que nunca a pobre mulher havia saboreado algo parecido. Abaixo da coifa da chaminé estava pendurado um presunto defumado cujo cheiro gostoso enchia toda a casa, dando água na boca da moça. Agora levou o olhar em direção ao banquinho e viu roupas novas em cima de roupas de menino e para uma menina, todas de seda e lã bordadas, leves como papel. "Só pode ter sido a rainha dos elfos", pensou a mulher do pescador. A partir desse momento, não se conhecia mais a miséria na cabana. As crianças, bem nutridas, cresciam como plantinhas. A menina tinha a cara branca e rosa e os seus olhos brilhavam como a água de um lago.

Uma noite, o verão estava chegando, a mulher do pescador procurava fazer dormir as crianças cantando uma canção, quando ouviu na porta um leve toc-toc-toc! A jovem mulher se levantou, entreabriu a porta e encontrou-se de novo na frente de uma mulherzinha vestida de seda verde. A visitante sorriu para ela e seus olhos verdes brilhavam como as estrelas da noite.

— Vim agradecer-lhe, pois nos salvou, a minha filha e a mim, devolvendo-nos a vida. Agora estou vindo para retomar a minha filha, mas peço-lhe insistentemente que venha comigo assim como seu filho. Não tenha medo, todos vão estar de volta amanhã.

Esta vez tampouco a mulher do pescador parou para refletir. Vestiu rapidamente uma roupa, envolveu seu filho num pano e seguiu a dama até a montanha. Atravessaram uma floresta escura e acabaram chegando a um arbusto. Dentro dele abriu-se de repente um tipo de passagem. Esta foi se afastando diante delas e uma porta

de ferro se abriu. Elas entraram e o arbusto fechou-se atrás. A grama pisoteada se reergueu como se ninguém nunca tivesse passado por ali. A rainha dos elfos guiou a mulher do pescador através de um campo cheio de plantas. Havia árvores com frutas tão doces, que saíam delas gotas de mel. O trigo amadurecia nos campos, as espigas eram maiores do que um homem de estatura normal, e se dobravam como se fossem cabeças cheias de cabelos. Do castelo real ouvia-se uma música às vezes alegre, às vezes melancólica, fazendo os elfos dançarem suas danças imemoráveis. A mulher do pescador não sabia o que mais a deixava maravilhada: os tapetes e as cortinas eram espessos como a espuma do mar, as decorações das salas vinham de todos os cantos do mundo e eram suntuosas... A rainha os levou até a mesa principal, oferecendo-lhes pratos e bebidas como nunca tinham saboreado antes e como sem dúvida nem se encontram na mesa de um rei. Enquanto isso, as crianças dormiam num berço de ouro, decorado com pedras preciosas e panos de seda. Sem dúvida ambos tinham lindos sonhos, pois sorriam de bem-estar no seu sono. De manhã, a rainha dos elfos agradeceu mais uma vez a mulher do pescador.

— Agora, temos de nos separar — disse —, mas nunca vou esquecer a sua bondade. Quero que fique com uma lembrança de mim. Acho que o melhor serviço que posso lhe prestar é que você nunca possa ver o fundo de seus pratos, pois sempre estarão cheios de boas coisas. Você e seu filho não devem nunca conhecer o que é a fome. Além do mais, vou lhe fazer outro presente. Vou preparar um recipiente, cheio de remédios que as pessoas não conhecem. Tem propriedades tais, que curam feridas e ossos quebrados. Mas você e seu filho nunca vão precisar deles. Agora vão embora, e vivam em paz e com bondade.

Nesse instante o palácio real desapareceu dos olhos da mulher do pescador, e o denso arbusto se fechou de

novo. Encontrava-se, com seu filho, na montanha escura e apressou-se para voltar para casa. A reputação do homem que a mulher do pescador fazia com os remédios, os ungentos e as ervas, logo se espalhou pelas redondezas. De manhã até a noite e, frequentemente, da noite até de manhã, a jovem curava feridas e doenças. Salvou mais de um paciente da morte e continuava sempre tendo bastante remédio tanto para os pobres como para os ricos, que ela, além do mais, alimentava na sua mesa. Apesar de tudo o que era utilizado na sua casa, sua mesa e suas prateleiras permaneciam abarrotadas de alimentos. Assim, a mulher do pescador, seu filho e mais tarde seus netos, viveram com boa saúde até a velhice. Em toda a costa, não se conhecia melhor médico do que o filho da mulher do pescador, e sem dúvida nunca conhecerá um melhor.

Era um dia frio de inverno, com vento forte e muitas ondas no mar, e, provavelmente, naufrágios. Neste estado de tempo adverso, de medo e de desolação, uma pobre mulher desamparada chorava porque o pai de seu filho havia se afogado no mar, pescando. Não chorava tanto por perder seu marido, mas principalmente porque seu filho perdera seu pai. Ela estava agora sozinha e tinha de sustentar o filho, acostumada a ver o pai trazer peixes para casa. Estava sobretudo preocupada com a sobrevivência do filho, como qualquer mãe estaria.

Neste clima tenso e triste, alguém veio bater na porta de uma mulherzinha muito branca, sem colorido, parecendo até um fantasma. Ela tinha algo de semelhante com a Mãe d'Água do conto anterior. Uma mãe melancólica que surgia de repente, quando havia grande pobreza em algum lugar. No colo carregava uma criança doente. Ela estava mal, perdida, precisando de ajuda e de consolo

como a mulher do pescador. Uma estava num estado mais miserável do que a outra.

Quanta crueldade da vida! Esta mulherzinha que bateu na porta não tinha nem nome, nem nenhuma qualificação, a não ser que era pequena e sem cor. Pelo menos a outra mulher que acabou de ficar viúva tinha um nome: era a mulher do pescador, mas do pescador que naufragou! É comum nos contos de fada as personagens não terem nome. E como se fossem a representação da classe das pessoas cuja história de vida tem algo de semelhante. Permite, desse jeito, reconhecermos nossas próprias vivências nelas, e descobriremos que temos algo em comum. Aliás, quem não conheceu na vida, sobretudo de seu filho, e extremamente desolada, não sabendo o que fazer em momentos de doença, de problemas psicológicos, de sofrimentos dele? Ela se sente como órfã de alguém para lhe dar apoio, conselho, consolo, privada duma figura masculina que a ampare nessa hora. E nem sempre é porque o pai esteja morto ou ausente. Em algum lugar dentro dela bate a sensação que dela depende a sobrevivência do filho, o cuidado certo. Como neste conto, no meio da desolação, ela ainda foi tocada por algo de esquecido e desconhecido: a mulher lá fora na tempestade, e que quer entrar com sua filhinha doente. Essa criança, quem sabe não seria o lado da criança interna da mãe, que também foi tocado quando ela teve de cuidar de seu próprio filho, que ficou sem pai.

Veremos a seguir que o fato de a mulher do pescador aceitar cuidar da filha doente da mãe desconhecida, fez com que a vida mudasse para todos. O fato de ela aceitar com tão boa vontade cuidar de mais uma criança, quando nem sabia como sustentar-se a si mesma e a seu filho, fez com que algo mudasse essencialmente. O que lhe salvou foi precisamente sua atitude tão maternal, espontânea e

## ANEXO E - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES

### Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) a disponibilizar em ambiente digital institucional, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e/ou outras bases de dados científicas, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data 02/12/2024.

1. Identificação do material bibliográfico: ( ) Tese ( x ) Dissertação ( ) Trabalho de Conclusão

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Autor: Daniani Schons da Silva

Orientador: Raquel Alvarenga Sena Venera    Coorientador: Vinícios Armiliato

Data de Defesa: 28/08/2024

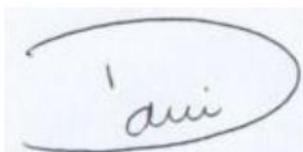
Título: \_ Cada Ponto Conta: Memória e Identidade de Mulheres na APAE de Garuva/ SC, em suas Artesania e Narrativas.

Instituição de Defesa: Univille

3. Informação de acesso ao documento:

Pode ser liberado para publicação integral ( x ) Sim ( ) Não

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese, dissertação ou relatório técnico.



Assinatura do autor

Joinville, 2 de dezembro de 2024

Local/Data